

AS CRÓNICAS DE DRAGONLANCE

Dragões ^{de} um Crepúsculo ^{de} Outono VOL. 1

MARGARET WEIS
& TRACY HICKMAN

Tradução de Mário Matos

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Para Laura, a verdadeira Laurana
– TRACY RAYE HICKMAN

*Para os meus filhos, David e Elizabeth Baldwin,
pela sua coragem e apoio*
– MARGARET WEIS





CÂNTICO DO DRAGÃO

*Ouvi o sábio enquanto a sua canção desce
como chuva do céu, ou como lágrimas,
e arrasta os anos, a poeira das muitas histórias
da Alta Lenda dos Dragonlance.
Pois em eras longínquas, para lá das memórias e das palavras,
no primeiro alvor do mundo
quando as três luas se erguiam do colo da floresta,
dragões, terríveis e grandiosos,
faziam a guerra a este mundo de Krynn.*

*Porém, da escuridão dos dragões,
de entre o clamor por luz
na face vazia da lua negra espreitando,
uma luz concentrada brilhou em Solamnia,
um cavaleiro de verdade e poder,
que convocou os próprios deuses
e forjou a poderosa Dragonlance, trespassando a alma
da espécie dos dragões, afastando a sombra das suas asas
das margens refulgentes de Krynn.*

*Assim Huma, Cavaleiro de Solamnia,
Portador da Luz, Primeiro Lanceiro;
seguiu a sua luz até ao sopé das montanhas Khalkist
até aos pés de pedra dos deuses,
até ao silêncio curvado dos seus templos.
Convocou os Criadores da Lança, tomou
os seus poderes inomináveis para esmagar o mal indescritível,
para arremessar a escuridão que se fechava
de regresso ao túnel da garganta do dragão.*

*Paladino, o Grande Deus do Bem,
resplandecia ao lado de Huma,
fortalecendo a lança do seu forte braço direito,
e Huma, radioso sob a luz de mil luas,
baniu a Rainha das Trevas,*

*baniu as suas ruidosas hostes uivantes
de volta ao reino sem sensações da morte, onde as suas maldições
seriam lançadas contra o vazio absoluto
e bem abaixo da terra iluminada.*

*Assim terminou em clamor a Era dos Sonhos
e começou a Era do Poder,
Em que Istar, reino da luz e da verdade, nasceu no leste,
onde minaretes brancos e dourados
se elevaram em direção ao Sol e à glória do Sol,
anunciando o fim do mal,
e Istar nutrindo e embalando
os longos verões do bem,
brilhou como um meteoro
nos alvos céus dos justos.*

*Porém, mesmo na plenitude da luz do Sol,
o Rei Sacerdote de Istar via sombras:
À noite via as árvores como coisas com punhais,
os riachos
escurecidos e agigantados sob a lua silenciosa.
Procurou nos Livros os caminhos de Huma,
códigos, sinais e magias
para que também ele pudesse invocar os deuses, pudesse encontrar
a ajuda deles nos seus sacros propósitos,
de purificar o mundo dos seus pecados.*

*Depois vieram os tempos das trevas e da morte,
quando os deuses voltaram as costas ao mundo.
Uma montanha de fogo caiu como um cometa sobre Istar,
a cidade abriu-se como um crânio em chamas,
montanhas ergueram-se de onde antes existiam vales férteis,
mares jorraram para dentro dos túmulos das montanhas,
desertos respiraram no fundo de mares abandonados,
as estradas de Krynn sacudiram-se
e tornaram-se os caminhos dos mortos.*

*Assim começou a Era do Desespero.
As estradas confundiram-se.
Os ventos e as tempestades de areia avançaram para o seio das cidades.
As planícies e as montanhas tornaram-se o nosso lar.*

*Enquanto os velhos deuses perdiam o poder,
clamávamos ao céu sem feições
para lá da fronteira fria e cinzenta, aos ouvidos dos novos deuses.
O céu está calmo, silencioso, imóvel.
Ainda estamos à espera da resposta deles.*

O Velho

Tika Waylan endireitou as costas com um suspiro e moveu os ombros para aliviar os músculos doridos. Atirou o trapo ensopado para o balde de água e olhou em redor para a sala vazia.

Estava a tornar-se cada vez mais difícil manter a velha estalagem em funcionamento. Havia muita dedicação esfregada no acabamento quente da madeira, mas nem mesmo a dedicação e o esforço conseguiam disfarçar as rachas e falhas das mesas muito usadas, ou impedir que um cliente se sentasse ocasionalmente sobre uma farpa. A Estalagem do Derradeiro Lar não era elegante; não era como algumas de que ouvira falar em Haven. Era confortável. A árvore viva sobre a qual estava construída fechava os braços antigos à sua volta carinhosamente, enquanto as paredes e decorações tinham sido construídas em volta do tronco com tanto cuidado que era impossível dizer onde parava o trabalho da natureza e onde começava o do homem. O bar parecia ir e vir como uma onda polida em volta da madeira viva que o suportava. Os vitrais coloridos de cada janela lançavam raios acolhedores de cores vibrantes pela sala.

As sombras recuavam agora, à medida que o meio-dia se aproximava. A Estalagem do Derradeiro Lar abriria em breve para os clientes. Tika olhou em volta e sorriu com satisfação. As mesas estavam limpas e polidas. A última coisa que lhe faltava fazer era varrer o chão. Começou a afastar os pesados bancos de madeira, quando Otik apareceu da cozinha, envolto num vapor fragrante.

— Vai ser mais um dia agitado. Tanto em relação ao tempo, como ao

negócio — disse Otik, enfiando o corpo possante, com esforço, por detrás do balcão. Começou a colocar canecas no balcão, assobiando alegremente.

— Preferia o negócio mais fresco e o tempo mais quente — disse Tika, empurrando um banco. — Dei cabo dos pés ontem e poucos agradecimentos tive, e ainda menos gorjetas! Que gente sombria! Todos nervosos, sobressaltados com cada ruído. Deixei cair uma caneca, ontem à noite, e juro que Retark sacou logo da espada!

— *Bah!* — desdenhou Otik. — Retark é um guarda Seguidor de Solace. Esses são sempre nervosos. Também tu serias, se tivesses de trabalhar para Hederick, esse fanático.

— Cuidado — avisou Tika.

Otik encolheu os ombros.

— A não ser que o Alto Teocrata agora consiga voar, não nos está a ouvir. E eu ouviria as botas dele nas escadas antes que ele me conseguisse ouvir. — Mas Tika notou que ele baixara a voz enquanto prosseguia: — Os residentes de Solace não suportarão muito mais, digo-te já. Pessoas que desaparecem, que são levadas para sabe-se lá onde. Tempos tristes, estes. — Abanou a cabeça. Depois, animou-se. — Mas bons para o negócio.

— Até que ele nos feche as portas — disse Tika sombriamente. Pegou na vassoura e começou a varrer com brusquidão.

— Até os teocratas precisam de encher a barriga e de lavar o fogo e as cinzas da garganta — brincou Otik. — Deve ser um trabalho que dá sede, isso de andar a arengar às pessoas sobre os Novos Deuses, de manhã à noite. Por isso aqui vem todas as noites.

Tika parou de varrer e encostou-se ao balcão.

— Otik — disse com seriedade, em voz baixa. — Há outras conversas, também. Fala-se de guerra. De exércitos que se reúnem no Norte. E há aqueles homens estranhos, encapuzados, na cidade, que andam com o Alto Teocrata, a fazer perguntas.

Otik olhou para a rapariga de dezanove anos com afeição, estendeu uma mão e fez-lhe uma festa na cara. Era um pai para ela, desde que o verdadeiro pai de Tika desaparecera misteriosamente. Afastou os caracóis ruivos da cara da rapariga.

— Guerra. *Bah.* — Riu-se com desdém. — Fala-se de guerra desde o Cataclismo. É apenas falatório, rapariga. Talvez seja o Teocrata que inventa isso para manter as pessoas na ordem.

— Não sei — respondeu Tika, franzindo o sobrolho. — Eu...

A porta abriu-se.

Tika e Otik estremeceram, alarmados, e viraram-se para a porta. Não tinham ouvido passos na escada, e isso era estranho! A Estalagem do Derradeiro Lar estava erguida sobre os ramos de uma possante árvore,

como todos os outros edifícios de Solace, à exceção da oficina do ferreiro. A gente da cidade decidira abrigar-se nas árvores durante o caos e o terror que se tinham seguido ao Cataclismo. E assim Solace se tornara numa cidade nas árvores, uma das poucas verdadeiras maravilhas que restavam a Krynn. Robustos passadiços de madeira ligavam as casas e as lojas em poleiradas bem acima do nível do chão, e era aí que quinhentas pessoas faziam a sua vida quotidiana. A Estalagem do Derradeiro Lar era a maior construção de Solace e ficava doze metros acima do chão. Havia escadas que corriam em espiral em redor do tronco rugoso da velha árvore. Tal como Otik dissera, qualquer visitante seria ouvido a aproximar-se, muito antes de ser visto.

Mas nem Tika nem Otik tinham ouvido o homem velho.

Estava à porta, apoiado num cajado de carvalho muito usado, e espreitava para o interior da taberna. O esfarrapado capuz da sua túnica cinzenta e simples estava puxado para a frente sobre a cabeça, com a sombra a esconder os traços do rosto, com exceção apenas dos olhos brilhantes de ave de rapina.

— Posso ajudar-te, ó Velho Homem? — perguntou Tika ao estranho, trocando olhares preocupados com Otik. Seria aquele velho um espião Seguidor?

— Hem? — O velho piscou os olhos. — Estão abertos?

— Bem... — Tika hesitou.

— Certamente — disse Otik, com um largo sorriso. — Entra, ó Barba Grisalha. Tika, leva o nosso cliente a uma mesa. Deve estar cansado, depois desta longa subida.

— Subida? — Coçando a cabeça, o velho olhou em redor, para a entrada, e depois para o chão, lá em baixo. — Ah, sim. A subida. Muitas escadas. — Avançou uns passos, e depois sacudiu Tika com a vara, em jeito de brincadeira.

— Vai tratar dos teus afazeres, rapariga. Sou bem capaz de encontrar uma cadeira sozinho.

Tika encolheu os ombros, pegou na vassoura e começou a varrer, sem tirar os olhos do velho.

Este mantinha-se no centro da sala, olhando em volta como que a confirmar a localização e posição de cada mesa e cadeira da sala. A sala era grande e tinha a forma de um feijão, rodeando o tronco da árvore. Os ramos mais pequenos desta suportavam o chão e o tecto. O velho olhou com especial interesse para a lareira, que ficava uns três quartos do espaço mais para trás, no fundo da sala. Sendo a única construção de pedra da estalagem, tinha obviamente sido trabalhada por mãos de anões, de forma a que parecesse ser parte da árvore, enredando-se naturalmente nos ramos acima dela. Um balde ao lado da lareira estava cheio de pinhas e lenha trazidas

das montanhas altas. Nenhum residente de Solace pensaria em queimar madeira das suas próprias grandes árvores. Havia saída pelas traseiras, depois da cozinha; era uma queda de doze metros, mas uns quantos clientes de Otik tinham considerado essa via bastante conveniente. O velho pensou o mesmo.

Murmurou comentários satisfeitos para consigo mesmo, enquanto os seus olhos passavam de uma área para outra. Depois, para espanto de Tika, deixou subitamente cair o cajado, arregaçou as mangas e começou a alterar as posições das mesas!

Tika parou de varrer e apoiou-se na vassoura.

— Que estás a fazer? Essa mesa sempre esteve aí!

Havia uma mesa longa e estreita no centro da sala principal. O velho arrastou-a pelo chão e empurrou-a contra o tronco da enorme árvore, do outro lado da lareira; depois, deu alguns passos para trás para admirar o seu trabalho.

— Aqui! — resmungou. — Tem de ficar mais próxima da lareira. E agora traz-me mais duas cadeiras. São precisas seis cadeiras aqui.

Tika virou-se para Otik. Este parecia prestes a protestar, mas, nesse momento, viu-se um clarão vindo da cozinha. Um grito do cozinheiro indicou que a gordura tinha novamente pegado fogo. Otik correu em direção às portas da cozinha.

— É inofensivo — sussurrou enquanto passava por Tika. — Deixa-o fazer o que quiser. Dentro do razoável. Talvez esteja a preparar alguma festa.

Tika suspirou e levou duas cadeiras ao velho, como lhe tinha sido pedido. Colocou-as onde este lhe indicou.

— Agora — disse o velho, olhando atentamente em redor — traz mais duas cadeiras, para aqui, mas que sejam confortáveis, se faz favor. Coloca-as próximas da lareira, neste canto mais escuro.

— Esse sítio não é escuro — protestou Tika. — Está mesmo sob a luz do Sol!

— Ah... — Os olhos do velho semicerraram-se. — Mas vai estar escuro à noite, não vai? Quando a lareira estiver acesa...

— Eu... acho que sim... — Tika hesitou.

— Traz as cadeiras. Linda menina! Quero uma aqui mesmo — e o velho indicou um local mesmo frente à lareira. — Essa é para mim.

— Vais dar uma festa, ó Velho? — perguntou Tika enquanto trazia a cadeira mais confortável e mais gasta da hospedaria.

— Uma festa? — Essa ideia pareceu ser engraçada para o velho. Soltou uma gargalhadinha. — Sim, miúda. Vai ser uma festa como o mundo de Krynn nunca viu desde antes do Cataclismo! Prepara-te, Tika Waylan. Prepara-te!

O velho deu umas palmadinhas no ombro de Tika, passou-lhe uma mão pelos cabelos, e depois virou-se e deixou-se descer, com os ossos a ranger, até ficar sentado na cadeira.

— Uma caneca de cerveja — pediu.

Tika foi servir a cerveja. Só depois de lhe levar a bebida e recomeçar a varrer é que Tika parou, indagando-se como é que o velho sabia o seu nome.

LIVRO I

REENCONTRO DE VELHOS AMIGOS. UMA RUDE INTERRUPÇÃO.



Flint Forjardente deixou-se cair sobre uma rocha coberta de musgo. Os seus velhos ossos de anão tinham-no apoiado por mais tempo do que seria de esperar, e não estavam dispostos a continuar mais sem se queixarem.

— Nunca deveria ter partido — resmungou Flint, olhando para o vale mais abaixo. Falava em voz alta, embora não houvesse sinal de outro ser vivo nas redondezas. Longos anos de deambulações solitárias tinham-no levado a ganhar o hábito de falar consigo mesmo. Bateu com as duas mãos nos joelhos. — E raios me partam se alguma vez voltar a partir! — declarou com veemência.

Aquecida pelo sol da tarde, a rocha dava uma sensação de conforto ao velho anão, que tinha passado o dia inteiro a caminhar sob o ar fresco do outono. Flint descontraíu-se e deixou o calor penetrar-lhe os ossos — o calor do Sol e o calor dos seus pensamentos. Porque chegara a casa.

Olhou em volta, com o olhar a demorar-se com enlevo nas paisagens familiares. A encosta abaixo dele formava um dos lados de uma montanha em forma de tigela inundada de esplendor outonal. As árvores do vale davam a impressão de estar a pegar fogo com as cores da estação, com os vermelhos brilhantes e dourados fundindo-se no púrpura das montanhas Kharoli, mais adiante. O céu azul-violeta que se entrevia no meio das árvores refletia-se nas águas do Lago de Cristal. Estreitas tiras de fumo subiam acima do topo das árvores, sendo o único sinal de presença de Solace. Uma suave neblina expandia-se e cobria todo o vale com o odor suave de lareiras acesas.

Depois de se sentar para descansar, Flint retirou um pedaço de madeira e uma adaga reluzente da trouxa, e as mãos começaram a mexer inconscientemente. Desde tempos imemoriais, o seu povo sempre tivera necessidade de dar a forma que desejasse a algo sem forma. Ele próprio fora um famoso ferreiro, antes de se retirar, uns anos antes. Aplicou a lâmina na madeira, e depois as mãos ficaram paradas, porque a sua atenção foi atraída pelo fumo que saía das chaminés ocultas lá mais em baixo.

— A lareira da minha própria casa apagou-se — disse Flint em voz baixa. Sacudiu-se com raiva pelo seu sentimentalismo e começou a retalhar a madeira com violência. Ia resmungando em voz alta:

— A minha casa ficou vazia. O mais provável é que o telhado tenha brechas e que os móveis se tenham estragado. Que demanda idiota. Isto é a coisa mais estúpida que jamais fiz. Ao fim de cento e quarenta e oito anos, já deveria ter aprendido!

— Nunca há de aprender, anão — respondeu-lhe uma voz distante. — Nem que vivas duzentos e quarenta e oito anos!

A madeira caiu da mão do anão, que depois se dirigiu com uma segurança calma da adaga para o cabo do machado, enquanto Flint perscrutava o caminho. A voz soou-lhe familiar — a primeira voz familiar que ouvia desde havia muito tempo. Mas não saberia dizer de quem era essa voz.

Flint semicerrou os olhos voltados para o Sol que começava a pôr-se. Julgou ter visto a silhueta de um homem a correr pelo caminho acima. De pé, Flint pôs-se à sombra de uma árvore alta, para ver melhor. O andar do homem era marcado por uma graciosidade elegante — Flint teria dito a graciosidade de um elfo, mas o corpo do homem tinha a envergadura e os músculos de um humano, e os pelos faciais eram definitivamente humanos. Tudo o que o anão conseguia ver do rosto daquele homem, coberto por um capuz verde, era uma pele bronzeada e uma barba de tom castanho-avermelhado. Trazia um arco longo ao ombro, e uma espada embainhada do lado esquerdo. Vestia roupas de pelica, cuidadosamente trabalhada com os desenhos intrincados que os elfos apreciavam. Só que nenhum elfo do mundo de Krynn poderia ter barba... Nenhum elfo, a não ser...

— Tanis? — indagou Flint, hesitante, enquanto o homem se aproximava.

— O próprio — e o rosto barbudo do recém-chegado abriu-se num enorme sorriso. Ficou de braços abertos e, antes que o anão pudesse impedi-lo, agarrou Flint num abraço que o levantou do chão. O anão abraçou também o velho amigo contra si durante um breve momento, e depois, lembrando-se da sua dignidade, sacudiu-se e libertou-se do abraço do meio elfo.

— Bom, não aprendeste boas maneiras nestes cinco anos — resmungou o anão. — Continuas a não respeitar a minha idade nem a minha po-

sição. Erguer-me assim como um saco de batatas! — Flint olhou para a estrada mais abaixo. — Espero que ninguém tenha visto.

— Duvido que haja muita gente que se lembre de nós — respondeu Tanis, com os olhos a estudar o robusto amigo carinhosamente. — O tempo parece que não passa para ti nem para mim, velho anão, como passa para os humanos. Cinco anos é muito tempo para eles, mas apenas um breve momento para nós. — Depois, sorriu. — Não mudaste nada.

— O mesmo não se pode dizer de outras pessoas. — Flint sentou-se na pedra e recomeçou a esculpir. Franziu o sobrolho para Tanis. — Porquê essa barba? Já eras feio que bastasse.

Tanis coçou o queixo.

— Estive em terras que não eram amistosas para com gente de sangue élfico. A barba... Foi um presente do meu pai humano — respondeu com amarga ironia — e ajudou bastante a esconder as minhas origens.

Flint rosnou. Sabia que aquilo não era toda a verdade. Ainda que detestasse matar, Tanis não era do tipo de se esquivar a uma luta escondendo-se por trás de uma barba. Agora, havia lascas de madeira a voar.

— E eu estive em terras que não eram amistosas para com qualquer um, fosse qual fosse o sangue. — Flint revirou a madeira na mão, examinando-a. — Mas agora estamos em casa. Tudo isso ficou para trás.

— Não é o que tenho ouvido dizer — retorquiu Tanis, cobrindo novamente o rosto com o capuz, para evitar o sol nos olhos. — Os Altos Seguidores de Haven nomearam um homem chamado Hederick para governar como Alto Teocrata em Solace, e ele transformou a cidade num viveiro de fanatismos com a sua nova religião.

Tanis e o anão viraram-se e olharam para baixo, para o sossegado vale. Luzes começavam a faiscar, tornando visíveis as casas das árvores. O ar da noite estava quieto, calmo e suave, aromatizado pelo fumo da madeira ardendo nas lareiras das casas. De vez em quando, conseguiam ouvir, ao longe, uma mãe a chamar os filhos para o jantar.

— Não ouvi falar de nenhum problema em Solace — contestou Flint calmamente.

— Perseguição religiosa... inquisições... — A voz de Tanis soou sombria, vinda das profundezas do capuz. Uma voz mais grave, mais sombria do que Flint alguma vez se lembrava de lhe ter ouvido. O anão franziu o sobrolho novamente. O amigo tinha mudado naqueles cinco anos. E os elfos nunca mudam! Mas Tanis era apenas meio elfo, era um filho da violência; a mãe tinha sido violada por um guerreiro humano durante uma das muitas guerras que tinham separado as diferentes raças de Krynn, durante os anos caóticos que se tinham seguido ao Cataclismo.

— Inquisições? Segundo os rumores, isso apenas atinge quem desafia

o novo Alto Teocrata — retorquiu Flint. — Não acredito nos deuses dos Seguidores, nem nunca acreditei, mas também não ando a dizer as minhas ideias aí pela rua. Mantém-te calado que eles deixam-te em paz. Esse é o meu lema. Os Altos Seguidores de Haven continuam a ser homens sábios e virtuosos. É apenas essa maçã estragada de Solace que está a apodrecer todo o cesto. A propósito: encontraste o que procuravas?

— Um sinal dos antigos e verdadeiros deuses? — perguntou Tanis. — Ou a paz de espírito? Procurei ambos. Sobre qual dos dois queres saber?

— Bom, pensava que um viria com o outro — resmungou Flint. Rodou o pedaço de madeira nas mãos, ainda insatisfeito com as proporções. — Mas vamos ficar aqui a noite inteira a sentir o cheiro da comida? Ou vamos jantar à cidade?

— Vamos — respondeu Tanis com um aceno.

Juntos, começaram o trajeto, mas as longas pernas de Tanis obrigavam o anão a dar dois passos por cada um dos seus. Embora já tivessem passado muitos anos desde que tinham viajado juntos, Tanis reduziu inconscientemente o ritmo, enquanto Flint aumentava inconscientemente o seu.

— Então não encontraste nada? — continuou Flint.

— Nada — respondeu Tanis. — Tal como descobrimos há muito tempo, os únicos clérigos e sacerdotes que existem neste mundo servem falsos deuses. Ouvi histórias de curas, mas tudo não passava de truques e de magias. Felizmente, o nosso amigo Raistlin ensinou-me o que devia ver...

— Raistlin! — exclamou Flint, ofegante. — Esse mago pálido e escanzelado? Ele próprio pouco mais é do que um charlatão. Sempre a reclamar e a resmungar, a meter o nariz onde não é chamado. Se não fossem os cuidados do irmão gémeo, já alguém teria posto fim à magia dele há muito tempo.

Tanis estava feliz pelo facto de a barba lhe esconder o sorriso.

— Acho que esse jovem é um mago melhor do que queres admitir — disse. — E tens de admitir que trabalhou afincadamente e sem descanso para ajudar os que foram enganados pelos falsos clérigos, tal como eu próprio — e suspirou.

— Coisa por que sem dúvida recebeste pouco agradecimento — constatou o anão.

— Muito pouco — respondeu Tanis. — As pessoas querem acreditar em alguma coisa, mesmo que no fundo saibam que não é verdade. Mas... e tu? Como foi a viagem para a tua terra natal?

Flint continuou a andar com passos pesados, sem responder, de rosto fechado. Por fim, disse:

— Nunca deveria ter ido. — Levantou os olhos para Tanis, uns olhos quase impossíveis de ver por detrás das sobrancelhas brancas e espessas,

informando o meio elfo de que essa parte da conversa não era bem-vinda. Tanis percebeu o olhar de Flint, mas fez perguntas, apesar disso.

— Que aconteceu com os clérigos anões? E as histórias que ouvimos?

— Não eram verdadeiras. Os clérigos desapareceram há trezentos anos, durante o Cataclismo. Pelo menos, assim dizem os anciões.

— Tal como com os elfos — comentou Tanis.

— Vi...

— Chiu! — Tanis levantou uma das mãos, em advertência. Flint ficou imóvel.

— Que foi? — murmurou.

Tanis apontou.

— Ali, naquele arvoredo.

Flint olhou para lá das árvores, ao mesmo tempo que uma mão procurava o machado de guerra que trazia preso às costas.

Os raios vermelhos do Sol poente refletiram-se por um segundo num pedaço de metal que brilhava por entre as árvores. Tanis viu-o por um instante, depois deixou de o ver, e depois viu-o de novo. Nesse momento, porém, o Sol descia, deixando no céu um brilho violeta e fazendo com que as sombras da noite se espalhassem sobre as árvores da floresta.

Flint semicerrou os olhos e perscrutou a escuridão.

— Não vejo nada.

— Mas eu vi — disse Tanis.

Continuou a perscrutar o mesmo local onde tinha visto o metal, e gradualmente a sua visão de elfo começou a detetar a aura vermelha de calor emanado por todos os seres vivos, mas visível apenas para os elfos.

— Quem está aí? — perguntou Tanis.

Por alguns momentos, a única resposta foi um som estranho que fez os pelos do pescoço do meio elfo ficarem em pé. Era um som oco, uma espécie de zumbido que começara muito baixo e fora aumentando até se transformar num tom agudo, como um uivo. A acompanhar o grito vinha uma voz.

— Elfo errante, volta para trás e deixa o anão. Somos os espíritos das pobres almas que Flint Forjardente deixou prostradas na taberna. Mas morremos em combate? — A voz do espírito elevou-se ainda mais, tal como o gemido cavo que a acompanhava. — Não! Morremos de vergonha, amaldiçoados pelo fantasma das uvas, por não sermos capazes de beber mais do que um anão da montanha.

A barba de Flint tremia de ódio, e Tanis, que tinha começado a rir, foi forçado a agarrar o furioso anão pelos ombros, para evitar que este entrasse a correr para o bosque.

— Malditos sejam os olhos dos elfos! — A voz fantasmagórica era agora alegre. — E malditas sejam as barbas dos anões!

— Não desconfiaste logo? — murmurou Tanis para Flint. — É Tasslehoff Pé-Ligeiro!

Houve um breve restolhar dos arbustos mais abaixo, e depois uma figura pequena pôs-se de pé no caminho. Era um kender, membro de uma raça considerada por muitas pessoas em Krynn tão incômoda como os mosquitos. De constituição baixa, os kendens raramente cresciam mais do que até um metro e vinte. Este kender, em particular, era quase da altura de Flint, mas a estrutura franzina e o perpétuo rosto de criança faziam com que parecesse ainda mais pequeno. Vestia umas calças justas azul-brilhante, que contrastavam fortemente com o colete de pele de animal e com a túnica tosca. Os olhos castanhos brilhavam, cheios de malícia e alegria; o sorriso parecia chegar até às extremidades das orelhas pontiagudas. Baixou a cabeça, num gesto de troça, o que fez com que uma longa mecha dos cabelos castanhos, que eram o seu orgulho e alegria, descaísse para cima do nariz. Depois, endireitou-se, rindo. O brilho metálico que os olhos de Tanis tinham visto provinha das fivelas de um dos numerosos sacos presos à volta dos ombros e da cintura do kender.

Tas sorriu-lhes, apoiando-se no cajado *hoopak*. Fora esse cajado que criara aquele som fantasmagórico. Tanis deveria tê-lo reconhecido logo, pois já tinha visto o kender assustar muitos dos seus atacantes só com o rodopiar do cajado no ar, produzindo aquele uivo. Era uma invenção dos kendens; a parte de baixo do cajado *hoopak* era afiada e estava coberta de cobre. O topo tinha uma espécie de forquilha, com uma tira de couro. O cajado era feito de um só pedaço de madeira flexível. Apesar de ser menosprezado por todas as raças de Krynn, o *hoopak* era mais do que uma ferramenta ou uma arma útil para os kendens — era também o seu símbolo. «Novas estradas pedem um *hoopak*» era um ditado popular entre o povo kender. E era sempre imediatamente seguido por outro desses ditados: «Nenhuma estrada é velha de mais.»

Tasslehoff correu subitamente para a frente, de braços abertos.

— Flint! — O kender lançou os braços em volta do anão e abraçou-o. Flint, envergonhado, respondeu ao abraço de forma relutante, e depois deu rapidamente um passo atrás. Tasslehoff riu-se, e depois levantou os olhos para o meio elfo.

— Quem é este? — perguntou. — Tanis? Nem te reconheci, com a barba! — e estendeu os braços curtos.

— Não, obrigado — disse Tanis, rindo. E acenou, mantendo o kender à distância. — Prefiro que a minha bolsa fique onde está.

Com uma súbita expressão de espanto, Flint procurou debaixo da túnica.

— Meu grande malandro! — E rugiu, saltando para o kender, que se ria.

Rebolaram envoltos em poeira.

Tanis, contendo o riso, começou a tirar Flint de cima do kender. Depois, parou e virou-se, alarmado. Tarde de mais, ouviu o tilintar dos ornamentos de latão dos arreios e o resfolegar de um cavalo. O meio elfo levou a mão ao punho da espada, mas já tinha perdido toda a vantagem que poderia ter tido, se estivesse em alerta.

Praguejando, Tanis não pôde fazer mais nada a não ser ficar parado a olhar para a figura que emergia das sombras. Estava sentada num pequeno pônei de pelagem longa nas pernas, que avançava de cabeça baixa, como se tivesse vergonha do cavaleiro. O rosto desse cavaleiro tinha manchas cinzentas, e a pele flácida pendia, criando dobras. Dois olhos cor-de-rosa olhavam para eles sob um capacete de aspeto militar. O corpo, gordo e redondo, saía de entre as aberturas de uma armadura barata e pretensiosa.

Um odor peculiar atingiu Tanis, que franziu o nariz, enojado. «Duen-de», registou o seu cérebro. Largou a espada e empurrou Flint, mas, nesse momento, o anão soltou um tremendo espirro e caiu sentado sobre o kender.

— Cavalo! — disse Flint, espirrando novamente.

— Atrás de ti — respondeu Tanis, baixinho.

Flint, ouvindo o tom de alerta na voz do amigo, levantou-se desajeitadamente. Tasslehoff fez o mesmo, rapidamente.

O duende estava sentado no pônei com uma perna de cada lado, a observá-los com um olhar desdenhoso e esticando os lábios da cara plana. Os olhos cor-de-rosa refletiam os últimos raios de Sol.

— Estão a ver, rapazes — disse o duende, falando na Língua Comum com um forte sotaque —, o tipo de idiotas com que temos de lidar aqui em Solace.

Ouviu-se uma gargalhada vinda de trás das árvores por trás do duende. Cinco guardas duendes, vestindo uniformes toscos, avançaram. Posicionaram-se dos dois lados da montada do chefe.

— Ora bem... — O duende inclinou-se na sela. Tanis assistiu com uma espécie de fascínio horrorizado quando a enorme barriga da criatura cobriu a ponta da sela. — Sou o Chefe de Poucos Toede, líder das forças que mantêm Solace protegida dos elementos indesejáveis. Vocês não têm o direito de andar pelos limites da cidade depois do pôr-do-sol. Estão presos — e o Chefe de Poucos Toede inclinou-se, para falar com um duende que se encontrava perto.

— Traz-me o cajado de cristal azul, se o encontrares com eles — disse na sua estranha língua.

Tanis, Flint e Tasslehoff trocaram olhares, interrogando-se. Todos eles sabiam um pouco da língua dos duendes, e Tas sabia mais do que os outros. Será que tinham ouvido bem? Um cajado de cristal azul?

— Se resistirem — acrescentou o Chefe de Poucos Toede, voltando a falar na Língua Comum, para dar mais ênfase —, mata-os.

Depois disto, puxou as rédeas, fez rodar a sua montada num único movimento, e galopou pelo caminho abaixo, em direção à cidade.

— Duendes! Em Solace! Este novo Teocrata tem muita coisa a explicar! — disse Flint, levantando a mão e puxando do machado de guerra. Firmou os pés com força no chão, balançando-se para a frente e para trás até se sentir equilibrado. — Muito bem — anunciou —, vamos a isso.

— Aviso-vos que recuem — disse Tanis, atirando a capa por sobre um dos ombros e desembainhando a espada. — Fizemos uma longa caminhada. Estamos cansados, com fome, e atrasados para uma reunião com amigos que não vemos há muito tempo. Não temos nenhuma intenção de sermos presos.

— Ou de sermos mortos — acrescentou Tasslehoff, que não tinha sacado nenhuma arma, mas continuava a observar os duendes com interesse.

Um pouco surpreendidos, os duendes trocaram olhares nervosos. Um deles olhou sinistramente para a estrada por onde o líder tinha desaparecido. Os duendes estavam acostumados a molestar agricultores e vendedores ambulantes que viajavam para a pequena cidade, mas não a desafiar guerreiros armados e obviamente bem treinados. Mas o ódio contra as outras raças de Krynn vinha de longe. Desembainharam as espadas longas e curvas.

Flint deu um passo em frente, as mãos agarrando firmemente o cabo do machado.

— Só existe uma criatura que eu odeio mais do que um anão insolente — declarou — e essa criatura é um duende!

O duende mergulhou contra Flint, esperando derrubá-lo. Flint rodopiou o machado com uma precisão letal. A cabeça de um dos duendes rebolou pela poeira e o corpo estatelou-se no chão.

— Que andam vocês, seus nojentos, a fazer em Solace? — perguntou Tanis, aparando habilmente a estocada desajeitada de outro duende. As espadas cruzaram-se e pararam por um momento; depois, Tanis empurrou o duende para trás. — Trabalham para o Alto Teocrata?

— Teocrata? — O duende engasgou-se com a gargalhada que soltou. Brandindo a espada como um louco, correu para Tanis. — Esse idiota? O nosso Chefe de Poucos trabalha para o... aaah! — A criatura empalou-se contra a espada de Tanis. Grunhiu, e depois foi escorregando devagar até cair no chão.

— Raios! — praguejou Tanis, olhando frustrado para o duende morto. — Idiota desajeitado! Não queria matá-lo, só queria descobrir quem o contratou.

— Descobrirás quem nos contratou mais cedo do que gostarias! —
rosnou outro duende, correndo na direção do meio elfo distraído.

Tanis virou-se rapidamente e desarmou a criatura. Depois, deu-lhe um pontapé no estômago e o duende dobrou-se.

Outro duende correu para Flint antes que o anão tivesse tempo de recuperar do anterior golpe letal. Flint cambaleou para trás, tentando recuperar o equilíbrio.

Então, a voz aguda de Tasslehoff fez-se ouvir.

— Esta escória luta por qualquer um, Tanis. Dá-lhes carne de cão de vez em quando, e serão teus para semp. . .

— Carne de cão! — rugiu o duende e afastou-se de Flint, enraivecido. — E que tal carne de kender, seu vizinha esganiçada? — O duende correu na direção do aparentemente desarmado kender, agitando os braços, tentando alcançar-lhe o pescoço com as mãos vermelho-púrpura. Tas, sempre com a mesma expressão inocente de criança, meteu a mão no colete de lã, de onde tirou uma adaga que arremessou com um único gesto. O duende levou as mãos ao peito e caiu com um gemido. Só sobrou o som de pés a bater no chão, enquanto o último duende fugia a correr. A batalha terminara.

Tanis guardou a espada, fazendo caretas de nojo diante dos corpos fedorentos; o cheiro fazia lembrar peixe podre. Flint limpou o sangue escuro de duende da lâmina do machado. Tas olhava com desolação para o corpo do duende que tinha matado. Caíra de bruços, com a adaga debaixo dele.

— Eu tiro-a — ofereceu-se Tanis, preparando-se para fazer rebolar o corpo.

— Não. — Tas fez uma careta. — Já não a quero. Uma pessoa nunca mais se consegue livrar do cheiro.

Tanis concordou com um aceno da cabeça. Flint prendeu novamente o machado e os três continuaram o caminho.

As luzes de Solace ficavam mais fortes à medida que a escuridão aumentava. O cheiro do fumo de madeira no ar frio da noite trazia-lhes pensamentos de comida, de calor e de segurança. Os companheiros estugaram o passo. Não disseram mais nada durante bastante tempo, cada um deles ouvindo o eco das palavras de Flint na sua mente: *Duendes. Em Solace.*

Por fim, e apesar disso, o irrequieto kender riu-se.

— Além do mais — disse Tas —, a adaga era de Flint!

REGRESSO À ESTALAGEM. UM CHOQUE. O JURAMENTO É QUEBRADO.



Quase toda a gente de Solace, nessa época, arranjava maneira de passar pela Estalagem do Derradeiro Lar durante a noite. As pessoas sentiam-se mais seguras em grupos.

Solace fora durante muito tempo uma encruzilhada para os viajantes. Vinham de Haven, capital de Éden. Vinham do reino élfico de Qualinesti, ao sul. Por vezes vinham de leste, do outro lado das planícies áridas da Abanasinia. A Estalagem do Derradeiro Lar era conhecida em todo o mundo civilizado como um refúgio para os viajantes e um lugar para se saber as novidades. Foi para a estalagem que os três amigos se dirigiram.

O enorme tronco retorcido erguia-se no meio das árvores à sua volta. Os vidros coloridos da estalagem brilhavam intensamente, contrastando com a penumbra da árvore, e sons de vida derramavam-se das janelas. Lanternas penduradas nos galhos iluminavam a escada sinuosa. Embora a noite de outono estivesse fresca entre as árvores de Solace, os viajantes sentiam o companheirismo e as memórias a aquecerem-lhes as almas e a levarem para longe as dores e as tristezas da estrada.

A estalagem estava tão cheia nessa noite que os três se viam forçados constantemente a encostarem-se ao lado da escada, para deixarem homens, mulheres e crianças passarem por eles. Tanis notou que as pessoas olhavam para ele e para os seus companheiros com desconfiança — não com o olhar de boas-vindas que teriam tido cinco anos antes.

Tanis ficou com o rosto fechado. Aquele não era o regresso a casa com que tinha sonhado. Nunca sentira tanta tensão, nos cinquenta anos em que

tinha vivido em Solace. Os rumores que ouvira sobre a malévola corrupção dos Seguidores deviam ser mesmo verdade.

Cinco anos antes, alguns homens que se chamavam a si mesmos «Seguidores» («seguimos os novos deuses») tinham criado uma organização de clérigos que praticavam a sua nova religião nas cidades de Haven, Solace e Berma. Tanis acreditava que esses clérigos se tinham desviado do caminho, mas que pelo menos tinham sido honestos e sinceros. Nos anos que se tinham seguido, porém, os clérigos tinham começado a ganhar cada vez mais estatuto, à medida que a religião florescia. Em pouco tempo, tinham passado a preocupar-se menos com a glória na outra vida, e mais com o poder em Krynn. Tinham tomado o governo das cidades, com a bênção do povo.

Um toque no braço de Tanis interrompeu-lhe os pensamentos. Viu-se e viu Flint a apontar para baixo, silenciosamente. Olhando para baixo, Tanis viu guardas a marchar, sempre em grupos de quatro. Armados até aos dentes, marchavam com imponência.

— Pelo menos, esses são humanos, e não duendes — disse Tas.

— Aquele duende torceu o nariz quando mencionei o Alto Teocrata — raciocinou Tanis. — Como se estivessem a trabalhar para outra pessoa. Quem sabe o que estará a acontecer.

— Talvez os nossos amigos saibam — disse Flint.

— Se aqui estiverem — acrescentou Tasslehoff. — Muita coisa pode ter acontecido em cinco anos.

— Estarão aqui, desde que estejam vivos — disse Flint num tom mais baixo. — Foi um juramento sagrado que fizemos, esse de nos encontrarmos novamente depois de passados cinco anos, para contarmos o que tivéssemos descoberto sobre o mal que se estava a espalhar pelo mundo. Quem diria que voltaríamos a casa para darmos com o mal mesmo à nossa porta!

— Chiu! Cala-te!

Vários passantes olharam, alarmados pelas palavras do anão, e Tanis abanou a cabeça.

— É melhor não falarmos sobre isso aqui — aconselhou o meio elfo.

Ao chegar ao topo da escada, Tas abriu completamente a porta. Uma onda de luz, barulho, calor e o cheiro familiar das batatas apimentadas de Otik atingiu-os em cheio. Envolveu-os e abraçou-os de forma tranquilizadora. Otik, que estava de pé atrás do balcão, como sempre se lembravam de o ver, não tinha mudado, a não ser talvez pelo facto de ter ficado mais corpulento. A estalagem também não parecia ter mudado, a não ser para ficar ainda mais confortável.

Tasslehoff, examinando a multidão com os seus velozes olhos de kender, deu um grito e apontou para o outro lado do salão. Havia outra coisa

que também não tinha mudado: a luz do fogo reluzindo no elmo de um dragão alado, brilhante de tão polido.

— Quem é? — perguntou Flint esforçando os olhos para tentar ver.

— Caramon — respondeu Tanis.

— Então, Raistlin também cá estará — disse Flint com um certo desinteresse na voz.

Tasslehoff já estava a caminhar pelo meio de toda aquela gente, com o corpo pequeno e flexível a passar quase despercebido das pessoas por quem já tinha passado. Tanis rezava fervorosamente que o kender não estivesse a «adquirir» nenhum objeto dos clientes da hospedaria. Não que ele roubasse coisas, e Tasslehoff ficaria profundamente magoado se alguém o acusasse de roubo. Mas o kender era de uma curiosidade insaciável, e vários objetos interessantes que pertenciam a outras pessoas arranjavam sempre maneira de lhe irem parar às mãos. A última coisa que Tanis queria, nessa noite, era confusões. Anotou mentalmente que teria de ter uma conversa em particular com o kender.

O meio elfo e o anão tiveram mais dificuldade a atravessar a multidão do que o seu pequeno amigo. Quase todas as cadeiras estavam ocupadas, e todas as mesas estavam cheias. Aqueles que não tinham conseguido arranjar lugar para se sentarem ficavam em pé, falando em voz baixa. As pessoas olhavam para Tanis e Flint de forma estranha, com desconfiança ou curiosidade. Ninguém cumprimentou Flint, embora houvesse várias pessoas que tinham sido clientes do trabalho de ferreiro do anão durante muito tempo. As pessoas de Solace tinham os seus próprios problemas, e era evidente que Tanis e Flint eram agora considerados forasteiros.

Ouviu-se um rugido do outro lado do salão, vindo da mesa para onde o elmo de dragão refletia a luz da lareira. O rosto fechado de Tanis transformou-se num sorriso quando viu o gigante Caramon levantar o pequeno Tas do chão, num abraço de urso.

Flint, movendo-se com dificuldade através de um mar de fivelas e cintos, só podia imaginar essa visão ao ouvir a voz retumbante de Caramon respondendo à saudação de Tasslehoff.

— É melhor que Caramon tenha cuidado com a bolsa — resmungou Flint. — Ou que conte os dentes.

O anão e o meio elfo conseguiram finalmente atravessar a multidão que se encontrava diante do balcão do bar. A mesa onde Caramon se sentara estava encostada contra o tronco da árvore. Na verdade, estava colocada numa posição estranha. Tanis pôs-se a pensar por que razão Otik a teria mudado de lugar, quando tudo o resto tinha permanecido exatamente no mesmo sítio. Mas esse pensamento foi deitado para trás, porque chegara a sua vez de receber a saudação calorosa do grande guerreiro. Tanis removeu

apressadamente o arco longo e a aljava das costas, antes que Caramon, ao abraçá-lo, partisse tudo.

— Meu amigo! — Os olhos de Caramon estavam humedecidos. Parecia que queria dizer mais alguma coisa, mas estava demasiado emocionado. Tanis também não conseguiu dizer nada por alguns momentos, mas apenas porque o ar lhe tinha sido espremido para fora dos pulmões pelos braços musculosos de Caramon.

— Onde está Raistlin? — perguntou por fim, quando conseguiu falar. Os gémeos nunca estavam longe um do outro.

— Ali! — e Caramon apontou com um aceno para a outra extremidade da mesa. Depois, franziu o sobrolho. — Está mudado — avisou o guerreiro.

O meio elfo olhou para um canto formado por uma irregularidade no tronco da árvore. Esse canto estava encoberto por uma sombra e, durante um momento, não conseguiu ver nada além do brilho da luz do fogo. Depois, viu uma figura pequena sentada e encolhida, com um manto vermelho, apesar do calor do fogo ali mesmo ao lado. A silhueta tinha um capuz que lhe cobria o rosto.

Tanis sentiu uma súbita relutância em falar sozinho com o jovem mago, mas Tasslehoff tinha-se levantado para procurar a criada e Flint estava a ser levantado do chão por Caramon. Tanis dirigiu-se, pois, ao outro lado da mesa.

— Raistlin? — disse, sentindo uma estranha sensação de apreensão. A silhueta envolvida pelo manto levantou os olhos.

— Tanis? — sussurrou o homem enquanto tirava vagarosamente o capuz da cabeça.

O meio elfo engoliu em seco e deu um passo para trás. Olhou horrorizado. O rosto que olhava para ele de entre as sombras era um rosto saído de um pesadelo. «Está mudado!», dissera Caramon. Mas «mudado» não era realmente a palavra certa! A pele branca do mago tinha ganho um tom dourado. Brilhava à luz do fogo com uma aparência levemente metálica, como se fosse uma máscara horrível.

A carne do rosto tinha derretido, deixando os ossos delineados em sombras assustadoras. Os lábios estavam esticados e transformados numa linha reta e escura. Mas o que mais prendia Tanis eram os olhos. Porque já não eram os olhos de qualquer ser humano vivo que Tanis alguma vez tivesse visto. As pupilas negras tinham agora a forma de ampulhetas! As íris, que Tanis se lembrava de serem azuis-claras, tinham agora um brilho dourado!

— Vejo que a minha aparência te choca — murmurou Raistlin. Havia uma leve sugestão de sorriso nos seus lábios finos.

Sentado de frente para o jovem, Tanis engoliu em seco.

— Em nome dos verdadeiros deuses, Raistlin... — Flint deixou-se cair num assento junto de Tanis.

— Hoje já fui levantado no ar mais vezes do que Reorx! — Os olhos de Flint arregalaram-se. — Que demónio tomou conta de ti? Foste amaldiçoado? — disse o anão arquejante, olhando para Raistlin.

Caramon sentou-se ao lado do irmão. Pegou na caneca de cerveja e olhou para Raistlin.

— Contas-lhes tu, Raist? — perguntou em voz baixa.

— Sim — respondeu Raistlin, fazendo as palavras saírem num guincho que fez Tanis estremecer. O jovem falou num tom baixo e sibilante, pouco mais do que um murmúrio, como se isso fosse o máximo que conseguia fazer para a voz lhe sair do corpo. As mãos longas e nervosas, que tinham a mesma cor dourada do rosto, brincavam distraidamente com o resto de comida que havia no prato à sua frente.

— Vocês lembram-se de quando nos separámos, há cinco anos? — começou Raistlin. — O meu irmão e eu tínhamos planeado uma viagem tão secreta que não podíamos sequer contar-vos para onde íamos, queridos amigos.

Havia um leve toque de sarcasmo na voz delicada. Tanis mordeu o lábio para não dizer nada. Raistlin nunca tinha tido, em toda a sua vida, um «querido amigo».

— Eu tinha sido escolhido por Par-Salian, o líder da minha ordem, para fazer o Teste — prosseguiu Raistlin.

— O Teste? — repetiu Tanis, surpreendido — Mas eras muito novo. Tinhas o quê...? Vinte anos? O Teste só é feito aos magos que já tenham estudado durante muitos anos...

— Por isso podes imaginar o meu orgulho — disse Raistlin friamente, irritado pela interrupção. — O meu irmão e eu viajámos até ao local, as lendárias Torres da Alta Magia. E aí, passei no Teste — e a voz do mago quase se sumiu. — E também aí, quase morri!

A garganta de Caramon ficou apertada, e fora obviamente tomado por alguma emoção forte.

— Foi terrível — começou por dizer o enorme homem, com a voz trémula. — Encontrei-o à beira da morte naquele lugar horrível, com o sangue a escorrer-lhe da boca! Peguei nele e...

— Basta, meu irmão! — A voz suave de Raistlin estalou como um chicote.

Caramon encolheu-se. Tanis viu os olhos dourados do jovem mago a semicerrarem-se, as suas mãos finas a unirem-se. Caramon ficou calado e engoliu a cerveja, olhando nervosamente para o irmão. Havia claramente um novo problema: uma tensão entre os gémeos.

Raistlin respirou fundo e continuou.

— Quando acordei — disse o mago —, a minha pele tinha-se tornado desta cor, como uma marca do meu sofrimento. O meu corpo e a minha saúde estão irrecuperavelmente destruídos. E os meus olhos! Vejo através de pupilas em forma de ampulhetas e, portanto, vejo o tempo... e como ele afeta todas as coisas. Mesmo agora, enquanto olho para ti, Tanis — sussurrou o mago —, vejo-te a morrer aos poucos. E assim vejo tudo o que está vivo.

A mão fina de Raistlin agarrou o braço de Tanis. O meio elfo estremeceu ao sentir o toque frio e começou a retirar o braço, mas os olhos dourados e a mão mantiveram-no parado.

O mago inclinou-se para a frente, e os olhos brilhavam-lhe intensamente.

— Mas agora tenho poder! — sussurrou. — Par-Salian disse-me que chegaria o dia em que a minha força mudaria o mundo! Tenho poder e — gesticulou — tenho o Cajado de Magius.

Tanis viu um cajado apoiado contra o tronco da árvore, a pouca distância da mão de Raistlin. Era um cajado simples, de madeira. Uma bola de cristal transparente, presa numa garra dourada, talhada de modo a que parecesse uma garra de um dragão, brilhava na ponta do cajado.

— E valeu a pena? — perguntou Tanis, em voz baixa.

Raistlin fixou os olhos nele, e depois os lábios abriram-se numa caricatura de sorriso. Retirou a mão do braço de Tanis e colocou os braços dentro das mangas do manto.

— Claro que sim! — sibilou o mago. — Poder era o que procurava havia muito tempo... E ainda procuro. — Inclinou o corpo para trás, e a sua pequena silhueta fundiu-se com a escuridão da sombra, até que tudo o que Tanis conseguia ver eram apenas os olhos dourados, reluzindo à luz do fogo.

— Cerveja — disse Flint, tossindo para limpar a garganta e lambendo os lábios como se estivesse a tirar um sabor mau da boca. — Onde está o kender? Acho que roubou a empregada...

— Aqui estamos — gritou a voz alegre de Tas. Uma jovem ruiva, alta e jovem apareceu atrás dele, carregando uma bandeja com canecas.

Caramon sorriu.

— Tanis — disse Caramon —, adivinha lá quem ela é. E tu também, Flint. Se acertarem, pago eu esta rodada.

Feliz por poder afastar o pensamento da história sinistra de Raistlin, Tanis olhou para a rapariga sorridente. Cabelos ruivos encaracolados em volta do rosto, os olhos verdes da rapariga pareciam dançar, divertidos. Havia algumas sardas levemente espalhadas pelo nariz e pelas bochechas.

Tanis parecia lembrar-se dos olhos, mas, tirando isso, estava completamente no escuro.

— Desisto — disse. — Mas também é verdade que, para os elfos, os humanos parecem mudar tão rapidamente que perdemos a noção. Tenho cento e dois anos, e para ti não pareço ter mais de trinta. E para mim, esses cem anos parecem de facto trinta. Esta jovem devia ser uma criança quando partimos daqui.

— Tinha catorze anos. — A rapariga riu-se e pousou a bandeja na mesa. — E Caramon costumava dizer que eu era tão feia que o meu pai teria de pagar a alguém para se casar comigo.

— Tika! — Flint bateu com o punho na mesa e apontou para Caramon. — Pagas tu esta rodada, grande idiota!

— Não é justo! — O gigante riu-se. — Ela deu-te uma pista.

— Bem, os anos provaram que o teu pai estava errado — disse Tanis, sorrindo. — Viajei por muitos lugares, e tu és uma das raparigas mais bonitas que já vi em Krynn.

Tika corou de alegria. Depois, a cara dela voltou a ficar séria.

— A propósito, Tanis — e meteu a mão no bolso, tirando de lá um objeto cilíndrico —, isto chegou para ti hoje. Em circunstâncias estranhas.

Tanis franziu o sobrolho e pegou no objeto. Era uma pequena caixa para pergaminhos, feita de uma madeira negra muito polida. Removeu lentamente um pequeno pedaço de pergaminho e desenrolou-o. O coração bateu-lhe dolorosamente quando reconheceu a caligrafia negra e grossa.

— É de Kitiara — disse por fim, sabendo que a sua voz soara tensa e pouco natural. — Diz que não virá.

Houve um momento de silêncio.

— Acabou-se — disse Flint. — O círculo foi rompido, e o juramento quebrado. Má sorte. — Abanou a cabeça. — Má sorte.

O CAVALEIRO DE SOLAMNIA. A FESTA DO VELHO.



Raistlin inclinou-se para a frente. Ele e Caramon olharam um para o outro, enquanto pensamentos sem palavras eram trocados entre os dois.

Foi um momento raro, pois somente grandes perigos ou dificuldades pessoais tornavam evidente o parentesco daqueles gémeos. Kitiara era a meia-irmã mais velha de ambos.

— Kitiara não quebraria o juramento, a não ser que outro juramento mais forte a obrigasse a isso — cogitou Raistlin em voz alta.

— Que diz ela? — perguntou Caramon.

Tanis hesitou; depois passou a língua pelos lábios secos.

— As obrigações dela para com o seu novo senhor têm-na mantido ocupada. Pede desculpa e manda os seus melhores votos para todos nós, e o seu amor... — Tanis sentiu a garganta contrair-se. Tossiu. — O seu amor para os irmãos e para... — Fez uma pausa, e depois enrolou o pergaminho. — É tudo.

— Amor para quem? — perguntou Tasslehoff ingenuamente. — Ai! — Olhou para Flint, que lhe tinha dado uma valente pisadela. O kender viu Tanis ficar muito vermelho. — Aah! — disse por fim, sentindo-se muito burro.

— Vocês percebem o que ela quer dizer? — perguntou Tanis para os irmãos. — De que novo senhor está ela a falar?

— Quem sabe? Com Kitiara... — Raistlin encolheu os ombros estreitos. — A última vez que a vimos foi aqui, na estalagem, há cinco anos. Estava de partida para norte com Sturm. Não ouvimos falar mais dela desde

então. Em relação ao novo senhor, eu diria que agora sabemos por que razão quebrou o juramento conosco: jurou aliança a outro. Afinal de contas, é uma mercenária.

— Sim — admitiu Tanis. Colocou o pergaminho na caixa e olhou para Tika. — Disseste que isto chegou em circunstâncias estranhas. Conta-me.

— Um homem trouxe isso ao fim da manhã. Pelo menos, julgo que fosse um homem. — Tika tremeu. — Estava enfiado da cabeça aos pés em roupas de todos os tipos. Não consegui sequer ver-lhe a cara. A voz era sibilante, e falava com um sotaque estranho. «Entrega isto a um tal Tanis Meio Elfo», disse-me. Eu respondi que não estavas aqui e que já não estavas desde há vários anos. «Mas vai estar», respondeu-me o homem. Depois, foi-se embora. — Tika encolheu os ombros. — É tudo o que te posso dizer. Aquele velho ali viu-o — e fez um gesto, apontando para o velho que estava sentado na cadeira em frente à lareira. — Podes perguntar-lhe se notou alguma coisa mais.

Tanis virou-se para olhar para o velho que estava a contar histórias a uma criança de olhos sonolentos, que olhava fixamente para as chamas. Flint tocou no braço de Tanis.

— Ali está alguém que pode dizer-te mais — disse o anão.

— Sturm! — disse Tanis calorosamente, virando-se para a porta.

Todos, com exceção de Raistlin, se viraram. O mago recolheu-se uma vez mais para as sombras.

De pé à porta estava uma silhueta muito direita, usando uma armadura completa e cota de malha, com o símbolo da Ordem da Rosa no peito.

Muitas pessoas na estalagem se viraram para olhar, franzindo o sobrolho. O homem era um Cavaleiro de Solamnia, e os Cavaleiros de Solamnia tinham ganho má reputação no Norte. Rumores acerca da corrupção deles tinham chegado mesmo até ali, ao Sul. Os poucos que reconheceram Sturm como um antigo morador de Solace encolheram os ombros e voltaram às suas bebidas. Aqueles que não o tinham reconhecido continuaram a observar. Nesses dias de paz, era invulgar ver-se um cavaleiro vestido de armadura completa a entrar na estalagem. Mas era ainda mais invulgar ver-se um cavaleiro vestindo uma armadura completa que datava, praticamente, da época do Cataclismo!

Sturm encarou os olhares como elogios ao seu posto. Cofiou cuidadosamente o grande e espesso bigode, que, por ser um símbolo dos Cavaleiros dos velhos tempos, era tão obsoleto quanto a armadura. Mantinha os acessórios dos Cavaleiros de Solamnia com um orgulho inquestionável, e tinha o braço e a habilidade necessários para defender esse orgulho. Embora as pessoas da estalagem não tirassem os olhos dele, ninguém, depois de

encarar os olhos frios e calmos do cavaleiro, ousaria fazer troça ou algum comentário menos próprio.

O cavaleiro manteve a porta aberta, para deixar passar um homem alto e uma mulher coberta de peles de veado. A mulher deve ter dito uma palavra de agradecimento a Sturm, porque este curvou-se diante dela cheio de cortesia, num velho costume totalmente fora de moda no mundo moderno.

— Vejam só! — Caramon abanou a cabeça, espantado. — O galante cavaleiro a ajudar uma dama. Onde terá ele encontrado aqueles dois?

— São bárbaros das planícies — disse Tas, de pé numa cadeira, acenando com a mão para o amigo. — Aquilo é o tipo de roupa que a tribo Que-shu usa.

Aparentemente, os dois da planície tinham recusado uma oferta que Sturm fizera, porque o cavaleiro curvou-se novamente e deixou-os. Atravessou a estalagem cheia de gente com um ar nobre e orgulhoso, decerto semelhante ao que usara quando avançara em direção ao rei, quando fora sagrado Cavaleiro.

Tanis levantou-se. Sturm foi primeiro ter com ele e abraçou o amigo. Tanis deu-lhe um forte abraço, sentindo os braços fortes e musculosos a agarrarem-no com afeto. Depois, afastaram-se para olharem um para o outro por mais um momento.

Sturm não tinha mudado nada, pensou Tanis, a não ser no facto de haver agora mais rugas em redor dos olhos tristes; e de o cabelo castanho estar mais grisalho. A capa estava um pouco mais usada. Havia novas marcas na antiga armadura. Mas o farfalhudo bigode do cavaleiro, que era o seu orgulho e alegria, estava grande como sempre fora, o escudo estava polido como sempre, os olhos castanhos estavam tão delicados como sempre que via os amigos.

— E agora tens barba — disse Sturm, agradado.

Depois, o cavaleiro virou-se para saudar Caramon e Flint. Tasslehoff correu a ir buscar mais cerveja, e Tika fora chamada para servir outras pessoas da multidão que era cada vez maior.

— Saudações, Cavaleiro — sussurrou Raistlin do seu canto.

O rosto de Sturm ficou mais sério enquanto se virava para cumprimentar o outro gémeo.

— Raistlin — disse.

O mago puxou o capuz para trás, deixando que a luz lhe batesse no rosto. Sturm era demasiado educado para deixar transparecer o seu espanto, a não ser por uma breve exclamação. Mas os olhos do cavaleiro abriram-se muito. Tanis percebeu que o jovem mago estava a sentir um prazer cínico em ver os amigos perplexos.

— Queres que te traga alguma coisa, Raistlin? — perguntou Tanis.

— Não, obrigado — respondeu o mago, recolhendo-se nas sombras mais uma vez.

— Ele não come praticamente nada — disse Caramon num tom preocupado. — Parece-me que vive só de ar.

— Algumas plantas vivem só de ar — disse Tasslehoff, que voltava com a cerveja de Sturm. — Já as vi. Flutuam acima do chão. As raízes retiram alimento e água da atmosfera.

— A sério? — Os olhos de Caramon abriram-se muito.

— Não sei quem é o maior idiota... — disse Flint, com ar enjoado. — Bem, estamos todos aqui. Que há de novo?

— Todos? — perguntou Sturm, olhando para Tanis e acrescentando: — E Kitiara?

— Não virá — respondeu Tanis prontamente. — Estávamos esperançados de que nos pudesses dizer alguma coisa sobre isso.

— Eu? Não... — O cavaleiro franziu a testa. — Viajámos juntos para norte, e depois separámo-nos logo após cruzarmos os Braços de Mar em direção à Velha Solamnia. Ela disse que ia visitar familiares do pai. Foi a última vez que a vi.

— Bem, calculo que seja isso — suspirou Tanis. — E os teus familiares, Sturm? Encontraste o teu pai?

Sturm começou a falar, mas Tanis só parcialmente escutava as histórias das viagens de Sturm pela sua terra ancestral, Solamnia. Os pensamentos de Tanis estavam concentrados em Kitiara. De todos os seus amigos, era ela que ele mais desejava ver. Depois de cinco anos a tentar tirar os olhos negros e o sorriso trocista dela da cabeça, descobrira que a saudade que sentia só crescia, dia após dia. Selvagem, impetuosa, temperamental, a espadachim era tudo o que Tanis não era. E também era humana, e o amor entre um humano e um elfo acabava sempre em tragédia. Mesmo assim, Tanis não conseguia tirar Kitiara do coração, tal como não conseguiria tirar o lado humano do seu sangue. Libertando a cabeça das memórias, voltou a ouvir Sturm.

— Ouvi rumores. Alguns dizem que o meu pai está morto. Outros dizem que está vivo. — O rosto tornou-se sombrio. — Mas ninguém sabe onde está.

— E a tua herança? — perguntou Caramon.

Sturm sorriu, com um sorriso melancólico que suavizou as linhas do rosto orgulhoso.

— Estou a usá-la — respondeu com simplicidade. — A minha armadura e a minha arma.

Tanis olhou para baixo e viu que o cavaleiro carregava uma espada magnífica, embora de estilo antigo, de pegar com as duas mãos.

Caramon levantou-se, para espreitar por cima da mesa.

— É esplêndida — disse. — Já não se fazem espadas dessas, hoje em dia. A minha partiu-se num combate com um ogre. Theros Ferro-Forjado colocou-lhe uma lâmina nova hoje mesmo, mas custou-me bom dinheiro. Então agora és cavaleiro?

O sorriso de Sturm desapareceu. Ignorando a pergunta, acariciou o punho da espada ternamente.

— Segundo a lenda, esta espada só quebrará se eu quebrar — respondeu. — É tudo o que resta do meu pai...

De repente, Tas, que não estava a prestar atenção, interrompeu-os.

— Quem são aquelas pessoas? — perguntou o kender num sussurro agudo.

Tanis olhou para cima no momento em que os dois bárbaros passavam pela mesa deles, em direção a algumas cadeiras desocupadas que estavam no meio das sombras, num canto perto da lareira. O homem era o indivíduo mais alto que Tanis jamais vira. Caramon, com um metro e oitenta, mal chegava aos ombros daquele homem. Mas o peito de Caramon era provavelmente duas vezes mais largo, e os braços três vezes mais fortes. Apesar de o homem estar envolto em peles que os bárbaros da tribo costumavam usar, era óbvio que era magro de mais para a altura. O rosto, apesar da pele escura, estava pálido como o de alguém que está doente ou sofreu muito.

A companheira, a mulher diante de quem Sturm se tinha curvado, estava tão envolta numa capa de pele com capuz que era difícil perceber alguma coisa sobre ela. Nem ela, nem o seu alto acompanhante olharam para Sturm quando passaram. A mulher levava um cajado simples, adornado com penas, ao estilo dos bárbaros. O homem, uma bolsa já muito usada. Sentaram-se nas cadeiras, aconchegaram-se nas capas e puseram-se a conversar entre si, em voz baixa.

— Encontrei-os a vaguear pela estrada, fora da cidade — disse Sturm. — A mulher parecia estar à beira da exaustão, e o homem também. Trouxe-os para aqui e disse-lhes que podiam comer e descansar esta noite. São pessoas orgulhosas, e creio que normalmente teriam recusado a minha ajuda; mas estavam perdidos e cansados, e — Sturm baixou a voz — há coisas nas estradas, hoje em dia, que é melhor não se enfrentar no escuro.

— Encontrámos algumas dessas coisas, e perguntaram-nos por um cajado — disse Tanis, com um ar enojado. E descreveu o encontro com o Chefe de Poucos Toede.

Apesar de ter sorrido durante a descrição da batalha, Sturm sacudiu a cabeça.

— Um guarda Seguidor perguntou-me também sobre um cajado, lá fora — disse depois. — De cristal azul, não era?

Caramon acenou com a cabeça e colocou a mão no ombro magro do irmão.

— Um dos guardas peçonhentos que nos fez parar — disse — queria confiscar o cajado de Raist, acreditam? Para averiguação posterior, disseram eles. Pus-lhes a minha espada bem em frente às caras deles, e lá mudaram de ideias.

Raistlin moveu o braço, afastando-o do toque do irmão, com um sorriso sarcástico nos lábios.

— Que teria acontecido se tivessem ficado com o teu cajado? — perguntou Tanis a Raistlin.

O mago olhou para ele da sombra do capuz, com os olhos dourados a brilhar.

— Teriam tido uma morte horrível — murmurou o mago —, mas não pela espada do meu irmão!

O meio elfo sentiu-se gelar. As palavras que o mago dissera com aquele tom suave eram bem mais assustadoras do que as bravatas do irmão.

— O que haverá de tão importante nesse cajado com cristal azul para os duendes se disporem a matar para o obterem? — indagou-se Tanis.

— Correm rumores de que o pior está para vir — disse Sturm muito baixo. Os amigos aproximaram-se mais para o ouvirem. — Há exércitos a reunirem-se no Norte. Exércitos de criaturas estranhas, não humanas. Fala-se de guerra.

— Mas o quê? Quem? — perguntou Tanis. — Também ouvi a mesma coisa.

— E eu também — acrescentou Caramon. — Na verdade, ouvi...

Enquanto a conversa prosseguia, Tasslehoff bocejou e virou-se para o outro lado. O kender ficava entediado com facilidade. Olhou em redor para a estalagem, em busca de algo que o distraísse. Os olhos foram cair no velho, que ainda estava a contar histórias à criança perto da lareira. O velho tinha agora uma audiência maior, porque os dois bárbaros estavam a escutá-lo, notou Tas. Depois, ficou de boca aberta.

A mulher lançou o capuz para trás e a luz do fogo refletia-se agora no seu rosto e nos cabelos. O kender fitou-a com admiração. O rosto da mulher era como o rosto de uma estátua de mármore: linhas clássicas, puras, frias.

Mas foram os cabelos que chamaram a atenção do kender. Tas nunca tinha visto um cabelo como aquele antes, e especialmente no povo da planície, que normalmente tinha cabelos e pele escuros. Nenhum joalheiro, por mais fios de prata e de ouro que fundisse, seria capaz de reproduzir o efeito que os cabelos de prata e dourados daquela mulher produziam enquanto brilhavam à luz do fogo.

Outra pessoa escutava também o velho. Um homem que usava uma rica capa castanha e dourada, como as que os Seguidores costumavam usar. Sentara-se a uma mesa pequena e redonda, a beber vinho quente. Tinha várias canecas vazias à frente e, enquanto o kender o observava, pediu mais uma, num tom irritado.

— Aquele ali é Hederick — sussurrou Tika ao passar pela mesa dos companheiros. — *O Alto Teocrata.*

O homem repetiu o pedido, com o olhar dardejando para Tika. A rapariga apressou-se a atendê-lo. O homem falou de forma rude com Tika, reclamando do péssimo serviço. Pareceu que Tika ia responder qualquer coisa, mas limitou-se a morder o lábio, e ficou calada.

O velho chegou ao fim da sua história. O rapazito suspirou e perguntou, cheio de curiosidade:

— Todas as histórias dos deuses antigos são verdadeiras, Velho?

Tasslehoff viu Hederick franzir o sobrolho. O kender tinha esperança de que Hederick não fosse incomodar o velho. Tocou no braço de Tanis, para lhe chamar a atenção, e fez sinal com a cabeça na direção do Seguidor, com um olhar que dizia que era bem capaz de ir haver confusão.

Os amigos voltaram-se. Todos ficaram perplexos com a beleza da mulher da planície. Olharam-na em silêncio.

A voz do velho tinha-se claramente imposto acima da monotonia das outras conversas da sala.

— Mas é claro que as minhas histórias são verdadeiras, meu filho — e o velho olhou diretamente para a mulher e para o seu acompanhante. — Pergunta a essas pessoas. Elas trazem histórias destas nos seus corações.

— A sério? — O rapazito virou-se ansiosamente para a mulher. — Pode contar-me uma história?

A mulher recolheu-se de novo nas sombras, e a cara mostrava medo quando percebeu que Tanis e os amigos estavam a olhar para ela. O acompanhante aproximou-se dela para a proteger, levando ao mesmo tempo a mão em direção à arma. Olhou com ar ameaçador para o grupo, e principalmente para o guerreiro fortemente armado, Caramon.

— Que imbecil tão nervoso — comentou Caramon, com as mãos em busca da espada.

— Eu consigo perceber porquê — disse Sturm. — Está a guardar um tesouro... Já agora, é o guarda-costas dela. Percebi pela conversa deles que ela é uma pessoa da família real da tribo deles. Se bem que imagino, a avaliar pelos olhares que trocaram, que o relacionamento vá um pouco além disso.

A mulher levantou uma mão, num gesto apaziguador.

— Desculpa... — Os amigos tiveram de se esforçar para ouvir a voz baixa. — Não sou uma contadora de histórias. Não tenho esse talento.

Falara na Língua Comum, e o sotaque era carregado.

O rosto ansioso do rapazito mostrou um grande desapontamento. O velho deu-lhe uma palmadinha nas costas, e depois olhou diretamente para os olhos da mulher.

— Podes não ser uma contadora de histórias — disse o velho, num tom de simpatia —, mas és uma cantora de canções, não será, Filha do Líder? Canta a tua canção para esta criança, Lua Dourada. Tu sabes qual.

Um alaúde apareceu nas mãos do velho, vindo não se sabia de onde. Deu-o à mulher, que o olhou com um ar de espanto e assombro.

— Como... como é que me conhece, senhor...? — perguntou.

— Não importa. — O velho sorriu gentilmente. — Canta para nós, Filha do Líder.

A mulher pegou no alaúde com mãos visivelmente trémulas. O companheiro deu a impressão de sussurrar um protesto, mas ela não lhe deu ouvidos. Os olhos dela pareciam cativados pelo brilho dos olhos negros do velho. Calmamente, como se estivesse em transe, começou a tocar o alaúde. Quando os melancólicos acordes se espalharam pela sala, todas as conversas se interromperam. Daí a pouco, toda a gente estava a observar a mulher, mas ela não parecia aperceber-se disso. Lua Dourada cantou apenas para o velho.

*As pradarias são intermináveis
E o verão canta,
E a princesa Lua Dourada
Ama o filho de um homem pobre.
O seu pai, o líder,
Cria abismos entre eles:
As pradarias são intermináveis, e o verão canta.*

*As pradarias chamam,
O céu no horizonte é cinzento,
O líder envia Vento do Rio
Longe para o leste,
Em busca de uma magia poderosa
Lá onde amanhece,
As pradarias estão a chamar e o céu no horizonte é cinzento.*

*Ó Vento do Rio, para onde foste?
Ó Vento do Rio, o outono está a chegar.
Sento-me perto do rio*

*E assisto ao nascer do Sol,
Mas o Sol nasce sozinho sobre as montanhas.*

*As pradarias estão a desaparecer,
O vento do verão desaparece,
Volta, Vento do Rio, com a escuridão das pedras
Refletida nos olhos.*

*Ele traz um cajado azul
Tão brilhante como o gelo:
As pradarias estão a desaparecer, o vento do verão desaparece.*

*As pradarias são frágeis,
amarelas como chamas,
O líder fala então com desprezo
De tudo o que Vento do Rio diz.*

*Ordena ao povo
Que apedreje o jovem guerreiro:
As pradarias são frágeis, amarelas como chamas.*

*As pradarias desapareceram
E o outono chegou.
A jovem encontra o seu amante,
As pedras passam assobiando perto dela,*

*O cajado incendeia-se com luzes azuis
E os dois desaparecem:
As pradarias desapareceram, e o outono chegou.*

Fez-se um silêncio mortal no salão quando a mulher tocou o acorde final. Ofegante, devolveu o alaúde ao velho e retirou-se para as sombras mais uma vez.

— Obrigado, minha querida — disse o velho, sorrindo.

— Agora já posso ouvir outra história? — perguntou o rapazinho ansiosamente.

— Claro que sim — respondeu o velho, recostando-se na cadeira. — Era uma vez o grande deus Paladino...

— Paladino? — interrompeu o rapazinho. — Nunca ouvi falar de um deus chamado Paladino.

Ouviu-se uma gargalhada desdenhosa do Alto Teocrata, sentado numa

mesa próxima. Tanis olhou para Hederick, cujo rosto estava vermelho e carrancudo. O velho pareceu não perceber.

— Paladino é um dos deuses antigos, meu filho. Ninguém o adora há muito tempo.

— Porque nos deixou ele? — perguntou a criança.

— Não nos deixou — respondeu o velho, e o sorriso tornou-se mais triste. — Os homens é que o abandonaram, depois dos negros dias do Cataclismo. Culparam os deuses pela destruição do mundo, em vez de se culparem a si próprios, como deveriam ter feito. Alguma vez ouviste o Cântico do Dragão?

— Ah, sim, já ouvi — respondeu o rapazinho com entusiasmo. — Adoro histórias de dragões, se bem que o meu pai diga sempre que os dragões nunca existiram. Mas eu acredito neles. Espero ver um, um dia!

O rosto do velho pareceu envelhecer ainda mais e ficar triste. Passou a mão pelos cabelos do rapazinho.

— Cuidado com o que desejas, meu filho — disse suavemente. Depois, ficou em silêncio.

— Então e a história? — disse o rapazinho.

— Ah, sim. Bom... uma vez, Paladino ouviu a prece de um grande cavaleiro, Huma...

— Huma, o do Cântico?

— Sim, esse mesmo. Huma tinha-se perdido na floresta. Vagueou e vagueou até desesperar, porque pensava que nunca mais voltaria a ver a sua pátria. Rezou pedindo ajuda a Paladino e, de repente, apareceu um veado branco à sua frente.

— E Huma matou-o? — perguntou o rapazinho.

— Ia fazê-lo, mas o coração não aguentou isso. Não conseguiria matar um animal tão magnífico. O veado fugiu a correr. Depois, parou e olhou para Huma, como se estivesse à espera. Huma começou a segui-lo. Dia e noite, seguiu o veado até este o levar de regresso à sua pátria. E agradeceu ao deus Paladino...

— Blasfémia! — atalhou alto uma voz. Uma cadeira caiu no chão.

Tanis pousou a caneca de cerveja na mesa e levantou os olhos. Todos os da mesa pararam de beber, para olharem para o Teocrata embriagado.

— Blasfémia! — repetiu Hederick, de pé e cambaleante, enquanto apontava para o velho. — Herege! Corrompes a nossa juventude! Eu te levarei diante do conselho, Velho. — O Seguidor deu um passo para trás, e depois cambaleou para a frente. Olhou em volta pelo salão com uma expressão sobranceira. — Chamem os guardas! — e fez um gesto grandioso. — Digam-lhes que prendam esta mulher por cantar músicas indecentes. Obviamente é uma bruxa! Confisco esse cajado!

O Seguidor atravessou o salão desajeitadamente até à mulher bárbara, que estava a olhar para ele com ar enojado. Tentou, de forma desajeitada, deitar a mão ao cajado.

— Não — disse calmamente a mulher que se chamava Lua Dourada. — Isto pertence-me. Não tem o direito de lhe mexer.

— Bruxa! — disse o Seguidor. — Eu sou o Alto Teocrata! Eu mexo no que quiser.

E começou a dirigir-se de novo para o cajado. O enorme acompanhante da mulher pôs-se de pé.

— A Filha do Líder disse para não mexer — disse o homem com dureza. E empurrou o Seguidor para trás.

O empurrão não foi muito forte, mas fez o Teocrata embriagado perder completamente o equilíbrio. Este, com os braços agitando-se desesperadamente, tentava manter-se equilibrado. Cambaleou para a frente, deu um passo a mais, tropeçou na capa e mergulhou de cabeça para dentro da grande lareira.

Ouviu-se um som sibilante e viu-se uma labareda a crescer; depois, houve um repelente cheiro a carne queimada. O grito do Teocrata rompeu o silêncio pesado, enquanto o homem tresloucado se levantava de novo e começava a girar num grande frenesim. Transformara-se numa tocha viva!

Tanis e os outros ficaram sentados, incapazes de se mexerem, paralisados pela surpresa do incidente. Apenas Tasslehoff foi suficientemente rápido para correr em direção ao homem, para o ajudar. Mas o Teocrata gritava e agitava os braços, sacudindo as chamas que lhe consumiam as roupas e o corpo. Parecia impossível que o pequeno kender fosse capaz de o ajudar.

— Toma! — O velho agarrou no cajado decorado com penas da mulher bárbara e entregou-o ao kender. — Derruba-o. Depois, apagamos o fogo.

Tasslehoff pegou no cajado. Ergueu-o com todas as suas forças e atingiu o Teocrata no peito. O homem caiu no chão. Seguiu-se um momento de choque geral em toda a gente. O próprio Tasslehoff ficou imóvel, de boca aberta, com o cajado na mão, a observar a incrível cena aos seus pés.

As chamas apagaram-se instantaneamente. A capa do homem estava intacta, sem danos. A pele do homem estava cor-de-rosa e incólume. Sentou-se, com uma expressão de medo e de espanto no rosto. Baixou os olhos para observar as mãos e a capa. Não tinha uma única marca na pele. Não havia o menor sinal de queimaduras nas roupas.

— Curou-o! — afirmou o velho em voz alta. — O cajado curou-o! Olha para o cajado!

Os olhos de Tasslehoff voltaram-se para o cajado que tinha nas mãos. Era de cristal azul e estava a brilhar com uma luz azulada e ofuscante!

Depois, o velho começou a gritar:

— Chamem os guardas! Prendam o kender! Prendam os bárbaros! Prendam os amigos deles! Eu vi-os entrar com aquele cavaleiro. — Apon-
tou para Sturm.

— O quê? — Tanis levantou-se. — Estás louco, Velho?

— Chamem os guardas! — A notícia correu. — Viram o cajado de cristal azul? Encontrámo-lo. Agora vão deixar-nos em paz. Chamem os guardas!

O Teocrata levantou-se com dificuldade, o rosto empalidecido e com manchas vermelhas. A mulher bárbara e o companheiro permaneciam de pé, com o medo estampado nos rostos.

— Maldita bruxa! — A voz de Hederick tremia de raiva. — Curaste-me com o mal! Ainda que eu me queimasse para purificar a minha carne, tu queimas para purificar a tua alma! — Depois de dizer isto, o Seguidor estendeu a mão e, antes que alguém pudesse impedi-lo, voltou a enfiá-la nas chamas! Conteve o grito de dor. Depois, segurando a mão queimada e es-
curecida, virou-se e cambaleou por entre a multidão que murmurava, com um olhar malévolamente satisfeito no rosto contorcido pela dor.

— Vocês têm de sair daqui! — Tika foi a correr em direção a Tanis, respirando com dificuldade. — A cidade inteira vai andar à procura desse cajado! Aqueles homens de capuz disseram ao Teocrata que destruiriam Solace se vissem alguém a proteger o cajado. As pessoas da cidade vão entregar-vos aos guardas!

— Mas o cajado não é nosso! — protestou Tanis. Olhou para o velho e viu-o reclinado na cadeira, com um sorriso de satisfação no rosto. O velho sorriu para Tanis e deu-lhe uma piscadela de olho.

— E julgas que vão acreditar em ti? — perguntou Tika, juntando as mãos. — Olha!

Tanis olhou em redor. As pessoas estavam a olhar para eles com uma expressão malévolamente satisfeita. Alguns seguravam as canecas com força. Outros levavam as mãos aos punhos das espadas. Gritos vindos lá de baixo fizeram Tanis olhar para os amigos.

— Os guardas vêm aí! — exclamou Tika.

Tanis levantou-se.

— Teremos de sair pela cozinha.

— Sim! — concordou Tika. — Não irão procurar lá, por agora. Mas depressa. Não vão demorar muito a cercar o local.

Os anos de separação não tinham afetado a capacidade de os companheiros reagirem como uma equipa perante a ameaça do perigo. Caramon já tinha colocado o elmo brilhante, sacado a espada, colocado o alforge ao ombro, e já estava a ajudar o irmão a levantar-se. Raistlin, com o cajado nas

mãos, já estava a dar a volta à mesa. Flint empunhava o seu machado de guerra e franzia o sobrolho para os que estavam a olhar e que pareciam hesitantes em atacar homens tão bem armados. Só Sturm continuava sentado, a beber calmamente a sua cerveja.

— Sturm! — disse Tanis com urgência. — Anda! Temos de sair daqui!

— Fugir? — O cavaleiro parecia perplexo. — Deste monte de gente alvoroçada?

— Sim. — Tanis fez uma pausa. O código de honra do cavaleiro proibia-o de fugir do perigo. Teria de o convencer. — Aquele homem é um fanático religioso, Sturm. Provavelmente queimar-nos-á vivos! Além disso — um súbito pensamento ajudou-o —, há uma dama que precisa de ser protegida.

— A dama, pois claro! — Sturm levantou-se imediatamente e dirigiu-se à mulher. — Senhora, um seu criado. — Fez uma vénia. O cortês cavaleiro não se deixaria apressar. — Parece que estamos nisto juntos. O seu cajado já nos deixou num perigo considerável... A si principalmente. Estamos familiarizados com esta área: crescemos aqui. Vocês, como sabemos, são estrangeiros. Ficaríamos muito honrados em acompanhar a senhora e o seu galante amigo e protegermos as vossas vidas.

— Vamos! — apressava-os Tika, agarrando o braço de Tanis.

Caramon e Raistlin já estavam à porta da cozinha.

— Agarra o kender — disse Tanis para Tika.

Tasslehoff estava de pé, como que pregado ao chão, a olhar para o cajado que regressava rapidamente à sua cor castanha habitual. Tika agarrou Tas pelos cabelos e puxou-o para a cozinha. O kender gritou, largando o cajado.

Lua Dourada agarrou-o rapidamente, puxando-o para junto de si. Embora estivesse assustada, os olhos dela continuavam tão límpidos e firmes como quando olhara para Sturm e Tanis; estava a pensar rapidamente. O acompanhante disse-lhe qualquer coisa no seu idioma. A mulher abanou a cabeça. O homem franziu o sobrolho e fez um gesto de cortar com a mão. Ela deu uma resposta rápida e o homem calou-se, com uma expressão sombria.

— Vamos convosco — disse Lua Dourada para Sturm na Língua Comum. — Obrigada pela proposta.

— Por aqui! — Tanis conduziu-os para fora pela porta da cozinha, seguindo Tika e Tas. Olhou para trás e viu uma parte da multidão a ir na sua direção, mas sem grandes pressas.

O cozinheiro olhava enquanto corriam pela cozinha. Caramon e Raistlin já estavam na saída, que não era mais do que um buraco aberto no chão. Havia uma corda pendurada num ramo firme sobre o buraco, e que se estendia por doze metros até ao chão.

— Ah! — exclamou Tas, rindo-se. — É por aqui que sobe a cerveja e desce o lixo. — Atirou-se para a corda e desceu com facilidade.

— Desculpa — pediu Tika a Lua Dourada —, mas esta é a única maneira de sair daqui.

— Consigo perfeitamente descer por uma corda. — Então, a mulher sorriu e acrescentou:

— Embora tenha de admitir que já há muito tempo que não o faço.

Deu o cajado ao companheiro e agarrou a corda com firmeza. Começou a descer, movendo as mãos com destreza. Quando ela chegou ao chão, o companheiro atirou o cajado para baixo, agarrou a corda e desceu também pelo buraco.

— Como vais tu descer, Raist? — perguntou Caramon, com a preocupação estampada no rosto. — Posso levar-te às costas...

Os olhos de Raistlin brilharam com uma fúria que chocou Tanis.

— Eu consigo descer sozinho! — sibilou o mago.

Antes que alguém pudesse impedi-lo, chegou-se à beira do buraco e lançou-se no ar. Todos suspenderam a respiração e olharam para baixo, à espera de ver Raistlin estatelado no chão. Em vez disso, viram o jovem mago flutuando suavemente para baixo, com as vestes a esvoaçar à sua volta. O cristal do cajado de Raistlin brilhava intensamente.

— Ele deixa-me arrepiado! — resmungou Flint para Tanis.

— Depressa! — Tanis empurrou o anão para a frente. Flint agarrou a corda. Caramon foi o seguinte, e o peso do homenzarrão fez estalar o ramo a que a corda estava amarrada.

— Eu vou em último — disse Sturm, de espada na mão.

— Muito bem. — Tanis sabia que seria escusado discutir. Prendeu o longo arco e a aljava das flechas aos ombros, agarrou a corda e começou a descer. Subitamente, as mãos escorregaram-lhe. Deslizou pela corda abaixo, incapaz de parar, queimando a pele das mãos. A carne ficou exposta e a sangrar. Mas não havia tempo para pensar nisso. Olhando para cima, viu Sturm a descer.

A cara de Tika apareceu no buraco.

— Vão para a minha casa! — disse Tika, apontando para as árvores. Depois, desapareceu.

— Eu sei o caminho — disse Tasslehoff, e os olhos brilhavam-lhe de entusiasmo. — Sigam-me.

Apressaram-se a seguir o kender, ouvindo o som dos guardas a subir as escadas da estalagem. Tanis, que não estava acostumado a andar no chão em Solace, ficou imediatamente desorientado. Acima da sua cabeça, podia ver as passagens de madeira suspensas e as luzes das ruas cintilando por entre as folhas das árvores. Estava completamente desorientado, mas Tas

continuou em frente, confiante, ziguezagueando entre os enormes troncos das árvores. O barulho do alvoroço na estalagem deixou de se ouvir.

— Esta noite, ficaremos escondidos em casa de Tika — sussurrou Tanis para Sturm, enquanto se enfiavam por entre os arbustos mais baixos. — Para o caso de alguém nos ter reconhecido e decidir ir vasculhar as nossas casas. De manhã, toda a gente já terá esquecido este assunto. Levaremos esta gente da planície para a minha casa, e deixaremos que descansem por uns dias. Depois, poderemos mandar os bárbaros para Haven, onde o Conselho dos Altos Seguidores poderá falar com eles. Creio até que irei também... Estou muito intrigado com este cajado.

Sturm concordou com um aceno da cabeça. Depois, olhou para Tanis e sorriu com aquele seu raro e melancólico sorriso.

— Bem-vindos a casa — disse o cavaleiro.

— Tu também — e o meio elfo fez um sorriso amplo.

Pararam de repente, chocando contra Caramon, no escuro.

— Chegámos, parece-me — disse Caramon.

À luz das lanternas das ruas, penduradas nos ramos das árvores, podiam ver Tasslehoff a subir pela ramagem da árvore como um anão barbigudo. Os restantes seguiram-no, mais vagorosamente, com Caramon a ajudar o irmão. Tanis, rangendo os dentes por causa da dor nas mãos, subiu devagar por entre a folhagem de outono que caía rapidamente. Tas saltou por cima da vedação do alpendre com a destreza de um ladrão. O kender dirigiu-se para a porta e olhou para cima e para baixo da passagem de madeira suspensa. Não vendo ninguém, fez sinal aos outros. Depois, analisou a fechadura e sorriu para si mesmo de satisfação. O kender tirou qualquer coisa de uma das suas bolsas. Ao fim de uns segundos, a porta da casa de Tika abriu-se.

— Entrem — disse, como se fosse o anfitrião.

Encheram a pequena casa, e o enorme bárbaro foi obrigado a baixar a cabeça para não bater no teto. Tas fechou as cortinas. Sturm puxou uma cadeira para a dama, e o bárbaro alto ficou em pé atrás dela. Raistlin acendeu a lareira.

— Fiquem atentos — disse Tanis. Caramon concordou com um aceno de cabeça.

O guerreiro já estava colocado perto de uma janela, a olhar para a escuridão lá fora. A luz de uma lanterna da rua entrou pela janela, iluminando a sala e projetando sombras escuras nas paredes. Durante algum tempo, ninguém disse nada, e ficaram apenas a olhar uns para os outros.

Tanis sentou-se, virado para a mulher.

— Esse cajado de cristal azul — disse Tanis baixinho. — Curou aquele homem. Como?

— Não sei... — A mulher hesitou. — Não o tenho há muito tempo.

Tanis olhou para as mãos. Estavam a sangrar nos sítios onde a corda tinha arrancado a pele. Estendeu-as para ela. A mulher tocou-lhe lentamente com o cajado, com a cara muito pálida. O cajado começou a brilhar com uma luz azul. Tanis sentiu um pequeno choque, como uma comichão em todo o corpo. Enquanto olhava para as mãos, o sangue desaparecia, a pele tornava-se macia e as marcas esmaeciam. A dor aliviou e depois desapareceu também completamente.

— Uma verdadeira cura! — disse, espantado.

A PORTA ABERTA. FUGA NA ESCURIDAO.



Raistlin sentou-se junto da lareira, esfregando as mãos ao calor do fogo. Os olhos dourados pareciam mais claros do que as chamas, enquanto olhava fixamente para o cajado de cristal azul deitado no colo da mulher.

— Que achas tu? — perguntou Tanis.

— Se é uma charlatã, é das boas — comentou Raistlin, pensativo.

— Verme! Atreves-te a chamar charlatã à Filha do Líder? — O bárbaro alto avançou na direção de Raistlin, com as escuras sobrancelhas franzidas ameaçadoramente. Caramon fez um ruído surdo com a garganta e afastou-se da janela, para se posicionar atrás do irmão.

— Vento do Rio... — A mulher colocou a mão no braço do homem quando ele se aproximou dela. — Por favor. Ele não disse isso por mal. É normal que não confiem em nós. Não nos conhecem.

— E nós também não os conhecemos — resmungou o homem.

— Posso examiná-lo? — perguntou Raistlin.

Lua Dourada acenou com a cabeça e entregou-lhe o cajado. O mago estendeu o braço longo e magro, e as mãos finas agarraram o cajado ansiosamente. Assim que Raistlin tocou no cajado, houve uma faísca de luz azul e um estalido. O mago afastou a mão, gritando de dor e de surpresa. Caramon saltou para a frente, mas o irmão fê-lo parar.

— Não, Caramon — sussurrou Raistlin com voz rouca e segurando a mão magoada. — A senhora não teve nada a ver com isso.

Na verdade, a mulher estava perplexa, a olhar para o cajado.

— O que é isto, então? — perguntou Tanis, intrigado. — Um cajado que cura e fere ao mesmo tempo?

— Simplesmente conhece quem lhe toca. — Raistlin passou a língua pelos lábios, e os olhos dele brilhavam. — Vê só! Caramon, pega no cajado.

— Eu? Não! — O guerreiro deu um passo atrás, como se tivesse visto uma serpente.

— Pega no cajado! — ordenou Raistlin.

Caramon estendeu a mão com relutância. O braço avançou lentamente, enquanto os dedos chegavam cada vez mais perto. Fechando os olhos e cerrando os dentes, antecipando a dor, tocou no cajado. Não aconteceu nada.

Caramon arregalou os olhos, espantado. Agarrou no cajado, levantou-o na mão enorme e sorriu.

— Viram? — Raistlin fez um gesto como o de um ilusionista a demonstrar um truque à plateia. — Só aqueles que têm bondade e são puros de coração — e o sarcasmo dele era doloroso — podem tocar no cajado. É realmente um cajado sagrado que cura, abençoado por um deus qualquer. Não é mágico. Nenhum objeto mágico de todos os que já ouvi falar tem poderes curativos.

— Chiu! — disse Tasslehoff, que tinha tomado o lugar de Caramon junto da janela. — Os guardas do Teocrata! — alertou em voz baixa.

Ninguém falou mais. Todos conseguiam agora ouvir os passos dos duendes caminhando pelas passagens suspensas que ligavam os ramos das árvores.

— Estão a fazer buscas de casa em casa! — sussurrou Tanis, incrédulo, ao ouvir punhos batendo na porta de uma casa vizinha.

— Os Seguidores exigem o direito de entrar! — rosnou uma voz. Houve uma pausa, e depois a mesma voz disse:

— Não está ninguém. Arrombamos a porta?

— Não — disse outra voz. — É melhor avisarmos o Teocrata, ele que arrombe a porta. Se estivesse destrancada, era diferente... Nesse caso, temos permissão para entrar.

Tanis olhou para a porta, à sua frente. Sentiu um arrepio na nuca. Poderia jurar que tinham fechado e trancado a porta... Mas agora estava entreaberta!

— A porta! — murmurou. — Caramon...

Mas o guerreiro já estava de pé atrás da porta, de costas voltadas para a parede, exercitando as mãos gigantescas.

Os passos pararam em frente à porta de Tika.

— Os Seguidores exigem o direito de entrar! — Os duendes começaram a bater na porta, mas pararam, surpreendidos, porque esta abriu-se.

— Este sítio está vazio — disse um deles. — Sigamos em frente.

— Não tens mesmo imaginação nenhuma, Grum — disse o outro. — Isto é uma oportunidade para apanharmos umas peças de prata.

Uma cabeça de duende apareceu pela porta aberta. Os olhos assestaram em Raistlin, sentado calmamente com o seu cajado ao ombro. O duende grunhiu, assustado, e depois começou a rir.

— Oh, oh!! Olha só o que encontrámos! Um cajado! — Os olhos do duende brilharam. Deu um passo na direção de Raistlin, com o companheiro logo atrás dele. — Dá-me esse cajado!

— Com certeza — murmurou o mago. Ergueu o cajado. — *Shirak!* — disse depois. A bola de cristal brilhou. Os duendes soltaram um grito e fecharam os olhos, tentando puxar das espadas. Nesse momento, Caramon saltou de trás da porta, agarrou os duendes pelo pescoço, e fez bater as cabeças uma contra a outra, com um som repugnante. Os corpos dos duendes caíram no chão, transformados num monte de carne fedorenta.

— Estão mortos? — perguntou Tanis enquanto Caramon se inclinava sobre eles, examinando-os à luz do cajado de Raistlin.

— Receio que sim — suspirou o homenzarrão. — Bati com muita força.

— Bem, agora fizeste-a bonita — disse Tanis, receoso. — Matámos mais dois guardas do Teocrata. Vai pôr a cidade em pé de guerra. Agora não vamos poder ficar escondidos uns dias, vamos ter de desaparecer daqui! E vocês os dois — virou-se para os bárbaros — é melhor virem connosco.

— Para onde queres tu que vamos? — disse Flint com irritação.

— Para onde iam vocês? — perguntou Tanis a Vento do Rio.

— Estávamos a caminho de Haven — respondeu o bárbaro com relutância.

— Há lá homens sábios — explicou Lua Dourada. — Tínhamos esperanças de que nos pudessem dizer alguma coisa acerca deste cajado. Ouviste a canção que cantei. A história é verdadeira: o cajado salvou as nossas vidas.

— Vais ter de nos contar isso mais tarde — interrompeu Tanis. — Quando estes guardas não se apresentarem aos seus superiores, todos os duendes de Solace sairão para as árvores. Raistlin, apaga essa luz.

O mago disse outra palavra — *Dumak* — e o cristal tremeluziu e depois apagou-se.

— Que vamos fazer com estes corpos? — perguntou Caramon, tocando num duende morto com a ponta da bota. — E Tika? Não ficará em apuros?

— Deixa os corpos. — A mente de Tanis estava a trabalhar rapidamente. — E destrói a porta. Sturm, derruba umas cadeiras. Temos de fazer

parecer que entrámos aqui e lutámos com esses dois. Assim, Tika não se verá muito aflita. É uma rapariga muito esperta... Há de saber como se desembaraçar.

— Vamos precisar de comida — disse Tasslehoff. Correu até à cozinha e começou a revirar as prateleiras, metendo pão e tudo o que parecesse ser comestível nos bolsos. Atirou a Flint um odre cheio de vinho. Sturm virou umas cadeiras. Caramon pôs os corpos de maneira a fazer parecer que tinham morrido num combate feroz. Os dois bárbaros da planície ficaram diante da lareira que se apagava, olhando para Tanis com uma expressão de dúvida.

— Bom... — disse Sturm. — E agora? Para onde vamos?

Tanis hesitou, revendo todas as opções na sua cabeça. Aquela gente da planície viera de leste e... Se a história deles era verdadeira e a tribo deles andasse mesmo a tentar matá-los... Não haveriam de querer voltar por esse caminho. O grupo poderia ir para sul, para o interior do reino dos elfos, mas Tanis sentia uma estranha relutância em regressar à sua terra natal. Sabia, também, que os elfos não ficariam contentes por verem estes estranhos a entrar na sua cidade escondida.

— Vamos para norte — disse por fim. — Vamos acompanhar estes dois até chegarmos à encruzilhada, e depois poderemos decidir o que fazer daí em diante. Podem seguir para sudeste em direção a Haven, se quiserem. Eu penso viajar mais para norte, para saber se os rumores sobre exércitos em preparação são verdadeiros.

— E talvez encontrar Kitiara... — sussurrou Raistlin com astúcia.

Tanis ficou corado.

— Concordam com este plano? — perguntou, olhando para todos à sua volta.

— Apesar de não seres o mais velho de entre nós, Tanis, és o mais sensato — disse Sturm. — Seguir-te-emos, como sempre.

Caramon concordou com um aceno da cabeça. Raistlin já estava a dirigir-se para a porta. Flint colocou o odre ao ombro, resmungando.

Tanis sentiu uma mão delicada tocar-lhe no ombro. Virou-se e olhou para os olhos azuis da bela bárbara.

— Ficamos agradecidos — disse lentamente Lua Dourada, como se não estivesse habituada a expressar gratidão. — Estão a arriscar as vossas vidas por nós, e não passamos de estranhos.

Tanis sorriu e apertou-lhe a mão.

— Sou Tanis. Os dois irmãos são Caramon e Raistlin. O cavaleiro é Sturm Lâmina Brilhante. Flint Forjardente é aquele que leva o vinho, e Tasslehoff Pé-Ligeiro é o nosso brilhante serralheiro. Tu és Lua Dourada e ele é Vento do Rio. Agora já não somos estranhos.

Lua Dourada sorriu cansadamente. Deu uma palmadinha no braço de Tanis, e depois dirigiu-se para a porta, apoiando-se no cajado que, mais uma vez, parecia não ter nada de especial. Tanis olhou para ela e depois desviou o olhar e deu de caras com Vento do Rio, que o fitava. O rosto escuro do bárbaro era uma máscara impenetrável.

Bem, corrigiu-se Tanis silenciosamente. Alguns de nós já não são estranhos.

Pouco depois, já todos tinham partido. Tas indicava o caminho. Tanis ficou por um momento sozinho na sala destruída, olhando para os corpos dos duendes. Aquilo deveria ter sido um tranquilo regresso a casa, depois de anos amargos de viagens solitárias. Pensou na sua casa confortável. Pensou em todas as coisas que tinha planeado fazer — coisas que tinha planeado fazer juntamente com Kitiara. Pensou nas longas noites de inverno, nas pessoas a contarem histórias em redor da lareira na estalagem, e depois a voltarem para casa, rindo debaixo dos cobertores de peles e dormindo até tarde nas manhãs cheias de neve.

Tanis deu um pontapé nos tições fumegantes, espalhando-os pelo chão. Kitiara não voltara. Os duendes tinham invadido a sua pacata cidade. E estava a fugir pela noite para escapar a um bando de fanáticos religiosos, com a possibilidade de nunca mais poder voltar.

Os elfos não dão pelo passar do tempo. Vivem centenas de anos. Para eles, as estações do ano passam como uma rápida chuva de verão. Mas Tanis era meio humano. Sentia as mudanças que chegavam.

Suspirou e abanou a cabeça. Depois, saiu pela porta destruída, deixando-a a balouçar numa única dobradiça.

O ADEUS A FLINT. FLECHAS VOAM. MENSAGEM NAS ESTRELAS.



Tanis passou para o alpendre e desceu pelos ramos da árvore até ao chão. Os outros esperavam-no, reunidos na escuridão, afastados da luz que emanava das lanternas da rua lá em cima e que balouçavam nos ramos acima deles. Um vento frio de norte começara a soprar. Tanis olhou para trás e viu outras luzes: as luzes dos grupos de busca. Pôs o capuz sobre a cabeça e apressou-se.

— O vento mudou — disse. — Vai chover, de manhã. — Olhou para o pequeno grupo e viu todos iluminados pela estranha luz das lanternas, que dançavam ao sabor do vento. O rosto de Lua Dourada estava marcado pelo cansaço. O rosto de Vento do Rio era uma máscara de força impassível, mas tinha os ombros descaídos. Raistlin, tremendo, encostou-se a uma árvore, ofegante.

Tanis encolheu os ombros contra o vento.

— Precisamos de encontrar abrigo — disse. — Um lugar para descansarmos.

— Tanis... — Tas deu um puxão na capa do meio elfo. — Poderíamos ir de barco. O Lago de Cristal é aqui perto. Há grutas do outro lado, e isso diminuirá o nosso tempo de caminhada amanhã.

— Aí está uma boa ideia, Tas. Mas não temos um barco.

— Isso não é problema. — O kender sorriu. O rosto pequeno e as orelhas pontiagudas davam-lhe uma aparência particularmente travessa, àquela estranha iluminação. Tanis deu-se conta de que Tas estava a apreciar muito tudo aquilo. Sentiu vontade de abanar o kender, e de lhe dar um ser-

mão sobre a gravidade do perigo em que estavam metidos. Mas o meio elfo sabia que seria inútil: os kendens eram totalmente imunes ao medo.

— O barco é uma boa ideia — repetiu Tanis, após um momento de reflexão. — Segue à frente, então. E não digas nada a Flint — acrescentou. — Eu tratarei disso.

— Muito bem! — Tas riu-se, virando-se para os outros. — Sigam-me! — disse num tom suave. E seguiu em frente. Flint resmungou por debaixo das barbas, e começou a caminhar atrás do kender. Lua Dourada seguiu o anão. Vento do Rio olhou para todos do grupo, e depois seguiu atrás dela.

— Parece-me que não confia em nós — observou Caramon.

— E tu, confiarías? — perguntou Tanis, olhando para o homenzarrão. O dragão do elmo de Caramon reluziu momentaneamente, refletindo as luzes que piscavam; a cota de malha tornava-se visível sempre que o vento lhe soprava a capa para trás. Uma longa espada batia-lhe na coxa, trazia um pequeno arco e uma aljava de flechas ao ombro, e uma adaga saía-lhe do cinturão. O escudo estava bem gasto e marcado por muitos combates. O gigante estava pronto para tudo.

Tanis olhou para Sturm, que seguia orgulhosamente o código de armas de uma cavalaria que já passara de moda trezentos anos antes. Apesar de Sturm ser apenas quatro anos mais velho do que Caramon, a vida disciplinada e dura do cavaleiro, as dificuldades trazidas pela pobreza e a sua melancólica demanda pelo seu amado pai tinham-no envelhecido muito além da idade real. Tinha apenas vinte e nove anos, mas parecia ter quarenta.

Tanis pensou: *Creio que eu também não confiaria em nós.*

— Qual é o plano? — perguntou Sturm.

— Iremos de barco — respondeu Tanis.

— Oh, oh! — Caramon engasgou-se. — Já disseste isso a Flint?

— Não. Mas deixa isso comigo.

— E onde vamos arranjar um barco? — perguntou Sturm, intrigado.

— Ficarás mais feliz se não souberes — disse o meio elfo.

O cavaleiro franziu o sobrolho. Os olhos seguiram o kender, que estava bastante à frente deles, correndo de uma sombra para a outra.

— Não gosto disto, Tanis. Primeiro, somos assassinos, e agora vamos tornar-nos ladrões.

— Não me considero um assassino — disse Caramon, respirando pesadamente. — Os duendes não contam.

Tanis viu o cavaleiro olhar para Caramon.

— Também não me agrada nada disto, Sturm — disse, rapidamente, esperando evitar uma discussão. — Mas é um caso de necessidade. Olha para os dois da planície. O orgulho é a única coisa que os mantém vivos.

Olha para Raistlin... — Os olhos voltaram-se para o mago, que deslizava pelas folhas secas mantendo-se sempre na sombra. Apoiava-se com dificuldade no cajado. De vez em quando, uma tosse seca sacudia-lhe o corpo frágil.

O rosto de Caramon ficou muito sério.

— Tanis tem razão — disse tranquilamente. — Raist não vai aguentar muito tempo. Tenho de o ajudar. — Deixando o cavaleiro e o meio elfo, correu para diante, para alcançar o irmão gémeo, encurvado debaixo do seu manto.

— Deixa-me ajudar-te, Raist — ouviram Caramon sussurrar. Raistlin abanou a cabeça encapuzada e encolheu-se, esquivando-se ao irmão. Caramon encolheu os ombros e largou o braço do irmão. Mas o grande guerreiro ficou perto do frágil irmão, pronto para o ajudar, se fosse necessário.

— Porque tolera ele isto? — perguntou Tanis em voz baixa.

— Família... Laços de sangue. — A voz de Sturm soava melancólica. Parecia que ia dizer mais qualquer coisa, mas depois os olhos voltaram-se para o rosto de elfo de Tanis, com as suas barbas humanas, e calou-se. Tanis viu o olhar e sabia o que o cavaleiro estava a pensar. Família, laços de sangue... tudo isso eram coisas sobre as quais um meio elfo, ainda por cima órfão, nada saberia.

— Vamos lá — disse Tanis de repente. — Estamos a abrandar.

Ao fim de pouco tempo, deixaram para trás as árvores de Solace e entraram na floresta de pinheiros que rodeava o Lago de Cristal. Tanis mal conseguia ouvir os gritos abafados lá bem atrás.

— Encontraram os corpos — conjecturou.

Sturm concordou com a cabeça melancolicamente. De repente, Tasslehoff pareceu materializar-se na escuridão, mesmo em frente ao nariz do meio elfo.

— O trilho tem pouco mais de um quilómetro e meio até ao lago — disse Tas. — Encontro-me convosco aí. — Fazendo um gesto vago, desapareceu antes que Tanis pudesse dizer qualquer coisa.

O meio elfo olhou para trás, para Solace. Parecia haver mais luzes, e estavam a vir na sua direção. As estradas já estavam, provavelmente, bloqueadas.

— Onde está o kender? — resmungou Flint enquanto se metiam na floresta.

— Tas irá ter connosco ao lago — respondeu Tanis.

— Lago? — Os olhos de Flint abriram-se de espanto. — Qual lago?

— Só há um lago por aqui, Flint — respondeu Tanis, esforçando-se por não se rir para Sturm. — Vamos lá, é melhor continuarmos. — A visão de elfo mostrou-lhe a enorme aura vermelha de Caramon e a forma vermelha

mais fraca do seu irmão, que desapareciam no interior da densa floresta à sua frente.

— Pensava que íamos ficar sossegados por uns dias na floresta. — Flint empurrou Sturm para o lado, para ir reclamar junto de Tanis.

— Mas vamos de barco — disse Tanis, continuando a andar.

— Não, senhor! — reclamou Flint. — Eu não entro em barco nenhum!

— Esse acidente já foi há dez anos! — disse Tanis, exasperado. — Garanto-te que faço Caramon ficar sentado e quieto.

— Não, de maneira nenhuma! — disse o anão com firmeza. — Nada de barcos. Eu fiz uma promessa.

— Tanis — sussurrou a voz de Sturm, atrás dele. — Luzes!

— Raios! — O meio elfo parou e virou-se. Teve de esperar um pouco até avistar as luzes a brilhar através das árvores. A busca tinha-se espalhado além de Solace. Apressou o passo para alcançar Caramon, Raistlin, e os da planície.

— Luzes! — disse num sussurro penetrante.

Caramon olhou para trás e praguejou. Vento do Rio levantou a mão, concordando.

— Receio bem que tenhamos de avançar mais depressa, Caramon... — começou Tanis a dizer.

— Vamos conseguir — disse o grande homem, sem se deixar perturbar. Estava agora a dar apoio ao irmão, com um braço em volta do corpo magro de Raistlin, praticamente levantando-o no ar. Raistlin tossiu levemente, mas continuava a caminhar. Sturm alcançou Tanis. Enquanto abriam caminho pelo meio da vegetação, conseguiam ouvir Flint, que vinha logo atrás, ofegante, a resmungar para consigo, encolerizado.

— Ele não virá, Tanis — disse Sturm. — Flint ficou com um medo mortal de barcos desde que Caramon quase o afogou acidentalmente, daquela vez. Tu não estavas lá. Não o viste depois de o tirarmos da água.

— Ele há de vir — disse Tanis, respirando com dificuldade. — Não seria capaz de nos deixar a nós, jovens, metermo-nos em sarilhos sem ele.

Sturm abanou a cabeça, nada convencido.

Tanis olhou para trás novamente. Não viu luzes, mas sabia que agora estavam demasiado dentro da floresta para poderem vê-las. O Chefe de Poucos Toede podia não impressionar ninguém com o seu cérebro, mas não precisava de ser muito inteligente para imaginar que o grupo pudesse tentar escapar pelo lago. Tanis parou subitamente, para evitar chocar com alguém.

— O que foi? — murmurou.

— Estamos aqui — respondeu Caramon.

Tanis soltou um suspiro de alívio quando olhou para o outro lado da

negra vastidão do Lago de Cristal. O vento frio açoitava a água, transformando a superfície em gelo.

— Onde anda Tas? — perguntou, mantendo a voz baixa.

— Ali, parece-me. — Caramon apontou para um objeto escuro que flutuava perto da margem.

Tanis mal conseguia distinguir o contorno vermelho do kender, sentado num grande barco.

As estrelas cintilavam com um brilho gelado no céu azulado muito escuro. A lua vermelha, Lunitari, estava a subir da água como uma garra escorrendo sangue. A sua parceira no céu da noite, Solinari, já se tinha levantado, marcando o lago com um tom de prata derretida.

— Que belos alvos vamos ser! — disse Sturm, irritado.

Tanis via Tasslehoff a mover-se de um lado para o outro, procurando-os. O meio elfo baixou-se, procurando uma pedra na escuridão. Encontrou uma e lançou-a à água. Caiu a poucos metros do barco. Tas, reagindo ao sinal de Tanis, levou o barco até à margem.

— Vais meter-nos a todos num barco?! — disse Flint, apavorado. — És doido, meio elfo!

— É um grande barco — respondeu Tanis.

— Não! Eu não vou. Nem que fosse um dos lendários barcos com asas brancas de Tarsis, eu não iria. Prefiro correr os meus riscos contra o Teocrata!

Tanis ignorou o anão, que espumava de raiva, e fez um sinal a Sturm.

— Vai metendo todos no barco. Já vos apanhamos.

— Não se demorem — avisou Sturm. — Ouçam.

— Estou a ouvir — disse Tanis nervosamente. — Continuem.

— Que sons são aqueles? — perguntou Lua Dourada ao cavaleiro que vinha na sua direção.

— Grupos de busca dos duendes — respondeu Sturm. — Aqueles apitos mantêm-nos em contacto quando estão separados. Estão agora a entrar na floresta.

Lua Dourada acenou com a cabeça, para mostrar que tinha compreendido. Trocou algumas palavras com Vento do Rio, na sua própria língua, aparentemente continuando uma conversa que Sturm interrompera. O alto homem das planícies franziu o sobrolho e gesticulou na direção da floresta com a mão.

Está a tentar convencê-la a separar-se de nós, percebeu Sturm. Talvez conheça suficientemente a floresta para se esconder dos grupos de busca dos duendes durante vários dias, mas duvido.

— Vento do Rio, *gue lando!* — disse Lua Dourada com firmeza. Sturm viu Vento do Rio a franzir o sobrolho irritadamente. Sem dizer uma pala-

vra, virou-se e avançou em direção ao barco. Lua Dourada suspirou e olhou para ele, com a dor estampada no rosto.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar, senhora? — perguntou Sturm gentilmente.

— Não — respondeu ela. Depois, acrescentou com tristeza, como para si mesma:

— Ele governa o meu coração, mas eu governo-o a ele. Uma vez, quando éramos jovens, pensámos que poderíamos esquecer isso. Mas já fui «a Filha do Líder» por tempo de mais para isso.

— Porque não confia ele em nós? — perguntou Sturm.

— Ele tem todos os preconceitos do nosso povo — respondeu Lua Dourada. — O povo da planície não acredita em ninguém que não seja humano. — Olhou rapidamente para trás. — Tanis não consegue esconder o seu sangue meio elfo por debaixo de uma barba. Além disso, há o anão, e o kender.

— E a senhora? — perguntou Sturm. — Porque confia em nós? Não tem os mesmos preconceitos?

Lua Dourada voltou-se, para o encarar. Conseguia ver-lhe os olhos, escuros e reluzentes como o lago atrás de si.

— Quando eu era criança — disse com a sua voz grave e baixa —, era uma princesa para o meu povo. Era uma sacerdotisa. Adoravam-me como a uma deusa. Acreditei nisso. Adorava isso. Depois, algo aconteceu... — Ficou em silêncio, com os olhos a encher-se de recordações.

— Que aconteceu? — perguntou Sturm suavemente.

— Apaixonei-me por um pastor — respondeu Lua Dourada, olhando para Vento do Rio. Suspirou e caminhou na direção do barco.

Sturm observou Vento do Rio a entrar na água para trazer o barco para perto da margem, enquanto Raistlin e Caramon se aproximavam da água. Raistlin agarrou as vestes em volta de si, tremendo.

— Não posso molhar os pés — sussurrou roucamente.

Caramon não respondeu. Colocou simplesmente os braços enormes em volta do irmão, levantou-o tão facilmente como se tivesse pegado numa criança e colocou Raistlin dentro do barco. O mago encolheu-se na parte de trás do barco, sem dizer uma palavra de agradecimento.

— Eu seguro o barco — disse Caramon a Vento do Rio. — Sobe tu.

Vento do Rio hesitou por um momento, mas depois subiu rapidamente para o lado de Caramon. Este ajudou Lua Dourada a entrar no barco. Vento do Rio segurou-a e ajudou-a equilibrar-se, porque o barco balançava um pouco. O homem das planícies foi-se sentar na popa, atrás de Tasslehoff.

Caramon virou-se para Sturm, quando o cavaleiro chegou mais perto.

— Que se está a passar lá atrás?

— Flint diz que prefere ser queimado vivo a entrar num barco... que, pelo menos assim, morrerá quente, em vez de molhado e com frio.

— Vou lá buscá-lo e trazê-lo para aqui — disse Caramon.

— Só vais piorar as coisas. Foste tu que quase o afogaste, lembras-te? Deixa que Tanis trate disso... Ele é que é o diplomata.

Caramon concordou. Os dois homens ficaram de pé, esperando em silêncio. Sturm viu Lua Dourada olhar para Vento do Rio num apelo silencioso, mas o homem das planícies não prestou atenção ao olhar dela. Tasslehoff, remexendo-se no seu assento, ia fazer uma pergunta, mas um olhar severo do cavaleiro calou-o. Raistlin, encolhido nas suas vestes, tentava conter uma tosse incontrolável.

— Eu vou lá — disse Sturm por fim. — Aqueles apitos estão a chegar cada vez mais perto. Não podemos arriscar-nos a demorar mais.

Mas nesse momento viu Tanis a apertar a mão do anão e a começar a correr na direção do barco, sozinho. Flint ficou onde estava, perto da orla da floresta. Sturm abanou a cabeça.

— Eu bem disse a Tanis que o anão não viria.

— Teimoso como um anão, bem diz o ditado — resmungou Caramon. — E aquele anão teve cento e quarenta e oito anos para se tornar ainda mais teimoso. — O grande homenzarrão sacudiu a cabeça com tristeza. — Bom, sentiremos a falta dele, evidentemente. Já salvou a minha vida por mais de uma vez. Deixem-me ir buscá-lo. Dou-lhe um soco no queixo, e nem há de saber se está no barco ou na sua própria cama.

Tanis correu, arquejando, e ouviu o último comentário.

— Não, Caramon — disse. — Flint nunca nos perdoaria. Não te preocupes com ele. Vai voltar para as montanhas. Entra no barco. Há mais luzes a vir nesta direção. Deixámos um rasto na floresta que até um anão pançudo e cego seria capaz de seguir.

— Não vale a pena molharmo-nos todos — disse Caramon, segurando um lado do barco. — Tu e Sturm, subam. Eu empurrarei.

Sturm já estava no barco. Tanis deu uma palmadinha nas costas de Caramon, e depois subiu também. O guerreiro empurrou o barco para o lago. Tinha água até aos joelhos, quando ouviram chamar da praia.

— Parem! — Era Flint, que corria por entre as árvores, uma vaga silhueta escura a correr na direção da praia iluminada pela lua. — Esperem! Estou a ir!

— Parem! — gritou Tanis. — Caramon! Espera por Flint!

— Olhem! — Sturm, semierguido, apontou. Tinham começado a aparecer luzes nas árvores, tochas empunhadas por guardas duendes.

— Duendes, Flint! — gritou Tanis. — Atrás de ti! Corre!

O anão, sem questionar o apelo, baixou a cabeça e saiu disparado em direção à margem, com uma mão no elmo, para evitar que este lhe saltasse.

— Eu dou-lhe cobertura — disse Tanis, puxando o arco do ombro. Com a sua visão de elfo, seria o único capaz de ver os duendes atrás das suas tochas. Tanis ficou de pé, enquanto colocava uma flecha no arco, e Caramon mantinha o grande barco parado. Tanis disparou para o contorno do calor do chefe dos duendes. A flecha atingiu-o no peito e fê-lo cair para a frente, de borco. Os outros duendes diminuíram um pouco o passo, procurando os seus próprios arcos. Tanis colocou outra flecha no arco, no momento em que Flint chegava à praia.

— Esperem! Estou a chegar! — O anão engoliu o ar, atirou-se à água e afundou-se como uma pedra.

— Agarra-o! — gritou Sturm. — Tas, rema para trás. Ele está ali. Consegues ver? A espuma... — Caramon salpicava água para todo o lado, procurando o anão. Tas tentava remar para trás, mas o peso que havia no barco era demasiado para o kender. Tanis disparou novamente, falhou o alvo e praguejou baixinho. Pegou em mais uma flecha. Os duendes enxameavam já um dos lados da colina.

— Apanhei-o! — gritou Caramon, puxando o anão, que escorria a água pela gola da túnica de couro e cuspiá. — Para de te debater — disse para Flint, cujos braços se agitavam em todas as direções.

Mas o anão estava completamente em pânico. A flecha de um duende embateu contra a cota de malha de Caramon e ficou presa nas malhas como uma pena a balouçar ao vento.

— Agora já é de mais! — resmungou o guerreiro exasperado. E, levantando os braços musculosos, atirou o anão para dentro do barco, enquanto este se afastava dele. Flint agarrou-se a um banco e segurou-se, com metade do corpo, da cintura para baixo, pendurada fora do barco. Sturm agarrou-o pelo cinturão e arrastou-o para dentro do barco, que balançava assustadoramente. Tanis quase perdeu o equilíbrio e foi forçado a largar o arco para se segurar à borda do barco e evitar ser atirado à água. A flecha de um duende acertou no barco, quase atingindo a mão de Tanis.

— Rema para trás até Caramon, Tas! — gritou Tanis.

— Não consigo! — gritou o kender, frustrado.

O movimento de um remo fora de controlo quase derrubava Sturm do barco.

O cavaleiro arrancou o kender do lugar. Agarrou os remos e, suavemente, levou o barco até onde Caramon se poderia agarrar de um dos lados. Tanis ajudou o guerreiro a subir, e depois gritou para Sturm:

— Força! — O cavaleiro puxou os remos com toda a força, inclinandose para trás enquanto os mergulhava bem fundo na água. O barco afas-

tou-se da margem, acompanhado pelos gritos dos duendes irados. Mais flechas zumbiram em redor do barco, enquanto Caramon, escorrendo água, se deixava cair ao lado de Tanis.

— É noite de treino de tiro ao alvo para os duendes — disse Caramon, arrancando a flecha presa à cota de malha. — Estamos bem visíveis, aqui na água.

Tanis estava a procurar o arco, que lhe tinha caído, quando reparou em Raistlin, sentado.

— Cobre-te! — aconselhou Tanis. E Caramon começou a avançar na direção do irmão, mas o mago franziu o sobrolho para os dois e meteu a mão dentro de uma algibeira. Os dedos delicados puxaram um punhado de qualquer coisa mesmo no momento em que uma flecha se cravava no banco, ao lado dele. Mas Raistlin não reagiu. Tanis ia forçar o mago a baixar-se quando percebeu que Raistlin estava concentrado no transe que um mago precisa de fazer para conjurar uma magia. Qualquer perturbação nesse momento poderia ter sérias consequências, fazendo com que o mago se esquecesse da magia ou, pior ainda, se enganasse na magia.

Tanis cerrou os dentes com força e observou. Raistlin levantou a mão fina e delicada e permitiu que o componente da magia que tinha tirado do bolso caísse lentamente por entre os dedos no chão do barco. Areia, percebeu Tanis.

— *Ast tasarak sinuralan krynawi* — murmurou Raistlin. E depois moveu a sua mão direita num arco paralelo à margem. Tanis voltou os olhos para terra. Um a um, os duendes largaram os arcos e caíram, como se Raistlin estivesse a tocar num de cada vez. As flechas pararam. Os duendes mais distantes uivaram furiosos e correram para a frente. Mas nesse momento as poderosas braçadas de Sturm já tinham levado o barco para fora de alcance.

— Bom trabalho, meu maninho! — disse Caramon cordialmente.

Raistlin piscou os olhos e pareceu voltar ao mundo, mas depois o mago caiu para a frente. Caramon pegou nele e segurou-o por um momento. Depois, Raistlin sentou-se e respirou fundo, o que o fez tossir.

— Eu fico bem — sussurrou, esquivando-se a Caramon.

— O que fizeste? — perguntou Tanis enquanto procurava as flechas inimigas para as deitar ao lago, porque, por vezes, os duendes envenenavam as suas flechas.

— Pu-los a dormir — sibilou Raistlin entre dentes, tremendo de frio. — E agora tenho de descansar. — Encostou-se contra o lado do barco.

Tanis olhou para o mago. Raistlin tinha, realmente, ganho muito em poder e perícia. *Quem me dera poder confiar nele*, pensou o meio elfo.

O barco atravessou o lago cheio de estrelas. Os únicos sons que se ou-

viam eram o suave e rítmico bater dos remos na água e a tosse seca e dorida de Raistlin. Tasslehoff abriu o odre que Flint, de alguma maneira, tinha conseguido conservar durante a correria desenfreada, e tentou fazer com que o anão gelado e trémulo engolisse um bom gole. Mas Flint, encolhido no fundo do barco, só conseguia tremer e olhar para a água.

Lua Dourada agasalhou-se melhor na sua capa de pele. Vestia umas calças macias de couro, vulgares entre o seu povo, com uma saia de franjas por cima, e uma túnica com cinto. As botas eram de couro macio. Uma certa quantidade de água tinha entrado para o barco quando Caramon atirara Flint para bordo. A água fizera a pele de veado colar-se-lhe ao corpo, e por isso estava com frio e tremia.

— Toma a minha capa — disse Vento do Rio, na língua deles, começando a tirar a sua capa de pele de urso.

— Não. — Lua Dourada abanou a cabeça. — Estás a arder em febre. Eu nunca fico doente, sabes bem. Mas... — Levantou os olhos para ele e sorriu. — Podes abraçar-me, guerreiro. Os nossos corpos aquecer-nos-ão.

— Isso é uma ordem real, Filha do Líder? — sussurrou Vento do Rio, brincando e puxando-a para mais perto dele.

— É — respondeu ela, encostando-se contra o forte corpo dele com um suspiro de satisfação.

Olhou para o céu estrelado, e depois o corpo ficou tenso e inspirou o ar com medo.

— Que foi? — perguntou Vento do Rio, olhando para cima.

Apesar de não terem ouvido a conversa, os outros que estavam no barco ouviram o grito sufocado de Lua Dourada e viram os seus olhos como que hipnotizados por qualquer coisa no céu.

Caramon sacudiu o irmão e perguntou:

— Raist, o que é? Não vejo nada.

Raistlin sentou-se, pôs o capuz para trás e depois tossiu. Quando o acesso de tosse passou, perscrutou o céu noturno. Depois, ficou tenso e os olhos abriram-se-lhe muito. Estendendo a mão delicada e magra, Raistlin apertou o braço de Tanis, segurando-o de tal forma que o meio elfo tentou involuntariamente fugir a esse aperto esquelético do mago.

— Tanis... — sibilou Raistlin, quase sem fôlego. — As constelações...

— O quê? Que têm? — Tanis estava realmente assustado com a palidez do dourado metálico da pele do mago e com o brilho febril dos seus olhos estranhos. — Que têm as constelações?

— Desapareceram! — respondeu o mago com a voz rouca e iniciando um novo ataque de tosse.

Caramon colocou os braços em volta dele, segurando-o e mantendo o irmão próximo de si, quase como se estivesse a tentar que o corpo frágil não

se desmembrasse. Raistlin recuperou e limpou a boca com a mão. Tanis viu que os dedos do mago estavam sujos de sangue. Raistlin respirou fundo, e depois falou.

— A constelação conhecida como Rainha das Trevas. E a outra, a chamada Guerreiro Valente. Ambas desapareceram. Ela veio para Krynn, Tanis, e ele veio lutar contra ela. Todos os maus rumores que ouvimos são verdadeiros. Guerra, morte, destruição... — A voz foi interrompida por outro ataque de tosse.

Caramon segurou-o.

— Vamos lá, Raist — disse, tentando tranquilizá-lo. — Não fiques tão agitado. É só uma mão-cheia de estrelas.

— Só uma mão-cheia de estrelas... — repetiu Tanis secamente.

Sturm começou a remar novamente, levando o barco rapidamente até à margem oposta.

**NOITE NUMA GRUTA.
DESACORDO. TANIS DECIDE.**



Um vento gelado começou a soprar sobre o lago. Nuvens de tempestade deslizaram pelo céu, vindas de norte, e tapando os espaços negros deixados pelas estrelas que tinham desaparecido. Os companheiros encolhiam-se dentro do barco, apertando as capas em volta deles enquanto a chuva caía. Caramon juntou-se a Sturm nos remos. O grande guerreiro tentou falar com o cavaleiro, mas Sturm ignorou-o. Remava num silêncio sombrio, resmungando de vez em quando consigo mesmo em solâmnico.

— Sturm! Ali... entre as rochas grandes, mais à esquerda! — gritou Tanis, apontando.

Sturm e Caramon esforçaram-se ainda mais. A chuva fez com que se tornasse difícil avistar as rochas no local de desembarque e, por momentos, parecia que tinham perdido o rumo no meio da escuridão. Depois, as rochas apareceram subitamente à frente deles. Sturm e Caramon deram a volta ao barco. Tanis saltou de um lado e puxou-o para a praia. Chovia torrencialmente. Os companheiros desceram do barco, ensopados e enregelados. Tiveram de carregar o anão ao colo. Flint estava duro como um duende morto, devido ao medo. Vento do Rio e Caramon esconderam o barco entre os densos arbustos. Tanis guiou o resto do grupo por um trilho que dava para uma pequena abertura na frente do rochedo.

Lua Dourada olhou para a abertura, indecisa. Não parecia ser mais do que uma grande racha na superfície do rochedo. Lá dentro, contudo, a gruta era suficientemente grande para que todos se pudessem esticar confortavelmente.

— Uma bela casa — comentou Tasslehoff, olhando em volta. — Mas não tem muita mobília.

Tanis sorriu para o kender.

— É o suficiente para esta noite. Creio que nem mesmo o anão vai reclamar. Mas se reclamar, mandamo-lo dormir no barco!

Tas sorriu de volta para o meio elfo. Era bom ver o velho Tanis de volta.

Estava a achar o amigo estranhamente mais temperamental e indeciso, e não o líder forte de que se lembrava dos velhos tempos. Mas, agora que estavam de novo em ação, o brilho voltara aos olhos do meio elfo. Deitara para trás a sua casca protetora e assumira a liderança, desempenhando o papel que estava habituado a ter. Precisava desta aventura para distrair a cabeça e esquecer os problemas — fossem eles quais fossem. O kender, que nunca fora capaz de compreender o tumulto interno de Tanis, estava feliz pelo facto de esta aventura ter surgido.

Caramon levou o irmão para fora do barco e colocou-o, da forma mais delicada que podia, na areia macia que cobria o chão da caverna, enquanto Vento do Rio acendia uma fogueira. O fumo subiu para o teto e saiu por uma fenda. O homem da planície cobriu a entrada da caverna com folhagem e ramos de árvores caídos, escondendo a luz do fogo e mantendo a chuva lá fora de forma muito eficiente.

Ele encaixa-se bem, pensou Tanis enquanto observava o bárbaro a trabalhar. *Quase poderia ser um dos nossos*. Suspirando, o meio elfo voltou a atenção para Raistlin. Ajoelhando-se ao lado dele, olhou para o jovem mago com preocupação. O rosto pálido de Raistlin, iluminado pela luz trémula do fogo, recordou ao meio elfo os tempos em que ele, Flint e Caramon quase não tinham conseguido salvar Raistlin de uma multidão irada que queria queimar o mago vivo. Raistlin tentara desmascarar um clérigo charlatão que andava a enganar os aldeões, roubando-lhes o dinheiro. Em vez de se virarem contra o clérigo, os aldeões tinham-se virado contra Raistlin. Tal como Tanis dissera a Flint, as pessoas querem sempre acreditar em alguma coisa.

Caramon estava ocupado com o irmão, colocando a sua pesada capa sobre os ombros dele. O corpo de Raistlin era sacudido pelos acessos de tosse, e o sangue escorria-lhe da boca. Os olhos brilhavam febrilmente. Lua Dourada ajoelhou-se ao lado dele, com um copo de vinho na mão.

— Consegues beber isto? — perguntou suavemente. Raistlin sacudiu a cabeça, tentou falar, tossiu e empurrou a mão dela. Lua Dourada levantou os olhos para Tanis. — Talvez... o meu cajado? — perguntou.

— Não — disse Raistlin, tossindo. Fez um gesto com a mão, chamando Tanis para perto de si. Mas, mesmo sentado perto dele, Tanis mal conseguia ouvir as palavras do mago; as frases eram interrompidas pelo esforço por

respirar e pelos ataques de tosse. — O cajado não me curará, Tanis — murmurou. — Não o desperdicem comigo. Se é um artefacto abençoado... o seu poder sagrado é limitado. O meu corpo foi o meu sacrifício... em troca da minha magia. Estes danos são permanentes, e nada me pode ajudar...

A voz do mago calou-se e os olhos fecharam-se.

O fogo avivou-se subitamente quando o vento soprou na gruta. Tanis levantou os olhos e viu Sturm a puxar a folhagem para o lado e a entrar na gruta, apoiando Flint, que tropeçava, com falta de firmeza nos pés. Sturm deixou-o cair ao lado da fogueira. Estavam ambos encharcados. Sturm estava visivelmente impaciente com o anão e, pelo que Tanis percebeu, com o grupo todo. Tanis observou-o com preocupação, reconhecendo os sinais da depressão que por vezes atacava o cavaleiro. Sturm gostava de ordem, de tudo bem disciplinado. O desaparecimento das estrelas, o distúrbio da ordem natural das coisas, tinham-no afetado muito.

Tasslehoff embrulhou o anão num cobertor, e este sentou-se encolhido no chão da gruta; os dentes batiam-lhe tanto que até o elmo chocalhava.

— B-b-b-baaaarco... — era tudo o que conseguia dizer. Tas deu-lhe uma caneca de vinho, que o anão bebeu avidamente.

Sturm olhou para Flint, desgostoso.

— Eu farei o primeiro turno de vigia — disse, avançando na direção da entrada da gruta.

Vento do Rio levantou-se.

— Eu ficarei contigo — disse asperamente.

Sturm parou, e depois virou-se devagar para encarar o homem alto das planícies. Tanis conseguia ver o rosto do cavaleiro, que parecia gravado em relevo pela luz da fogueira, com linhas escuras esculpidas em volta da boca hirta. Apesar de ser mais baixo do que Vento do Rio, a pose de nobreza do cavaleiro e a rigidez da sua postura faziam com que parecessem quase iguais.

— Sou um cavaleiro de Solamnia — disse Sturm. — A minha palavra é a minha honra, e a minha honra é a minha vida. Dei a minha palavra, na estalagem, de que te protegeria a ti e à tua senhora. Se contestas a minha palavra, estarás a contestar a minha honra e, assim sendo, a ofender-me. E não posso permitir que esse insulto subsista entre nós.

— Sturm! — Tanis pôs-se em pé.

Sem tirar os olhos do homem das planícies, o cavaleiro levantou uma mão.

— Não interfiras, Tanis — disse Sturm. — Ora bem, que arma será? Espada, adaga? Como lutam vocês, bárbaros?

A expressão estoica de Vento do Rio não se alterou. Encarou o cavaleiro com os seus olhos escuros, intensos. Depois, escolhendo as palavras cuidadosamente, respondeu:

— Não tive intenção de pôr em causa a tua honra. Não conheço os homens e as suas cidades, e digo-te sinceramente... que tenho medo. E é o meu medo que me faz falar assim. Tenho sentido medo desde que o cajado de cristal azul me foi entregue. Acima de tudo, tenho medo por Lua Dourada. — O homem da planície olhou para a mulher, e os seus olhos refletiam o fogo que rebrilhava. — Sem ela, morrerei. Como poderia confiar... — A voz faltou-lhe. A máscara de impassibilidade desfez-se em dor e cansaço. Os joelhos dobraram-se-lhe e caiu para a frente. Sturm segurou-o.

— Não podias... — disse o cavaleiro. — Compreendo. Estás cansado e doente. — Ajudou Tanis a deitar o homem das planícies no fundo da gruta. — Agora, descansa. Eu ficarei de vigia. — O cavaleiro empurrou a folhagem para o lado e, sem dizer mais uma palavra, saiu para a chuva.

Lua Dourada ouvira a discussão em silêncio. Tinha levado os seus parcos haveres para o fundo da gruta e ajoelhou-se ao lado de Vento do Rio. Este abraçou-a e segurou-a perto de si, mergulhando a cabeça no cabelo dourado dela. Acomodaram-se os dois na sombra da gruta. Enrolados na capa de pele de Vento do Rio, depressa adormeceram, com a cabeça de Lua Dourada descansando no peito do seu guerreiro.

Tanis soltou um suspiro de alívio e virou-se para Raistlin. O mago tinha caído num sono agitado. De vez em quando, murmurava palavras estranhas na língua dos magos e as mãos moviam-se em busca do cajado. Tanis olhou para os outros à sua volta. Tasslehoff estava sentado perto da fogueira, inspecionando cada um dos seus objetos «adquiridos». Estava sentado de pernas cruzadas, com os tesouros no chão da gruta à sua frente. Tanis conseguia ver anéis reluzentes, algumas moedas invulgares, uma pena de ave, pedaços de cordão, um colar de contas, uma boneca de sabão e um apito. Um dos anéis pareceu-lhe familiar. Era um anel de manufatura élfica, dado a Tanis muito tempo antes, por alguém que conservava perto do coração. Era um anel delicado, ricamente entalhado, com folhas de hera douradas.

Tanis aproximou-se do kender nas pontas dos pés, sem fazer barulho, para não acordar os outros.

— Tas... — Tocou no ombro do kender. — O meu anel...

— É teu? — perguntou Tasslehoff, arregalando uns olhos inocentes. — Este é teu? Fico contente por tê-lo encontrado. Deves tê-lo deixado cair na estalagem.

Tanis pegou no anel com um sorriso irónico, e depois instalou-se perto do kender.

— Tens algum mapa desta área, Tas?

Os olhos do kender brilharam.

— Um mapa? Sim, Tanis. Claro... — Agarrou em todos os seus per-

tences, enfiou-os de novo numa bolsa e tirou uma caixa de madeira para pergaminhos talhada à mão de outra bolsa. Retirou de lá uma série de mapas. Tanis já antes tinha visto a coleção do kender, mas esta nunca deixava de o surpreender. Devia haver uns cem mapas, desenhados em todo o tipo de material, desde finos pergaminhos até uma enorme folha de palmeira.

— Pensei que conhecesses todas as árvores das redondezas pessoalmente, Tanis — disse Tasslehoff enquanto punha os mapas em ordem, com os olhos fixando-se de vez em quando num dos seus favoritos.

O meio elfo abanou a cabeça.

— Vivi aqui muito tempo — disse. — Mas admito que não conheço nenhum dos caminhos mais obscuros e secretos.

— Não encontrarás muitos desses para Haven. — Tas retirou um mapa do monte e alisou-o contra o chão da gruta. — A Estrada de Haven, pelo Vale de Solace, é o caminho mais rápido, disso podes ter a certeza.

Tanis estudou o mapa à luz da fogueira que definhava.

— Tens razão — respondeu. — A estrada é não só a mais rápida, como parece ser a única rota transitável por muitos quilómetros para diante. Tanto a sul como a norte de nós estão os Montes Kharolis, e não há nenhuma passagem por aí. — Franzindo o sobrolho, Tanis enrolou o mapa e devolveu-o. — E é exatamente isso que o Teocrata vai pensar.

Tasslehoff bocejou.

— Bem — disse, guardando cuidadosamente o mapa na caixa —, isso é um problema que terá de ser resolvido por outros mais sábios do que eu. Estou aqui apenas pela diversão.

Enfiando a caixa de novo na bolsa, o kender deitou-se no chão da caverna, puxou os joelhos para perto do queixo e daí a nada estava a dormir o pacífico sono das crianças e dos animais.

Tanis olhou para ele com inveja. Apesar de dolorido e cansado, não conseguia descontraír-se o suficiente para dormir. A maior parte dos outros já tinha adormecido — todos, menos o guerreiro que cuidava do seu irmão. Tanis caminhou na direção de Caramon.

— Vai descansar — murmurou. — Eu olharei por Raistlin.

— Não — respondeu o grande guerreiro. Estendendo os braços, puxou suavemente uma capa em volta dos ombros do irmão. — Ele pode precisar de mim.

— Mas tens de dormir alguma coisa.

— E dormirei. — Caramon sorriu. — Dorme tu também um pouco, ama-seca. As tuas crianças estão bem. Olha, até o anão desmaiou de frio.

— Nem preciso de olhar — disse Tanis. — O mais provável é que até o Teocrata consiga ouvi-lo a roncar, lá em Solace. Bem, meu amigo, este reencontro não era bem o que tínhamos planeado, há cinco anos.

— Então é o quê? — perguntou Caramon suavemente, olhando para o irmão. Tanis deu uma palmadinha no braço do grande homem; depois deitou-se, enrolado na sua capa, e finalmente adormeceu.

A noite passava lentamente para aqueles que estavam de vigia, e rapidamente para aqueles que dormiam. Caramon substituiu Sturm. Tanis substituiu Caramon. A tempestade continuou com a mesma intensidade durante toda a noite, com o vento a bater no lago e a cobri-lo com uma camada branca de gelo. Relâmpagos cortavam a escuridão, como árvores a arder. Os trovões ressoavam continuamente. De manhã, a tormenta tinha finalmente passado, e o meio elfo assistiu ao amanhecer cinzento e gélido. A chuva tinha parado, mas as nuvens de tempestade ainda estavam suspensas no céu. Não havia Sol a aparecer. Tanis sentiu uma crescente urgência. Não conseguia ver o fim das nuvens de tempestade que se amontoavam ao norte. Tempestades do outono eram raras, e especialmente com aquela ferocidade. O vento era cortante e parecia estranho que a tormenta tivesse vindo de norte, quando geralmente soprava de leste, atravessando as planícies. Sensível aos costumes da natureza, aquele clima estranho incomodava Tanis quase tanto como as estrelas caídas tinham incomodado Raistlin. Sentiu necessidade de seguir viagem, mesmo que ainda fosse muito cedo. Entrou na gruta para acordar os outros.

A gruta estava fria e sombria naquela manhã cinzenta, apesar do fogo aceso. Lua Dourada e Tasslehoff estavam a preparar o pequeno-almoço. Vento do Rio, de pé ao fundo da gruta, sacudia o manto de pele de Lua Dourada. Tanis olhou para ele. O homem das planícies ia dizer qualquer coisa a Lua Dourada quando Tanis estava a entrar, mas ficou calado, contentando-se com olhar para ela de forma expressiva enquanto prosseguia o seu trabalho. Lua Dourada manteve os olhos baixos, com o rosto pálido e perturbado. Tanis concluiu que o bárbaro se arrependera de se ter exposto na noite anterior.

— Receio que não haja muita comida — disse Lua Dourada, deitando cereais numa panela de água a ferver.

— A despensa de Tika não estava muito abastecida — concluiu Tasslehoff, pedindo desculpa. — Temos um pão, um pouco de carne seca, metade de um queijo bolorento e aveia. Tika deve fazer as suas refeições fora de casa.

— Vento do Rio e eu não trouxemos provisões — disse Lua Dourada. — Realmente, não esperávamos fazer esta viagem.

Tanis estava quase a perguntar-lhe mais sobre a canção e o cajado, mas os outros começaram a acordar assim que sentiram o cheiro da comida. Caramon bocejou, espreguiçou-se e pôs-se de pé. Indo até à panela para espreitar, resmungou:

— Aveia? É só o que há?

— E há de haver ainda menos para o jantar. — Tasslehoff riu-se, sarcástico. — Aperta o cinto. De qualquer forma, estás mesmo a ficar gordo.

O homenzarrão suspirou, deprimido.

Nessa manhã fria, o parco pequeno-almoço foi pouco animado. Sturm recusou as ofertas de comida e foi lá para fora, para continuar de vigia. Tanis conseguia ver o cavaleiro sentado numa pedra, olhando aborrecido para as nuvens escuras que deixavam rastros nas águas paradas do lago.

Caramon comeu a sua dose de comida rapidamente, engoliu a dose do irmão e depois apropriou-se da de Sturm, quando o cavaleiro foi lá para fora. Depois, o homenzarrão sentou-se, esperando ansiosamente que os outros terminassem.

— Vais comer isso? — perguntou, apontando para o pedaço de pão de Flint.

O anão franziu o sobrolho. Tasslehoff, vendo os olhos do guerreiro dirigirem-se para o seu prato, enfiou o seu pedaço de pão na boca, quase sufocando no processo. *Pelo menos, isso mantém-no calado*, pensou Tanis, satisfeito com a pausa na voz estridente do kender. Tas tinha atazanado Flint a manhã toda, sem compaixão, chamando-lhe «Senhor dos mares» e «marinheiro», perguntando-lhe como estava o peixe e quanto cobraria por levá-los de volta através do lago. Por fim, Flint atirou-lhe uma pedra e Tanis mandou Tas lavar as panelas no lago.

O meio elfo foi até ao fundo da gruta.

— Como estás hoje, Raistlin? — perguntou. — Vamos ter de partir em breve.

— Estou bastante melhor — respondeu o mago com a voz suave e sussurrante.

Estava a beber uma mistura de ervas que ele próprio tinha preparado. Tanis conseguia ver pequenas folhas verdes a boiar, como penas, na água quente. Tinham um odor forte e amargo e Raistlin fazia caretas enquanto a bebia.

Tasslehoff voltou para dentro da gruta aos pulos, batendo as panelas e os pratos de cobre para fazer barulho. Tanis rangeu os dentes por causa do barulho, começou a ralar com o kender, mas depois mudou de ideias. Não adiantaria nada, de qualquer forma.

Flint, vendo a tensão nos olhos de Tanis, agarrou nas panelas do kender e começou a arrumá-las.

— Comporta-te — ralhou o anão —, ou agarro-te pelos cabelos e amarro-te a uma árvore, como aviso para todos os kendens...

Tas estendeu a mão e puxou qualquer coisa da barba do anão.

— Olha! — disse o kender levantando a mão alegremente. — Algas!

Flint rugiu e tentou apanhar o kender, mas Tas fugiu do caminho com agilidade.

Ouviu-se um som de restolhar quando Sturm empurrou para o lado as folhagens que cobriam a entrada da gruta. Vinha sombrio e mal-humorado.

— Parem com isso! — disse Sturm, olhando irritado para Flint e para Tas. O bigode tremia-lhe. O seu olhar sério voltou-se para Tanis.

— Conseguia ouvir o barulho destes dois lá fora no lago. Vão atrair todos os duendes de Krynn até aqui. Temos de partir. Para onde vamos?

Um silêncio incómodo abateu-se sobre a gruta. Todos deixaram o que estavam a fazer e olharam para Tanis, com exceção de Raistlin. O mago estava a limpar a caneca com um pano branco, meticulosamente. Continuou a trabalhar nisso, de olhos baixos, como se estivesse totalmente desinteressado.

Tanis suspirou e coçou a barba.

— O Teocrata de Solace é corrupto. Já sabemos isso. Está a usar essa escória dos duendes para assumir o controlo. Se tivesse o cajado em seu poder, usá-lo-ia em seu benefício. Estamos à espera de um sinal dos verdadeiros deuses há muitos anos. Parece-me que há uma hipótese de termos encontrado um. E não serei eu a entregá-lo a essa fraude de Solace. Tika disse que pensava que os Altos Seguidores de Haven ainda tinham interesse na verdade. Talvez sejam capazes de nos dizer alguma coisa sobre o cajado. De onde veio, quais são os seus poderes... Tas, dá-me o mapa.

O kender espalhou o conteúdo de várias bolsas no chão e finalmente encontrou o pergaminho desejado.

— Estamos aqui, na margem oeste do Lago de Cristal — prosseguiu Tanis. — A norte e a sul de nós está a continuação dos Montes Kharolis, que formam o perímetro do Vale de Solace. Não existem passagens pelas cordilheiras a não ser através da Passagem do Portão, a sul de Solace...

— Que quase certamente estará ocupada pelos duendes — comentou Sturm. — Existem passagens mais para nordeste...

— Isso é do outro lado do lago! — disse Flint, horrorizado.

— Sim. — Tanis manteve-se sério. — Do outro lado do lago. Mas dão para as planícies, e não acredito que queiram ir nessa direção. — Olhou para Lua Dourada e Vento do Rio. — A estrada de oeste passa pelo Pico das Sentinelas e pelo Desfiladeiro da Sombra, em direção a Haven. Essa, a mim, parece-me a direção mais óbvia a seguir.

Sturm franziu o sobrolho.

— E se os Altos Seguidores de lá forem tão maus como os de Solace?

— Então continuamos para sul em direção a Qualinesti.

— Qualinesti? — desdenhou Vento do Rio. — As Terras Élficas? Não!

Os humanos estão proibidos de lá entrar. Além do mais, o caminho está escondido...

Um som sibilante e rouco interrompeu a discussão. Todos se viraram para olhar para Raistlin enquanto este falava.

— Há um caminho. — A voz era baixa e trocista; os olhos dourados brilhavam à fria luz da manhã. — Os trilhos da Floresta Escura. Vão diretamente até Qualinesti.

— Floresta Escura? — repetiu Caramon, alarmado. — Não, Tanis! — O guerreiro abanou a cabeça. — Eu luto contra os vivos em qualquer oportunidade, mas não lutarei contra os mortos!

— Os mortos? — perguntou Tasslehoff ansiosamente — Diz-me, Caramon...

— Cala a boca, Tas! — disparou Sturm. — A Floresta Escura seria uma loucura. Ninguém que tenha entrado alguma vez voltou. E tu queres que tenhamos isso por prêmio, mago?

— Esperem! — disse Tanis secamente.

Todos se calaram. Até mesmo Sturm se acalmou. O cavaleiro olhou para o rosto calmo e pensativo de Tanis, para os olhos amendoados que guardavam a sabedoria dos seus muitos anos a correr pelo mundo. O cavaleiro tinha muitas vezes tentado explicar a si mesmo porque aceitava a liderança de Tanis. Tanis não passava, na verdade, de um meio elfo órfão. Não tinha sangue nobre. Não usava armadura, não tinha nenhum lema orgulhoso num escudo com brasão. Mesmo assim, Sturm seguia-o, gostava dele e respeitava-o como a nenhum outro ser humano.

A vida, para o Cavaleiro de Solamnia, era uma negra mortalha. Não podia fingir que a conhecia ou compreendia, a não ser, talvez, por meio do Código dos Cavaleiros pelo qual vivia. *Est Sularus oth Mithas*: «A minha honra é a minha vida.» O código definia a honra e era mais completo, pormenorizado e rigoroso do que qualquer outro em Krynn. Mantivera-se verdadeiro durante setecentos anos, mas o receio oculto de Sturm era que um dia, numa batalha final, o código já não tivesse resposta. Sabia que, se esse dia chegasse, Tanis estaria ao seu lado, mantendo unido o mundo desfeito. Por agora, Sturm seguia o código; Tanis vivia-o.

A voz de Tanis trouxe o cavaleiro de volta à realidade.

— Gostaria de lembrar a todos que este cajado não é o nosso «prêmio». O cajado pertence legitimamente a Lua Dourada... se é que pertence a alguém. Não temos mais direitos sobre ele do que o próprio Teocrata de Solace. — Virou-se para Lua Dourada.

— O que desejas fazer?

Lua Dourada encarou Tanis, depois Sturm, e depois olhou para Vento do Rio.

— Sabes o que eu penso — disse Vento do Rio friamente. — Mas... és a Filha do Líder — e pôs-se de pé. Ignorando o olhar suplicante dela, saiu da gruta.

— Que quis ele dizer com isto? — perguntou Tanis.

— Quer que os deixemos e levemos o cajado para Haven — respondeu Lua Dourada, em voz baixa. — Diz que vocês estão a aumentar o perigo que corremos. Que estaríamos mais seguros sozinhos.

— A aumentar o perigo? — explodiu Flint. — Se não estivéssemos aqui, eu não teria quase morrido afogado... outra vez! Se não fosse por... por... — O anão começou a falar incoerentemente, na sua fúria.

Tanis levantou a mão.

— Chega. — Cofiou a barba. — Vocês estão mais seguros connosco. Aceitam a nossa ajuda?

— Aceito — respondeu Lua Dourada com um tom grave —, pelo menos por algum tempo.

— Muito bem — disse Tanis. — Tas, conheces o caminho pelo Vale de Solace. Serás o nosso guia. E lembrem-se: não estamos a fazer um piquenique!

— Sim, Tanis — respondeu o kender, desanimado.

Reuniu as suas muitas bolsas, pendurou-as em volta do cinturão e aos ombros. Passando por Lua Dourada, ajoelhou-se rapidamente, deu uma palmadinha na mão dela, e depois saiu pela abertura da gruta. Os restantes reuniram rapidamente as suas coisas e seguiram atrás dele.

— Vai chover outra vez — resmungou Flint, olhando para cima, para as nuvens baixas. — Devia mesmo ter ficado em Solace. — Saiu, sempre a resmungar, ajustando o machado de guerra nas costas.

Tanis, que esperava por Lua Dourada e Vento do Rio, sorriu e abanou a cabeça. Pelo menos algumas coisas nunca mudavam, e os anões eram uma delas.

Vento do Rio aceitou a sua trouxa das mãos de Lua Dourada e pendurou-a sobre o ombro.

— Tratei de me assegurar de que o barco ficasse bem escondido e seguro — disse para Tanis, de novo com a máscara de estoicismo no rosto. — Para o caso de voltarmos a precisar dele.

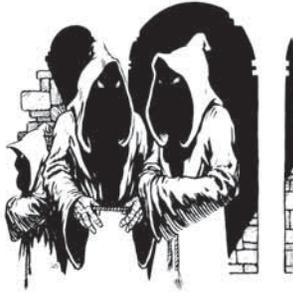
— Boa ideia — disse Tanis. — Obri...

— Se fores à frente — Vento do Rio acenou —, eu irei atrás e cobrirei as nossas pegadas.

Tanis ia começar a agradecer ao homem das planícies, mas Vento do Rio já tinha virado costas e já estava a começar o seu trabalho. Subindo o trilho, o meio elfo abanou a cabeça. Atrás dele, conseguia ouvir Lua Dourada falando suavemente na sua própria língua. Vento do Rio retorquiu com

uma palavra seca. Tanis ouviu Lua Dourada suspirar, e depois todas as outras palavras se perderam com o som da folhagem enquanto Vento do Rio apagava as marcas da passagem deles.

A HISTÓRIA DO CAJADO. CLÉRIGOS ESTRANHOS. SENSações SOMBRIAS.



As densas florestas do Vale de Solace eram uma massa verde e pujante de vida. Por baixo da densa abóbada das árvores, floresciam cardos e musgos. O chão estava forrado de uma incômoda malha de lianas. Era preciso pisar com muito cuidado, porque senão estas enrolavam-se subitamente nos pés das vítimas indefesas, prendendo-as até que fossem devoradas por um dos muitos predadores que deambulavam pelo vale, dando assim às lianas aquilo de que precisavam para viver: sangue.

Precisaram de mais de uma hora a rasgar e cortar vegetação para chegarem à Estrada de Haven. Todos estavam arranhados, com golpes e cansados, e a longa faixa de terra bem tratada que levava os viajantes até Haven foi uma visão bem-vinda. Só quando pararam já próximo da estrada, perceberam que não se ouvia um único ruído. Um silêncio abatera-se sobre a terra, como se todas as criaturas tivessem sustido a respiração, na expectativa. Agora que tinham chegado à estrada, ninguém estava particularmente ansioso por deixar a proteção da vegetação para trás.

— Achas que é seguro? — perguntou Caramon, espreitando por entre os arbustos.

— Seguro ou não, é o caminho que nós temos de seguir — disse Tanis —, a menos que sejas capaz de voar ou queiras voltar para a floresta. Perdemos uma hora para fazer apenas umas centenas de metros. A essa velocidade, só chegamos à encruzilhada daqui a uma semana.

O homenzarrão corou, magoado.

— Não quis dizer que...

— Desculpa. — Tanis suspirou. E espreitou também para a estrada. As grandes árvores formavam um corredor escuro à luz cinzenta. — Não gosto disto mais do que tu, nem um bocadinho.

— Devemos separar-nos ou ficar juntos? — interrompeu Sturm o que considerava conversa fiada com uma questão de natureza prática.

— Ficamos juntos — respondeu Tanis. Depois, um segundo mais tarde, acrescentou:

— Mesmo assim, alguém devia fazer o reconhecimento do terreno.

— Eu vou, Tanis — ofereceu-se Tas, surgindo do meio da vegetação mesmo por baixo do cotovelo de Tanis. — Nunca ninguém suspeita de um kender que viaje sozinho.

Tanis franziu o sobrolho. Tas estava certo; ninguém suspeitaria dele. Todos os kendens sentiam um impulso irresistível para viajar, e viajavam por toda a Krynn em busca de aventuras. Mas Tas tinha o hábito desagradável de se esquecer da missão e se pôr a vaguear, se algo mais interessante lhe chamasse a atenção.

— Muito bem — disse Tanis por fim. — Mas lembra-te, Tasslehoff Pé-Ligeiro: mantém os olhos bem abertos e fica alerta. Nada de sair da estrada e, acima de tudo — Tanis olhou-o nos olhos com intensidade —, mantém essas mãos longe dos pertences dos outros.

— A não ser que sejam padeiros — acrescentou Caramon.

Tas riu-se, abriu caminho pelos poucos metros de vegetação que faltavam e começou a andar estrada fora, com o cajado *hoopak* a abrir buracos na lama, com as bolsas sacudindo-se para cima e para baixo enquanto andava. Ouviram depois a voz dele, cada vez mais alta, a entoar uma canção de passeio dos kendens.

*O teu único amor verdadeiro é um veleiro
Que ancore no nosso porto.
Içamos as velas, trabalhamos no convés,
Deixamos as vigias a brilhar;*

*E sim, o nosso farol brilha por ele,
E sim, as nossas praias são quentes;
Levamo-lo a bom porto,
A um qualquer quando cai a tormenta.*

*Os marinheiros ficam no cais,
E os marinheiros põem-se em fila,
Sedentos como um anão por ouro
Ou centauros por vinho barato.*

*Porque todos os marinheiros o amam,
E correm em bando para onde ele estiver ancorado,
Com cada homem na esperança
De poder ir a bordo com a tripulação.*

Tanis, mostrando a sua aprovação com um sorriso, deixou passar alguns minutos depois de ouvir o último verso da canção de Tas antes de partirem. Por fim, entraram na estrada, tão receosos como uma trupe de atores inexperientes a enfrentar uma plateia hostil. Parecia que todos os olhos de Krynn estavam assustados neles.

A sombra escura sob as folhas da cor das chamas tornava impossível ver alguma coisa no interior da floresta, ainda que esta estivesse a apenas alguns metros da estrada. Sturm caminhava sozinho à frente do grupo, completamente em silêncio. Tanis sabia que, apesar de ir de cabeça erguida, por uma questão de orgulho, o cavaleiro caminhava pesadamente no interior da sua própria escuridão. Caramon e Raistlin iam atrás. Tanis mantinha o mago debaixo de olho, preocupado com a capacidade dele de acompanhar os restantes.

Raistlin tivera algumas dificuldades em atravessar a floresta, mas agora estava a ir bem. Apoiava-se no cajado com uma mão, e na outra segurava um livro aberto. Primeiro, Tanis ficou a pensar no que o mago estaria a estudar; depois, percebeu que era um livro de magia. Era a maldição dos magos, terem de estudar constantemente e de memorizar todas as magias, todos os dias. As palavras da magia incendiavam-se na mente, a seguir começavam a tremeluzir e apagavam-se, depois de feita a magia. Cada magia esgotava um pouco da energia física e mental do mago, até este ficar completamente exausto e ter de descansar, antes que pudesse realizar a magia novamente.

Flint caminhava ao lado de Caramon. Começaram ambos a discutir tranquilamente sobre o acidente de barco, dez anos antes.

— A tentar apanhar um peixe com as mãos nuas — rosou Flint, irritado.

Tanis vinha no fim, caminhando perto do homem das planícies. Concentrou a atenção em Lua Dourada. Vendo-a sob a luz cinzenta debaixo das árvores, notou as linhas em volta dos olhos, que a faziam parecer mais velha do que os seus vinte e nove anos.

— As nossas vidas não têm sido fáceis — confidenciou-lhe Lua Dourada enquanto caminhavam. — Vento do Rio e eu amamo-nos há muitos anos, mas a lei do meu povo diz que um guerreiro que queira casar com a Filha do Líder tem de concretizar um grande feito, para provar ser digno dela. Connosco foi ainda pior. A família de Vento do Rio foi expulsa da

tribo, há muitos anos, por se recusar a reverenciar os nossos ancestrais. O avô dele acreditava em deuses antigos, que existiram antes do Cataclismo, embora tivesse grande dificuldade em encontrar vestígios da existência deles em Krynn.

» O meu pai tinha decidido que eu não deveria casar com alguém tão abaixo da minha posição. Enviou Vento do Rio numa missão impossível: encontrar algum objeto com propriedades sagradas que provassem a existência desses deuses antigos. Claro que o meu pai não acreditava que esse objeto existisse. Esperava que Vento do Rio morresse, ou que eu acabasse por me apaixonar por outro homem. — Olhou para o alto guerreiro que caminhava ao seu lado e sorriu. Mas a cara dele era dura, e mantinha os olhos fixos na distância. O sorriso dela desapareceu. Suspirando, continuou a sua história, falando suavemente, mais para si própria do que para Tanis.

— Vento do Rio foi para longe durante muitos anos. E a minha vida ficou vazia. Por vezes, cheguei a pensar que o meu coração morreria. Depois, há exatamente uma semana, ele regressou. Estava quase morto, muito alterado, e ardia em febre. Chegou ao acampamento a cambaleiar e caiu aos meus pés. A pele dele parecia que queimava. Na mão, trazia o cajado. Tivemos de lhe abrir os dedos para que ele o soltasse. Mesmo inconsciente, não o largava.

» Delirando com a febre, falava de um sítio escuro, de uma cidade destruída, onde a morte tinha asas negras. Depois, quando já estava quase louco de medo e horror e os servos tiveram de o amarrar à cama, recordou-se de uma mulher, uma mulher vestida de luz azul. Aparecera-lhe nesse sítio escuro, segundo disse, curara-o e dera-lhe o cajado. Quando se lembrou dela, ficou mais calmo e a febre passou.

» Há dois dias... — Fez uma pausa, tinham mesmo sido apenas dois dias? Parecera uma vida inteira! Suspirando, continuou. — Vento do Rio ofereceu ao meu pai o cajado, dizendo-lhe que lhe tinha sido dado a ele por uma deusa, embora não soubesse o nome dela. O meu pai olhou para este cajado — e Lua Dourada levantou-o — e ordenou-lhe que fizesse alguma coisa, qualquer coisa. Nada aconteceu. Atirou o cajado de volta para Vento do Rio, dizendo-lhe que era uma farsa e ordenou que o povo o apedrejasse até à morte, como punição pela sua blasfémia!

O rosto de Lua Dourada ficou mais pálido enquanto falava, o rosto de Vento do Rio continuava negro e sombrio.

— A tribo prendeu Vento do Rio e arrastou-o até ao Muro das Lamentações — continuou, falando pouco mais alto que um sussurro. — Começaram a atirar pedras. Vento do Rio olhou para mim com um amor tão grande e gritou que nem mesmo a morte nos separaria. Não consegui suportar a ideia de viver a minha vida sozinha, sem ele. Corri para ele. As

pedras acertavam em ambos... — Lua Dourada levou a mão à testa, franzindo o rosto, relembrando a dor, e a atenção de Tanis deparou com uma cicatriz recente, irregular, na pele morena da rapariga. — Houve um clarão de luz ofuscante. Quando Vento do Rio e eu conseguimos ver de novo, estávamos de pé na estrada, fora de Solace. O cajado tinha um brilho azul, e depois a luz diminuiu e apagou-se, até ficar como o vês agora. Foi então que decidimos ir a Haven e inquirir sobre o cajado aos homens sábios do templo.

— Vento do Rio — perguntou Tanis, perturbado. — De que te lembras dessa cidade destruída? Onde era?

Vento do Rio não respondeu. Olhou para Tanis pelo canto dos olhos escuros e era óbvio que esses olhos tinham estado muito longe dali. Depois, fixou-os nas árvores sombrias.

— Tanis Meio Elfo — disse Vento do Rio, por fim. — É esse o teu nome?

— Entre humanos, é assim que me chamam — respondeu Tanis. — O meu nome élfico é longo e difícil de pronunciar para os humanos.

Vento do Rio franziu o sobrolho.

— Porque te chamam então — perguntou — meio elfo, e não meio homem?

A pergunta atingiu Tanis como um murro. Quase conseguiu ver-se a ir ao chão, e teve de se esforçar para parar e engolir uma resposta zangada. Sabia que Vento do Rio estava a fazer aquela pergunta por qualquer razão. Não tinha a intenção de o insultar. Era um teste. E Tanis percebeu. Escolheu as palavras cuidadosamente.

— De acordo com os humanos, meio elfo é uma parte de um ser completo. Meio homem é um aleijado.

Vento do Rio refletiu sobre a resposta, e por fim acenou abruptamente com a cabeça e respondeu à pergunta de Tanis.

— Vagueei durante muitos anos — respondeu. — Muitas vezes, não fazia a menor ideia de onde estava. Segui o Sol, as luas e as estrelas. A minha última jornada é como um sonho negro. — Calou-se por um momento. Quando recomeçou, era como se estivesse a falar de um lugar bem distante. — Era uma cidade que já foi bela, com casas brancas sustentadas por altas colunas de mármore. Mas agora, é como se uma mão enorme a tivesse levantado no ar e a tivesse depois lançado pela montanha abaixo. A cidade agora é muito velha e muito maligna.

— Morte com asas negras — disse Tanis suavemente.

— Erguia-se como um deus da escuridão, e as criaturas adoravam-na guinchando e uivando. — O rosto do homem das planícies empalideceu por baixo da pele queimada do sol. Estava a suar no ar frio da manhã. — Não consigo falar mais sobre isso!

Lua Dourada pousou uma mão no braço dele, e a tensão no rosto de Vento do Rio desapareceu.

— E no meio de todo esse horror surgiu uma mulher que te deu o cajado? — continuou Tanis.

— Curou-me — disse Vento do Rio com simplicidade. — Eu estava a morrer.

Tanis olhou com insistência para o cajado que Lua Dourada mantinha na mão. Era um cajado comum, em que nunca teria reparado até que alguma coisa lhe chamasse a atenção para ele. Havia um estranho adereço entalhado no topo do cajado, e penas — como as que os bárbaros admiravam — atadas em volta. Contudo, ele vira o brilho azul! Sentira o poder curativo do cajado. Seria um presente de deuses antigos que vinham ajudá-los, agora que precisavam? Ou seria maligno? E o que sabia ele sobre aqueles bárbaros? Tanis pensou sobre a afirmação de Raistlin de que o cajado só poderia ser tocado por pessoas puras de coração. Abanou a cabeça. Soava bem. Queria acreditar nisso...

Perdido nos seus pensamentos, Tanis sentiu Lua Dourada tocar-lhe no braço. Olhou para cima e viu Sturm e Caramon a fazerem sinais. O meio elfo percebeu de súbito que ele e o homem das planícies tinham ficado muito atrás dos restantes. Começou a correr.

— O que foi?

Sturm apontou.

— O nosso batedor está de regresso — respondeu secamente.

Tasslehoff vinha a correr pela estrada, na direção deles. Acenou com uma mão por três vezes.

— Para a floresta! — ordenou Tanis.

O grupo saiu apressadamente da estrada e mergulhou entre os arbustos e árvores que cresciam ao longo das bermas a sul. Todos, exceto Sturm.

— Vamos! — Tanis pôs uma mão no braço do cavaleiro. Sturm sacudiu-se do meio elfo.

— Não me vou esconder numa vala! — declarou o cavaleiro friamente.

— Sturm... — começou Tanis, lutando para controlar a raiva que crescia. Conteve as palavras ácidas que em nada ajudariam e que poderiam causar danos irreparáveis. Em vez disso, afastou-se do cavaleiro, cerrando os lábios, e esperou pelo kender num silêncio sombrio.

Tas veio a correr, com as bolsas e trouxas aos saltos enquanto corria.

— Clérigos! — Parou para respirar fundo. — Um grupo de clérigos. Oito.

Sturm fungou.

— Pensei que fosse, no mínimo, um batalhão de guardas duendes. Acho que podemos bem tratar de um grupo de clérigos.

— Não sei... — disse Tasslehoff, duvidando. — Já vi clérigos de todas as partes de Krynn e nunca tinha visto nenhum como estes. — Olhou para a estrada, apreensivo, e depois levantou os olhos para Tanis, com uma seriedade que não era vulgar nos seus olhos castanhos. — Lembras-te do que Tika disse sobre os homens estranhos em Solace, reunidos com Hederick? Como andavam encapuzados e vestiam pesados mantos? Pois bem, essa descrição assenta perfeitamente a estes clérigos! E Tanis... Deram-me uma sensação tenebrosa. — O kender tremia. — Vão aparecer dentro de poucos minutos.

Tanis olhou para Sturm. O cavaleiro ergueu as sobrancelhas. Ambos sabiam que os kenders nunca sentiam medo, mas, apesar disso, eram extremamente sensíveis à natureza das outras criaturas. Tanis não conseguia lembrar-se de alguma vez a visão de qualquer ser de Krynn ter provocado em Tas uma «sensação tenebrosa», e já tinha estado com o kender em bastantes sítios complicados.

— Aí vêm eles — disse Tanis subitamente.

Ele, Sturm e Tas voltaram para as sombras das árvores à esquerda, observando enquanto os clérigos dobravam lentamente uma curva da estrada. Estavam demasiado longe para que o meio elfo pudesse descobrir grande coisa sobre eles, a não ser que andavam muito devagar, puxando um grande carro de mão atrás deles.

— Talvez deveses falar com eles, Sturm — disse Tanis suavemente. — Precisamos de informação sobre a estrada, daqui para a frente. Mas cuidado, meu amigo.

— Terei cuidado — disse Sturm, sorrindo. — Não tenho intenção de arriscar a minha vida desnecessariamente.

O cavaleiro apertou o braço de Tanis por um instante, num pedido de desculpas silencioso, e depois baixou a mão para soltar a espada da sua bainha antiga. Foi para o outro lado da estrada e ficou encostado a uma cerca de madeira partida, com a cabeça baixa, como se estivesse a descansar. Tanis ficou parado, indeciso por um momento, e depois virou-se e mergulhou na floresta. Tasslehoff foi atrás dele.

— Que se passa? — perguntou Caramon assim que Tanis e Tas apareceram.

O grande guerreiro mudou o cinturão de armas de sítio, fazendo com que o seu arsenal chocalhasse e produzisse um som forte de metal a bater. Os restantes companheiros estavam reunidos, escondidos atrás de uma espessa massa de vegetação, mas ainda capazes de ver claramente a estrada.

— Chiu! — Tanis ajoelhou-se entre Caramon e Vento do Rio, que estavam agachados no meio da vegetação, a menos de um metro à esquerda

dele. — Clérigos! — sussurrou. — Um grupo deles que vem pela estrada. Sturm vai fazer-lhes algumas perguntas.

— Clérigos! — disse Caramon com desprezo, acomodando-se confortavelmente sobre os calcanhares. Mas Raistlin remexia-se com impaciência.

— Clérigos... — murmurou pensativo. — Não me agrada, isso.

— Que queres dizer? — perguntou Tanis.

Raistlin olhou brevemente para o meio elfo, com a cabeça escondida na sombra escura do capuz. Tudo o que Tanis conseguia ver eram os olhos dourados em forma de ampulhetas do mago, dois riscos estreitos de astúcia e inteligência.

— Clérigos estranhos — disse Raistlin com uma paciência esforçada, como alguém que fala com uma criança. — O cajado tem poderes curativos, clericais, poderes que não são vistos em Krynn desde o Cataclismo! Caramon e eu vimos alguns destes homens de manto e capuz em Solace. Não achas estranho, meu amigo, que estes clérigos e este cajado tenham aparecido no mesmo lugar ao mesmo tempo, quando nem uns nem o outro tinham sido vistos antes? Talvez este cajado seja realmente deles... por direito.

Tanis olhou para Lua Dourada. O rosto dela deixava ver bem a preocupação. Com certeza estaria a pensar a mesma coisa. Olhou de novo para a estrada. As silhuetas com os mantos vinham a puxar o carro a passo de tartaruga. Sturm sentou-se na cerca, cofiando os bigodes.

Os companheiros esperaram em silêncio. Nuvens cinzentas agruparam-se por cima das suas cabeças, o céu escureceu e depois a chuva começou a pingar através dos ramos das árvores.

— Pronto, agora chove — resmungou Flint. — Já não bastava ter de me agachar no meio do mato como um sapo, como agora vou ficar molhado até à alma...

Tanis olhou para o anão. Flint fungou e ficou calado. Daí a pouco, a única coisa que os companheiros conseguiam ouvir era a chuva a pingar nas folhas já molhadas e a bater ritmicamente nos elmos e nos escudos. Era uma chuva fria e contínua, do tipo que penetrava até na capa mais grossa. Escorregava pelo elmo de dragão de Caramon e pingava-lhe no pescoço. Raistlin começou a tremer e tossir, cobrindo a boca com a mão para abafar o som, quando todos olharam para ele assustados.

Tanis olhou para a estrada. Como Tas, nunca tinha visto algo que se pudesse comparar àqueles clérigos, nos seus cem anos de vida em Krynn. Eram altos, com cerca de um metro e oitenta de altura. Longas vestes envolviam-lhes os corpos, e grandes mantos com capuz cobriam essas vestes. Até mesmo os pés e as mãos estavam cobertos por panos,

como ligaduras cobrindo chagas de leprosos. Enquanto se aproximavam de Sturm, olhavam em volta cautelosamente. Um deles olhou diretamente para a faixa de vegetação onde os companheiros estavam escondidos. Só conseguiam ver olhos escuros rebrilhando na pequena abertura do pano.

— Salve, Cavaleiro de Solamnia — disse o clérigo chefe na Língua Comum. A voz era oca, com algumas consoantes mal pronunciadas; uma voz não humana. Tanis ficou gelado.

— Saudações, irmãos — respondeu Sturm, também em Comum. — Viajei muitos quilômetros hoje e vocês são os primeiros viajantes que encontro. Tenho ouvido rumores estranhos e procuro informações sobre a estrada para diante. De onde vêm?

— Somos do Leste — respondeu o clérigo. — Mas hoje viajamos de Haven. Está um dia muito frio para viajar, Cavaleiro. Talvez seja por isso que a estrada está vazia. Nós mesmos não teríamos empreendido esta jornada, se não fosse por motivo de necessidade. Não passámos por ti na estrada, por isso debes estar a vir de Solace, Senhor Cavaleiro.

Sturm concordou com um aceno da cabeça. Vários dos clérigos que estavam atrás do carro, com capuzes a tapar-lhes os rostos, começaram a entreolhar-se e a murmurar. O clérigo chefe falou com eles numa língua gutural e muito estranha. Tanis olhou para os companheiros. Tasslehoff abanou a cabeça. O mesmo fizeram os restantes: nenhum deles a ouvira antes. O clérigo voltou a falar a Língua Comum.

— Estou curioso por saber de que rumores falas, Cavaleiro.

— Ouvi conversas sobre exércitos ao norte — respondeu Sturm. — Estou a viajar nessa direção, para a minha terra natal, Solamnia. Não gostaria de me ver no meio de uma guerra para a qual não fui convidado.

— Não ouvimos tais rumores — respondeu o clérigo. — Tanto quanto sabemos, a estrada em direção a norte está limpa.

— Ah! É o que dá prestar atenção a companheiros bêbedos... — Sturm encolheu os ombros. — Mas que necessidade é essa que leva os irmãos a viajarem com um tempo tão mau?

— Procuramos um cajado — respondeu o clérigo imediatamente. — Um cajado de cristal azul. Ouvimos dizer que foi visto em Solace. Sabes alguma coisa a esse respeito?

— Sim — respondeu Sturm. — Ouvi falar desse cajado em Solace, pelos mesmos companheiros que me falaram sobre os exércitos no norte. Devo acreditar nessas histórias ou não?

Isto pareceu confundir o clérigo por um momento. Olhou em volta, sem ter a certeza de como reagir.

— Diga-me — disse Sturm, reclinando-se na cerca —, porque procu-

ram um cajado de cristal azul? Certamente um simples cajado de madeira serviria perfeitamente aos reverendos irmãos.

— Trata-se de um cajado sagrado de cura — respondeu o clérigo com voz grave. — Um dos nossos irmãos está gravemente doente, e morrerá sem o toque abençoado dessa relíquia sagrada.

— Cura? — Sturm ergueu as sobranceiras. — Um cajado sagrado de cura será coisa de grande valor. Como é que perderam um objeto tão raro e tão maravilhoso?

— Não o perdemos! — disse o clérigo. Tanis viu as mãos do homem cerrarem-se de raiva. — Foi roubado à nossa Ordem. Seguimos o ladrão até uma aldeia bárbara nas planícies, mas depois perdemos-lhe o rasto. Mas, como correm boatos sobre acontecimentos estranhos em Solace, estamos a ir para lá. — Apontou para a parte de trás do carrinho. — Esta viagem monótona nada mais é do que um pequeno sacrifício para nós, quando comparada com a agonia e dor por que o nosso irmão está a passar.

— Lamento não poder ajudar-vos... — começou Sturm a dizer.

— Eu posso ajudar! — gritou uma bela voz ao lado de Tanis. Ele tentou segurá-la, mas era tarde de mais. Lua Dourada tinha-se levantado da vegetação e caminhava com determinação para a estrada, empurrando para os lados os ramos de árvores e arbustos espinhosos. Vento do Rio levantou-se imediatamente e foi atrás dela.

— Lua Dourada! — arriscou Tanis num sussurro penetrante.

— Tenho de saber! — foi a única coisa que ela disse.

Os clérigos, ouvindo a voz de Lua Dourada, entreolharam-se, sacudindo os capuzes nas suas cabeças. Tanis pressentiu sarilhos, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Caramon também se levantou.

— Os da planície não me vão deixar numa vala enquanto eles se divertem! — disse Caramon, enfiando-se no matagal atrás de Vento do Rio.

— Ficaram todos doidos? — rugiu Tanis. Segurou Tasslehoff pelos colarinhos, arrastando o kender de volta, porque este também estava pronto para sair alegremente, atrás de Caramon. — Flint, fica de olho no kender. Raistlin...

— Não precisas de te preocupar comigo, Tanis — sussurrou o mago. — Não tenho nenhuma intenção de ir até lá.

— Certo. Bom, fica aqui. — Tanis levantou-se e começou a andar lentamente. E uma «sensação tenebrosa» abateu-se sobre ele.

EM BUSCA DA VERDADE. RESPOSTAS INESPERADAS.



— Eu posso ajudar. — A voz de Lua Dourada soou clara como um sino de prata.

A Filha do Líder viu o olhar espantado de Sturm; compreendeu o aviso de Tanis. Mas este não era um gesto de uma mulher histérica e insensata. Lua Dourada estava longe disso. Governara a sua tribo durante dez anos, desde que a doença se abatera sobre o pai como um relâmpago, deixando-o incapaz de falar com clareza ou de mover o braço e a perna direitos. Liderara a sua tribo em tempos de guerra com as tribos vizinhas e em tempos de paz. Frustrara tentativas de lhe usurparem o poder. Sabia que o que estava a fazer nesse momento era perigoso. Aqueles estranhos clérigos enchiam-na de repugnância. Mas era óbvio que sabiam alguma coisa sobre aquele cajado, e ela tinha de saber o quê.

— O cajado de cristal azul está em meu poder — disse Lua Dourada, aproximando-se do chefe dos clérigos, de cabeça orgulhosamente erguida. — Mas não o roubámos; o cajado foi-nos oferecido.

Vento do Rio parou de um lado dela, e Sturm do outro. Caramon veio a correr por entre a vegetação e ficou atrás dela com a mão no punho da espada e um sorriso ansioso no rosto.

— Isso é o que tu dizes — respondeu o clérigo em tom de desdém. Fitou com olhos ávidos, negros e brilhantes o cajado castanho que Lua Dourada tinha na mão, e depois estendeu a mão enfaixada para o agarrar. Lua Dourada puxou rapidamente o cajado para junto do corpo.

— O cajado foi trazido de um lugar onde há grande mal — disse. —

Farei o que for preciso para ajudar o teu irmão doente, mas não vou entregar o cajado nem a ti, nem a quem quer que seja, até estar completamente convencida de que tenha direito a ele.

O clérigo hesitou e olhou novamente para os seus companheiros. Tanis viu-os a fazerem gestos nervosos em direção aos cintos de tecido largos que traziam amarrados em redor das vestes folgadas. Tanis notou que os cintos eram largos e invulgares, e que havia um estranho volume por baixo deles, que não era de certeza provocado por livros de orações. Praguejou, frustrado, esperando que Caramon e Sturm estivessem a prestar atenção ao mesmo. Mas Sturm parecia completamente descontraído e Caramon batia com o cotovelo em Sturm, como se estivessem a partilhar uma piada qualquer entre os dois. Tanis levantou o arco cuidadosamente e pôs uma flecha em posição.

O clérigo baixou por fim a cabeça, em rendição, e enfiou as mãos nas mangas.

— Ficaremos muito gratos por qualquer ajuda que possas dar ao nosso pobre irmão — disse com a voz abafada. — Depois, espero que tu e os teus companheiros voltem connosco para Haven. Garanto que ficarás convencida de que o cajado te foi parar às mãos por engano.

— Iremos para onde decidirmos ir, irmão — rosnou Caramon.

Tolo!, pensou Tanis. O meio elfo pensou em gritar um aviso, mas depois decidiu continuar escondido, para o caso de os seus receios, cada vez maiores, se concretizarem.

Lua Dourada e o chefe dos homens dos longos hábitos passaram pelo carro, com Vento do Rio ao lado dela. Caramon e Sturm permaneceram próximos da frente do carro, olhando com interesse. Quando Lua Dourada e o clérigo chegaram à traseira, o clérigo escondeu a mão enfaixada e levou Lua Dourada na direção do carro. Lua Dourada esquivou-se ao toque dele e avançou sozinha. O clérigo curvou-se humildemente e depois levantou um pano que cobria a traseira do carro. Mantendo o cajado à sua frente, Lua Dourada olhou para dentro do carro.

Tanis viu uma explosão de movimento. Lua Dourada gritou. Houve um clarão de luz azul e um grito. Lua Dourada saltou para trás, enquanto Vento do Rio se colocava à sua frente. O clérigo levou um chifre aos lábios e tocou algumas notas longas e lúgubres.

— Caramon! Sturm! — gritou Tanis, erguendo o arco. — É uma arma...

Um grande peso caiu sobre o meio elfo, vindo do alto, e atirou-o ao chão. Mãos fortes tentavam agarrar-lhe a garganta enquanto lhe empurravam a cara contra as folhas molhadas e a lama. Os dedos do homem tinham-no agarrado com força e começavam a apertá-lo. Tanis lutava por

respirar, mas tinha o nariz e a boca cheios de lama. Começava a ver estrelas, e atacou freneticamente as mãos que tentavam esmagar-lhe a garganta. O estrangulamento do homem era incrivelmente forte. Tanis sentiu-se começar a perder a consciência. Retesou os músculos numa última e desesperada tentativa, e depois ouviu um grito rouco e o barulho de osso a ser esmagado. As mãos libertaram-no do estrangulamento e o enorme peso foi tirado de cima dele.

Tanis ficou de joelhos, sentindo uma dor enorme ao respirar. Limpando a lama da cara, olhou para cima e viu Flint com um tronco nas mãos. Mas os olhos do anão não estavam a olhar para ele. Estavam a olhar para o corpo caído aos seus pés.

Tanis seguiu o olhar perplexo do anão e estremeceu horrorizado. Não era um homem! Asas coriáceas saíam-lhe das costas. Asas cheias de escamas, como de um réptil; as mãos e os pés eram grandes e tinham garras, mas andava de pé como um homem. O rosto da criatura, no entanto, foi o que o fez estremeecer. Não era o rosto de qualquer ser vivo que ele alguma vez tivesse visto, nem em Krynn nem nos seus mais terríveis pesadelos. A criatura tinha rosto de homem, mas era como se um ser maligno o tivesse contorcido e transformado no rosto de um réptil!

— Por todos os deuses — disse Raistlin, arrastando-se até Tanis. — O que é isto?

Antes que Tanis pudesse responder, viu pelo canto do olho o brilho intenso de uma luz azul e ouviu o chamamento de Lua Dourada.

Por um momento, enquanto olhava para dentro do carro, Lua Dourada tentou imaginar que doença terrível poderia transformar a carne de um homem em escamas. Avançara para tocar no pobre clérigo com o cajado, mas nesse instante a criatura saltara para ela, tentando agarrar o cajado com as garras. Lua Dourada tropeçara para trás, mas a criatura era rápida e as garras fecharam-se em volta do cajado. Houve um clarão ofuscante de luz azul. A criatura gritou de dor e caiu para trás, apertando a mão negra. Vento do Rio, de espada em riste, tinha vindo colocar-se à frente de Lua Dourada.

Mas agora ouvia-o a respirar com dificuldade e via o braço que empunhava a espada a ceder, enfraquecido. Vento do Rio cambaleou para trás e não fez nenhum esforço para se defender. Mãos ásperas enfaixadas agarraram Lua Dourada por trás. Uma mão horrível, cheia de escamas, tapou-lhe a boca. Lutando para se libertar, Lua Dourada olhou para Vento do Rio. Este olhava com os olhos muito abertos, aterrorizado, para aquela coisa que estava no carro, com o rosto mortalmente pálido e a respiração rápida e superficial, como um homem que acorda de um pesadelo e descobre que é tudo realidade.

Lua Dourada, filha forte de uma raça de guerreiros, deu um pontapé

para trás, tentando atingir o joelho do clérigo que a segurava. O golpe hábil apanhou o oponente de surpresa e esmagou-lhe a rótula. Assim que o clérigo afrouxou o aperto, Lua Dourada rodou e bateu-lhe com o cajado. Ficou surpreendida ao ver o clérigo cair redondo no chão, como se tivesse sido derrubado por um soco que o próprio Caramon teria invejado. Olhou perplexa para o cajado, que agora emitia uma luz azul brilhante. Mas não havia tempo para se ficar a olhar, porque outras criaturas a cercavam. Brandiu o cajado reluzente num longo arco, mantendo-os afastados. Mas por quanto tempo?

— Vento do Rio!

O grito de Lua Dourada sacudiu o homem das planícies do seu estado de terror. Virando-se, viu-a avançar de costas para a floresta, mantendo os clérigos à distância com o cajado. Agarrou um dos clérigos por trás e atirou-o pesadamente ao chão. Um outro atirou-se a ele, enquanto um terceiro corria na direção de Lua Dourada.

Houve um clarão azul ofuscante.

Um segundo antes de Tanis gritar, Sturm tomara consciência de que os clérigos tinham preparado uma armadilha e sacara a espada. Vira uma mão com garras a ser estendida para agarrar o cajado por entre as tábuas do carrinho. Correria para dar cobertura a Vento do Rio. Mas o cavaleiro estava completamente impreparado para a reação do homem das planícies ao ver a criatura no carrinho. Sturm vira Vento do Rio a cambalear para trás, indefeso, enquanto a criatura empunhava um machado de guerra com a mão que não estava ferida e corria na direção do bárbaro. Vento do Rio não fizera nenhum movimento para se defender. Só conseguia olhar, com a arma pendurada da mão.

Sturm enfiou a espada nas costas da criatura. Aquela coisa gritou e virou-se para o atacar, e ao voltar-se arrancou a espada da mão do cavaleiro. Babando-se e gorgolejando na fúria da morte, a criatura envolveu o perplexo cavaleiro com os braços e arrastou-o para a estrada lamacenta. Sturm sabia que a coisa que o tinha agarrado estava a morrer e esforçou-se por vencer o terror e a repulsa que sentia com o toque daquela pele nojenta. O grito calou-se e sentiu a criatura ficar rígida. O cavaleiro empurrou o corpo para o lado e começou rapidamente a puxar a sua espada das costas da criatura. A arma não se mexia! Olhou para ela, sem acreditar, e depois deu um puxão com toda a força; chegou mesmo a usar o pé contra o corpo, para ter mais apoio. A arma estava bem fixa. Furioso, bateu na criatura com as mãos, e depois afastou-se, espantado e repugnado. A coisa tinha-se transformado em pedra.

— Caramon! — gritou Sturm quando outro dos estranhos clérigos avançou na sua direção, brandindo um machado. Sturm baixou-se, sentiu

uma dor penetrante e depois ficou cego, quando o sangue lhe escorreu sobre os olhos. Tropeçou, incapaz de ver, e um peso esmagador atirou-o ao chão.

Caramon, que estava junto à parte da frente do carro, fora em socorro de Lua Dourada quando ouviu o grito de Sturm. Nesse momento duas das criaturas atacaram-no. Brandindo a espada curta de um lado para o outro, para os manter à distância, Caramon pegou na adaga com a mão esquerda. Um clérigo saltou para ele e Caramon golpeou-o, produzindo um corte profundo na carne da criatura. Sentiu um cheiro fétido de uma coisa em decomposição e viu uma mancha verde e repelente a aparecer nas vestes do clérigo, mas parecia que o ferimento servira apenas para enraivecer ainda mais a criatura. Continuou a avançar, com a saliva pingando-lhe das mandíbulas, que eram as mandíbulas de um réptil, e não de um homem. Por um instante, o pânico tomou conta de Caramon. Já tinha lutado contra trolls e duendes, mas estes horríveis clérigos deixavam-no completamente assustado. Sentiu-se perdido e sozinho, mas depois ouviu um murmúrio tranquilizador perto dele.

— Estou aqui, meu irmão. — A voz calma de Raistlin encheu-lhe a mente.

— Já não era sem tempo — arquejou Caramon, ameaçando a criatura com a espada. — Que diabo de clérigos horríveis são estes?

— Não os trespases! — advertiu-o Raistlin rapidamente. — Tornam-se pedra. E não são clérigos. São uma espécie de homem-réptil. É por isso que usam vestes longas e capuzes.

Apesar de serem tão diferentes como o dia e a noite, os gêmeos lutavam bem em conjunto. Trocavam algumas palavras durante a luta, com os pensamentos emergindo mais depressa do que qualquer língua seria capaz de traduzir. Caramon largou a espada e a adaga e retesou os enormes músculos dos braços. As criaturas, ao verem Caramon largar as armas, avançaram na direção dele. As ligaduras tinham-se soltado e esvoaçavam de forma grotesca em volta delas. Caramon fez uma careta ao ver os corpos cheios de escamas e as mãos com garras.

— Estou pronto — disse para o irmão.

— *Ast tasark simiralan krynawi* — disse Raistlin baixinho, lançando uma mão-cheia de areia ao ar. As criaturas estacaram e abanaram as cabeças, estonteadas, enquanto um sono mágico se abatia sobre elas... mas depois piscaram os olhos. Após alguns momentos, recobriram a consciência e atacaram novamente!

— Resistentes à magia! — murmurou Raistlin, espantado. Mas aquele breve intervalo em que quase tinham adormecido fora suficiente para Caramon. Agarrando os pescoços magros das criaturas com as suas mãos

enormes, o guerreiro bateu com as cabeças uma contra a outra. Os corpos caíram no chão como estátuas sem vida. Caramon olhou para cima e viu mais clérigos rastejando sobre os corpos de pedra dos seus irmãos, com espadas de lâmina curva a brilhar nas mãos envoltas em ligaduras.

— Fica atrás de mim — ordenou Raistlin num sussurro rouco.

Caramon agachou-se e pegou na adaga e na espada. Movia-se atrás do irmão, receando pela segurança do gêmeo, mas sabendo que Raistlin não poderia lançar a sua magia se se pusesse no caminho do mago.

Raistlin olhou fixamente para as criaturas, que, ao reconhecerem um utilizador de magia, pararam e olharam uma para a outra, hesitantes, sem se aproximarem. Um deles atirou-se para o chão e rastejou para debaixo do carro. O outro avançou com a espada ao alto, esperando trespassar o mago antes que a magia fosse conjurada ou, pelo menos, conseguir interromper-lhe a concentração, tão necessária para o mago. Caramon gritou. Raistlin parecia não ouvir, nem ver qualquer um deles. Lentamente, levantou as mãos. Mantendo os polegares juntos, abriu os dedos em leque e disse:

— *Kair tangus miopiar.* — A magia atravessou-lhe o corpo delicado e a criatura ficou envolta em chamas.

Recuperando do choque inicial, Tanis ouviu Sturm a gritar e correu para a estrada. Usando a espada como um montante, acertou na criatura que mantinha Sturm preso ao chão. O clérigo caiu com um grito e Tanis conseguiu arrastar o cavaleiro ferido para a vegetação.

— A minha espada — murmurou Sturm, atordoado. O sangue escorria-lhe pela cara; tentou limpá-lo, mas não conseguiu.

— Recuperá-la-emos — prometeu-lhe Tanis, interrogando-se como.

Olhando para a estrada, viu uma grande quantidade de criaturas, saindo de entre a vegetação e avançando na direção deles. A boca de Tanis estava seca. *Temos de sair daqui*, pensou, debatendo-se contra o pânico. Obrigou-se a parar e a respirar fundo. Depois, voltou-se para Flint e para Tasslehoff, que tinham corrido atrás dele.

— Fiquem aqui e protejam Sturm — ordenou. — Vou ter com os outros. Vamos voltar para a floresta.

Sem esperar por resposta, Tanis correu para a estrada, mas as chamas da magia de Raistlin acenderam-se, e foi obrigado a atirar-se ao chão.

O carro começou a fazer fumo quando o estrado de palha sobre o qual a criatura estava deitada pegou fogo.

— Fica aqui e protege Sturm! — disse Flint, segurando com firmeza o seu machado de guerra.

Até aí, as criaturas que vinham pela estrada pareciam não ter dado pela presença do anão, do kender ou do cavaleiro ferido, deitado à sombra das árvores. Tinham a atenção concentrada em dois pequenos grupos de

guerreiros em luta. Mas Flint sabia que era apenas uma questão de tempo. Assentou firmemente os pés no chão.

— Faz alguma coisa por Sturm — disse Flint para Tas, irritado. — Faz alguma coisa de útil, pelo menos uma vez.

— Estou a tentar — respondeu Tasslehoff, num tom magoado. — Mas não consigo estancar o sangue. — Limpou os olhos do cavaleiro com um lenço razoavelmente limpo. — Pronto, já consegues ver? — perguntou, ansioso.

Sturm resmungou e tentou sentar-se, mas a dor invadiu-lhe a cabeça e caiu para trás.

— A minha espada — disse.

Tasslehoff olhou em volta e viu a arma cravada nas costas do clérigo morto.

— Fantástico! — exclamou o kender, de olhos muito abertos. — Olha, Flint! A espada de Sturm...

— Eu sei, kender tolo, cérebro de rã! — rugiu Flint de machado em punho quando viu uma criatura a correr na direção deles.

— Vou buscá-la — disse Tas alegremente para Sturm, enquanto se ajoelhava ao seu lado. — Não demoro nada.

— Não... — gritou Flint, percebendo que o clérigo que estava a atacar estava fora do campo de visão de Tas. A espada curva e maligna da criatura rodopiou num arco brilhante que tinha o pescoço do anão como destino.

Flint ergueu o machado, mas nesse momento Tasslehoff, que estava a vigiar a espada de Sturm, levantou-se. O cajado *hoopak* do kender atingiu Flint por trás dos joelhos, fazendo com que as pernas se dobrassem. A espada da criatura assobiou inofensivamente por cima da cabeça do anão, enquanto este dava um grito perplexo e caía de costas em cima de Sturm.

Tasslehoff, ouvindo o anão gritar, olhou para trás, surpreendido com a estranha cena: um clérigo estava a atacar o anão que, por qualquer razão, estava deitado de costas, com as pernas para cima, em vez de estar de pé a lutar.

— Que estás tu a fazer, Flint? — gritou Tas. Descontraidamente, atingiu a criatura no peito com o seu cajado *hoopak*, depois atingiu-a novamente na cabeça, levando-a a curvar-se para a frente, e observou-a a cair no chão, inconsciente.

— Pronto! — disse irritado para Flint. — Eu é que tenho de resolver tudo por ti! — O kender virou-se e avançou na direção da espada de Sturm.

— Resolver tudo por mim?! — O anão levantou-se com dificuldade, cuspidando de ódio. O elmo tinha-lhe escorregado para cima dos olhos, cegando-o momentaneamente. Flint empurrou-o para trás no momento em que outro clérigo se lançava sobre ele, derrubando-o novamente.

Tanis encontrou Lua Dourada e Vento do Rio de pé, de costas um para o outro. Lua Dourada defendia-se das criaturas com o cajado. Três estavam mortas aos seus pés, os restos enegrecidos pela chama azul do cajado. A espada de Vento do Rio tinha ficado presa nas entranhas de mais uma estátua. O homem das planícies tinha tirado do ombro a última arma, o arco curto, e tinha uma flecha já pronta. As criaturas estavam afastadas, nesse momento, debatendo a sua estratégia em voz baixa, numa língua indecifrável. Sabendo que iriam atacar o homem das planícies daí a pouco, Tanis saltou na direção delas e atingiu uma das criaturas por trás, usando o lado rombo da espada; depois, com o punho, acertou noutra.

— Vamos! — gritou para o homem das planícies. — Por aqui!

Algumas das criaturas viraram-se, para enfrentar o novo ataque; outras hesitaram. Vento do Rio disparou uma flecha e abateu uma, depois agarrou na mão de Lua Dourada e correram na direção de Tanis, saltando por cima dos corpos de pedra das suas vítimas.

Tanis deixou-os passar por ele, defendendo-se das criaturas usando o lado rombo da espada.

— Toma esta adaga! — gritou para Vento do Rio, quando o bárbaro passava por ele a correr.

Vento do Rio agarrou a adaga, voltou-a e atingiu uma das criaturas no queixo, num golpe ascendente, partindo-lhe o pescoço com o cabo da adaga. Houve um novo reluzir de uma chama azul quando Lua Dourada usou o cajado para tirar mais uma criatura do caminho. Depois, entraram na floresta.

O carro de madeira ardia. Olhando por entre o fumo, Tanis conseguia ver a estrada. Um frio gelado percorreu-lhe a espinha quando viu silhuetas negras aladas voando na direção deles por quase um quilómetro, de ambos os lados da estrada. O caminho estava impedido nas duas direções. Ficariam sem saída, a menos que fugissem para a floresta imediatamente.

Chegou ao local onde tinha deixado Sturm. Lua Dourada e Vento do Rio já estavam lá, e Flint também. Mas onde estavam os outros? Olhou em redor, no meio do fumo espesso, piscando os olhos.

— Ajuda o Sturm — disse para Lua Dourada. Depois, virou-se para Flint, que tentava sem sucesso arrancar o machado do peito de uma criatura de pedra. — Onde estão Caramon e Raistlin? E onde está Tas? Eu disse-lhe que ficasse aqui!

— Esse maldito kender quase me matou! — explodiu Flint. — Espero que o levem! Espero que eles o usem como comida para cão! Espero...

— Em nome dos deuses! — exclamou Tanis, irritado.

Dirigiu-se ao local onde vira Caramon e Raistlin pela última vez, e deu

de caras com o kender, que vinha a arrastar a espada de Sturm. A arma era quase tão grande como Tasslehoff, e este não conseguia levantá-la. Por isso, arrastava-a pela lama.

— Como conseguiste fazer isso? — perguntou Tanis, espantado, tossindo por causa do fumo espesso que os rodeava.

Tas sorriu, com lágrimas correndo-lhe pela cara por causa do fumo nos olhos.

— A criatura desfez-se em pó — disse, muito feliz. — Ah, Tanis, foi maravilhoso. Cheguei lá e puxei a espada, mas não saía. Então, puxei outra vez e...

— Agora não! Volta para junto dos outros! — Tanis agarrou o kender e empurrou-o para a frente. — Viste Caramon e Raistlin?

Precisamente nesse momento, ouviu a voz do guerreiro troando por entre o fumo.

— Estamos aqui — arquejou Caramon. Tinha os braços em volta do irmão, que tossia incontrolavelmente. — Destruímos-los todos? — perguntou o homenzarrão, esperançado.

— Não, não os destruímos — respondeu Tanis com tristeza. — Na verdade, temos de fugir para sul pela floresta. — Colocou um braço em volta de Raistlin e apressaram-se a regressar ao lugar onde os outros estavam agrupados, perto da estrada, sufocados pelo fumo, mas gratos pela cobertura que este proporcionava.

Sturm estava de pé, com o rosto pálido, mas a dor na cabeça tinha desaparecido e a ferida tinha parado de sangrar.

— O cajado curou-o? — perguntou Tanis a Lua Dourada.

Ela tossiu.

— Não completamente. Apenas o suficiente para que possa andar.

— O cajado tem limites... — disse Raistlin, ofegante.

— Sim... — interrompeu Tanis. — Muito bem, vamos para sul, pela floresta.

Caramon abanou a cabeça.

— Aquilo é a Floresta Escura... — começou a dizer.

— Já sei, preferes lutar com os vivos — calou-o Tanis. — E o que pensas agora sobre isso? — O guerreiro não respondeu. — Há criaturas daquelas a vir dos dois lados. Não conseguiremos resistir a outro ataque. Mas não entraremos na Floresta Escura, a não ser que tenhamos mesmo de o fazer. Há um trilho de caça não muito longe daqui, que podemos usar para chegar ao Pico do Olho do Orador. Aí, poderemos ver a estrada para norte e em todas as outras direções.

— Poderíamos ir para norte até à gruta. O barco está lá escondido — sugeriu Vento do Rio.

— Não! — gritou Flint com uma voz sofrida.

Sem dizer outra palavra, o anão deu meia-volta e enfiou pela floresta, correndo para sul tão depressa quanto as pequenas pernas podiam levá-lo.

FUÇA! O VEADO BRANCO.

Os companheiros caminhavam pela densa floresta o mais depressa que podiam e em breve chegavam ao trilho de caça. Caramon tomou a dianteira, de espada em punho, espreitando cada sombra. O irmão seguia-o, com uma mão no ombro de Caramon, os lábios cerrados com uma determinação feroz. O restante do grupo vinha atrás, de armas em punho. Mas não viam mais nenhuma das criaturas.

— Porque será que não nos perseguem? — perguntou Flint, ao fim de uma hora a caminharem.

Tanis cofiou a barba, porque estava a fazer-se a mesma pergunta.

— Não precisam de nos perseguir — disse por fim. — Estamos cercados, sem dúvida. Fecharam todas as saídas desta floresta. Com exceção da Floresta Escura...

— A Floresta Escura! — repetiu Lua Dourada em tom baixo. — Será realmente necessário ir por esse caminho?

— Talvez não seja — disse Tanis. — Veremos quando chegarmos ao Pico do Olho do Orador.

De repente, ouviram Caramon, que ia à frente, a gritar. Correndo na direção dele, Tanis viu que Raistlin tinha caído.

— Eu fico bem — sussurrou o mago. — Mas preciso de descansar.

— Todos nós bem precisamos de descansar um pouco — disse Tanis.

Ninguém respondeu. Todos se deixaram cair no chão, recuperando o fôlego. Sturm fechou os olhos e encostou-se a uma rocha coberta de musgo.

Tinha um tom branco-acinzentado na cara. O sangue engrossara-lhe os longos bigodes, empastando os pelos. O ferimento era um corte serrilhado, que estava a ficar roxo. Tanis sabia que o cavaleiro preferiria morrer a soltar uma palavra de queixume.

— Não te preocupes — disse Sturm estoicamente. — Dá-me só um momento de sossego. — Tanis apertou o braço do cavaleiro durante um segundo, e depois foi-se sentar ao lado de Vento do Rio.

Ninguém falou durante bastante tempo. Depois, Tanis perguntou:

— Já lutaste contra estas criaturas antes, não foi?

— Na cidade destruída... — Vento do Rio tremia. — Tudo ficou claro assim que olhei para dentro do carro e vi aquela coisa a olhar para mim! Pelo menos... — Fez uma pausa, abanando a cabeça. Depois, voltou para Tanis um quase sorriso. — Pelo menos, agora sei que não estava a ficar louco. Aquelas criaturas horríveis existem mesmo... Por vezes, cheguei a duvidar.

— Consigo imaginar... — murmurou Tanis. — Então, a menos que a tua cidade destruída seja perto daqui, estas criaturas estão a espalhar-se por toda a Krynn.

— Não. Eu cheguei a Que-shu vindo de leste. Era longe de Solace, para lá das planícies da minha terra natal.

— Que achas que aquelas criaturas queriam dizer quando referiram que te tinham seguido até à nossa aldeia? — perguntou Lua Dourada lentamente, encostando a cara à manga da túnica de couro de Vento do Rio, e passando uma mão pelo braço dele.

— Não te preocupes — respondeu Vento do Rio, segurando as mãos dela nas suas. — Os nossos guerreiros tratariam deles.

— Vento do Rio, lembras-te do que ias dizer? — relembrou-o Lua Dourada.

— Sim, tens razão — respondeu Vento do Rio, tocando-lhe nos cabelos dourados. Olhou para Tanis e sorriu. Durante um breve instante, a máscara sem expressão desapareceu e Tanis viu calor humano no fundo dos olhos castanhos do homem. — Agradeço-te, meio elfo, e a todos vocês. — O olhar correu por todos eles. — Vocês salvaram as nossas vidas mais de uma vez, e eu tenho sido ingrato. Mas... — Fez uma pausa. — É tudo tão estranho!

— E vai ficar ainda mais estranho. — A voz de Raistlin soou ameaçadora.

Os companheiros estavam a aproximar-se do Pico do Olho do Orador. Conseguiram vê-lo da estrada, subindo acima da floresta. Os picos irregulares pareciam duas mãos postas em oração, e era daí que vinha o nome. A chuva tinha parado. A floresta estava mortalmente silenciosa. Os compa-

nheiros começaram a pensar que os animais e aves da floresta teriam desaparecido da terra, deixando um silêncio tenebroso e vazio. Todos estavam apreensivos, talvez com exceção de Tasslehoff, e não paravam de olhar para trás e de desembainhar as espadas para as sombras.

Sturm insistiu em ir atrás, mas começou a atrasar-se quando a dor na cabeça se ampliou. Estava a começar a sentir-se tonto e enjoado. Daí a pouco, já tinha perdido completamente a noção de onde estava e do que estava a fazer. Só sabia que tinha de continuar a andar, um pé diante do outro, movendo-se como um daqueles autómatos de Tas.

Como era mesmo aquela história de Tas? Sturm tentou recordar-se, no meio de uma onda de dor. Esses autómatos serviam um mago que tinha convocado um demónio para levar o kender. Era pura fantasia, como todas as histórias do kender. Sturm continuou a pôr um pé à frente do outro. Tolicces. Como as histórias do velho... o velho da estalagem. Histórias do Veado Branco e de deuses antigos, de Paladino. Histórias de Huma. Sturm levou as mãos às têmporas, que latejavam, como se quisesse impedir que a cabeça se dividisse em duas. Huma...

Em criança, Sturm ouvira as histórias de Huma. A mãe, que era filha de um Cavaleiro de Solamnia, casara com um Cavaleiro e não sabia mais histórias que pudesse contar ao filho. Os pensamentos de Sturm voltaram-se para a mãe, com a dor que sentia a fazê-lo pensar nos cuidados carinhosos dela quando estava doente ou magoado. O pai de Sturm enviara a mulher e o filho para o exílio porque o rapaz, seu único herdeiro, era um alvo para os que queriam ver os Cavaleiros de Solamnia banidos para sempre da face de Krynn. Sturm e a mãe tinham-se refugiado em Solace. Sturm fizera lá amigos, e em especial um outro rapazito, Caramon, que compartilhava com ele o mesmo interesse pelos assuntos militares. Mas a orgulhosa mãe de Sturm considerava essas pessoas abaixo do seu nível.

Assim, quando a febre a consumira, morrera sozinha, apenas com a companhia do filho adolescente. Mandara o rapaz ao pai, se era que ainda estava vivo, do que Sturm começara a duvidar.

Depois da morte da mãe, o jovem tornara-se um guerreiro experiente, sob a liderança de Tanis e de Flint, que o tinham adotado, informalmente, tal como já tinham adotado Caramon e Raistlin. Juntamente com Tasslehoff, o kender que adorava viajar — e por vezes com Kitiara, a bela meia-irmã dos gémeos —, Sturm e os amigos tinham acompanhado Flint nas suas viagens pelas terras da Abanasinia, a desempenhar a sua arte de ferreiro.

Cinco anos antes, porém, os companheiros tinham decidido separar-se para investigarem as notícias de um mal que crescia na região. Tinham jurado encontrar-se na Estalagem do Derradeiro Lar.

Sturm tinha ido até Solamnia, na determinação de encontrar o pai e a

herança. Não encontrara nada e quase não escapara com vida, mas trouxera consigo a armadura e a espada do pai. A viagem até à sua terra natal fora uma experiência dolorosa. Sturm ouvira dizer que os Cavaleiros eram insultados, mas ficara chocado ao perceber até que ponto era profunda a animosidade contra eles. Huma, o *Portador da Luz*, Cavaleiro de Solamnia, tinha afastado a escuridão, anos antes, durante a Idade dos Sonhos, e assim começara a Idade da Força. Depois, viera o Cataclismo, quando os deuses tinham abandonado os homens, segundo a crença popular. O povo voltara-se para os Cavaleiros, em busca de ajuda, tal como tinha pedido a Huma no passado. Mas Huma morreria havia muito tempo. A única coisa que os Cavaleiros podiam fazer era assistir, impotentes, enquanto o terror caía dos céus e Krynn era despedaçada. O povo suplicara aos Cavaleiros, mas estes nada podiam fazer, e o povo nunca os perdoara por isso. De pé diante do castelo arruinado da família, Sturm jurara que restauraria a honra dos Cavaleiros de Solamnia, mesmo que isso implicasse que tivesse de sacrificar a sua vida a tentá-lo.

Mas como poderia ele fazer isso lutando contra um grupo de clérigos?, pensava amargamente, enquanto o trilho à sua frente se ia tornando cada vez mais estreito. Tropeçou, mas recuperou o equilíbrio. Huma lutara contra dragões. «Deem-me dragões», ansiava Sturm. Ergueu os olhos. As folhas transformaram-se numa névoa dourada, e percebeu que ia desmaiar. Piscou os olhos. Tudo voltou a ficar nítido.

Diante dele erguia-se o Pico do Olho do Orador. Ele e os companheiros tinham chegado ao pé da antiga montanha gelada. Conseguia ver trilhos sinuosos que subiam a encosta coberta pelas árvores, trilhos usados pela população de Solace para chegar às áreas de lazer na face oriental do pico. Perto de um dos caminhos mais conhecidos, havia um veado branco. Sturm olhou para o veado. Era o animal mais magnífico que o cavaleiro jamais vira. Era enorme, e vários palmos mais alto do que qualquer veado que o cavaleiro alguma vez tinha caçado. A cabeça erguia-se com orgulho, e as esplêndidas hastes brilhavam como uma coroa. Os olhos eram castanhos-escuros, em contraste com a pelagem completamente branca, e olhava fixamente para o cavaleiro, como se o conhecesse. Depois, com um ligeiro movimento da cabeça, o veado correu para sudoeste.

— Parem! — gritou o cavaleiro, rouco.

Os outros voltaram-se, alarmados, desembainhando as armas. Tanis correu para trás até ele.

— Que se passa, Sturm? — O cavaleiro levou involuntariamente uma mão à cabeça dorida. — Desculpa, Sturm — continuou Tanis. — Não percebi que estivesse tão doente. Podemos descansar um pouco. Estamos no sopé do Pico do Olho do Orador. Vou subir a montanha e ver...

— Não! Olha! — O cavaleiro agarrou Tanis por um ombro e fê-lo virar-se. Apontou.

— Estás a vê-lo? O veado branco!

— O veado branco? — Tanis olhou na direção que o cavaleiro tinha indicado. — Onde? Não...

— Ali — disse Sturm em voz baixa. Deu alguns passos para diante, na direção do animal, que tinha parado e parecia estar à espera dele. O veado acenou com a grande cabeça. Correu outra vez mais alguns passos, e depois voltou-se para olhar para o cavaleiro mais uma vez. — Quer que o sigamos — disse Sturm com a voz entrecortada. — Como Huma!

Nessa altura, já todos os outros se tinham reunido em volta do cavaleiro, observando-o com expressões que iam da profunda preocupação até à óbvia incredulidade.

— Não vejo veado nenhum, seja de que cor for — disse Vento do Rio, cujos olhos escuros perscrutavam a floresta.

— Pancada na cabeça... — disse Caramon, meneando a cabeça como um médico charlatão. — Anda lá, Sturm, deita-te e descansa um pouco...

— Seu grande idiota tapado! — rugiu o cavaleiro para Caramon. — O teu cérebro está no estômago, é natural que não vejas nenhum veado. O mais provável seria que o abatesses e depois o cozinhasses! Pois eu vos digo: temos de o seguir!

— A loucura causada por ferimentos na cabeça... — sussurrou Vento do Rio para Tanis. — Já vi isto muitas vezes.

— Não tenho assim tanta certeza disso — respondeu Tanis. E ficou calado por alguns minutos. Quando falou de novo, foi com evidente relutância. — Embora eu próprio também não tenha visto o veado branco, já estive com alguém que o viu, e eu segui-o, como naquela história do Velho. — A mão de Tanis brincava distraidamente com o anel com folhas de hera retorcidas que usava na mão esquerda. Os seus pensamentos estavam com a jovem elfa de cabelos dourados que chorara quando ele partira de Qualinesti.

— Estás a sugerir que devemos seguir um animal que nem sequer conseguimos ver? — disse Caramon, ficando de boca aberta.

— Não seria a coisa mais estranha das que já fizemos — disse Raistlin num sussurro sarcástico. — Lembrem-se que foi o Velho quem contou essa história do Veado Branco, e foi o Velho quem nos pôs nesta situação...

— O que nos pôs nesta situação foi a nossa própria escolha — respondeu Tanis, corrigindo-o. — Poderíamos ter entregado o cajado ao Alto Teocrata e, com uma boa conversa, ter-nos-íamos visto livres deste dilema. Julgo que deveríamos seguir Sturm. Aparentemente, Sturm foi

escolhido, da mesma maneira que Vento do Rio foi escolhido para receber o cajado...

— Mas nem nos está a conduzir na direção certa! — argumentou Caramon. — Sabes tão bem como eu que não existem trilhos no lado oeste da floresta. Ninguém vai para esse lado.

— Tanto melhor — disse subitamente Lua Dourada. — Tanis disse que aquelas criaturas devem ter fechado todos os caminhos. Talvez esta seja uma saída. Penso que devíamos seguir o Cavaleiro. — Virou costas, acompanhando Sturm, sem sequer olhar para os outros, obviamente habituada a ser obedecida.

Vento do Rio encolheu os ombros e abanou a cabeça, franzindo o sobrolho, contrariado, mas foi atrás de Lua Dourada e os outros seguiram-no.

O cavaleiro deixou os caminhos mais conhecidos do Pico do Olho do Orador para trás e seguiu para sudoeste, subindo a encosta. Inicialmente, parecia que Caramon estava certo e que não havia trilhos. Sturm enfiava-se por entre a vegetação como um louco. Depois, de repente, um trilho suave e largo abriu-se diante deles. Tanis olhou para o trilho, espantado.

— O quê ou quem terá desbravado este caminho? — perguntou a Vento do Rio, que também o examinava com uma expressão confundida.

— Não sei — respondeu o homem das planícies. — É muito antigo. Aquela árvore caída está ali já há tempo suficiente para se ter afundado na terra quase até meio, e está coberta de musgo e ramos. Mas não há pegadas, a não ser as de Sturm. Não há sinal de alguém ou algum animal ter passado por aqui. E por que razão a vegetação não o cobriu?

Tanis não saberia responder, mas também não tinha tempo para pensar nisso. Sturm avançava rapidamente; tudo o que o grupo podia fazer era tentar mantê-lo à vista.

— Duendes, barcos, homens-lagarto, veados invisíveis... O que mais falta acontecer? — protestou Flint para o kender.

— Eu gostava de ver o veado — disse Tas, pensativo.

— Basta que leves uma pancada na cabeça — resmungou o anão. — Se bem que, no teu caso, provavelmente não se notasse diferença nenhuma.

Os companheiros seguiram Sturm, que subia com um entusiasmo quase selvagem, esquecendo as dores e o ferimento. Tanis teve dificuldade em alcançar o cavaleiro. Quando conseguiu, ficou assustado com o brilho febril nos olhos de Sturm. Mas o cavaleiro estava obviamente a ser guiado por qualquer coisa. O trilho levava-os para cima, na encosta do Pico do Olho do Orador. Tanis viu que o caminho os levava para a fenda entre as duas «mãos» de pedra, uma fenda onde, tanto quanto sabia, ninguém jamais estivera antes.

— Espera um pouco — disse, com a respiração entrecortada, correndo para alcançar Sturm. Era quase meio-dia, supunha, ainda que o Sol esti-

vesse escondido pelas nuvens cinzentas. — Vamos descansar. Vou observar a região dali de cima. — Apontou para uma plataforma no rochedo que se projetava do outro lado do pico.

— Descansar... — repetiu Sturm distraidamente, parando para respirar. Olhou para a frente por um momento, e depois virou-se para Tanis.

— Sim. Vamos descansar — e os olhos brilhavam-lhe.

— Estás bem?

— Estou — respondeu Sturm, distraído. E ficou a andar para trás e para diante sobre a erva, acariciando e alisando o bigode suavemente. Tanis observou-o por um momento, hesitante, e depois voltou para junto dos outros, que estavam a chegar ao cimo de uma pequena elevação.

— Vamos descansar aqui — disse o meio elfo. Raistlin soltou um suspiro de alívio e deixou-se cair nas folhas húmidas.

— Vou observar o norte, para ver o que há em movimento na estrada para Haven — concluiu Tanis.

— Vou contigo — ofereceu-se Vento do Rio.

Tanis acenou com a cabeça e afastaram-se os dois do caminho, dirigindo-se para a plataforma na rocha. Tanis olhou para o alto guerreiro enquanto caminhavam juntos. Começava a sentir-se mais à vontade com o severo e sério homem das planícies. Sendo ele próprio uma pessoa muito reservada, Vento do Rio respeitava a privacidade dos outros e jamais pensaria pôr à prova os limites que Tanis erguera em volta da sua própria alma. Isso era para o meio elfo tão apaziguador como um sono ininterrupto durante a noite. Sabia que os seus amigos, simplesmente pelo facto de serem seus amigos e o conhecerem havia muitos anos, especulavam sobre a relação dele com Kitiara. Porque teria ele decidido terminar tudo tão abruptamente, cinco anos antes? E por que razão, então, aquele tão evidente desapontamento por ela não ter ido ao encontro deles? Vento do Rio não sabia nada, evidentemente, sobre Kitiara, mas Tanis tinha a sensação de que nada mudaria para o homem das planícies, mesmo que soubesse: isso eram problemas pessoais de Tanis, não seus.

Quando chegaram a uma posição de onde podiam ser vistos da Estrada de Haven, arrastaram-se o último meio metro, avançando lentamente pela rocha húmida até chegarem à borda da plataforma. Olhando para baixo e para leste, Tanis podia ver os velhos caminhos para as áreas de passeio que contornavam a montanha. Vento do Rio apontou e Tanis percebeu que havia criaturas a mover-se por esses caminhos! Isso explicava o silêncio involuntário da floresta. Tanis mordeu o lábio, preocupado. As criaturas deviam estar à espera de os emboscar. Sturm e o seu veado branco tinham, com toda a probabilidade, salvo as suas vidas. Mas não seria preciso muito tem-

po para que as criaturas descobrissem aquele novo caminho. Tanis olhou para baixo e piscou os olhos repetidamente: não havia caminho nenhum. Não havia nada, a não ser floresta densa e impenetrável. O caminho fechou-se atrás deles!

Devo estar com alucinações, pensou, e voltou os olhos novamente para a Estrada de Haven e para as muitas criaturas que se movimentavam por ela. *Não demoraram muito a organizar-se*, pensou. Olhou para mais longe, para norte, e viu as águas paradas e calmas do Lago de Cristal. Depois, o olhar deslizou pelo horizonte.

Franziu o sobrolho. Havia qualquer coisa errada. Não saberia dizer o que era, imediatamente, e por isso não disse nada a Vento do Rio, mas fixou os olhos na linha do horizonte. Nuvens de tempestade agrupavam-se ao norte, mais densas do que nunca, com os longos dedos das nuvens cinzentas varrendo a terra. E subindo na direção deles! Era isso! Agarrando o braço de Vento do Rio, Tanis apontou na direção norte. Vento do Rio olhou, semicerrou os olhos, mas inicialmente não viu nada. Depois, viu o fumo negro a mover-se pelo céu. As sobancelhas grossas de Vento do Rio cerraram-se.

— Fogueiras de acampamentos — disse Tanis.

— Centenas de fogueiras — corrigiu Vento do Rio suavemente. — Os fogos da guerra. Aquilo é o acampamento de um exército.

— Então, os boatos confirmam-se — disse Sturm quando regressaram. — Há um exército ao norte.

— Mas que exército? De quem? E porquê? Que vão eles atacar? — Caramon riu-se, incrédulo. — Ninguém iria mandar um exército atrás deste cajado... — O guerreiro fez uma pausa. — Ou iria?

— O cajado é apenas uma parte de tudo isto — disse Raistlin com uma voz sibilante. — Lembrem-se das estrelas caídas!

— Histórias de crianças! — disse Flint. Virou o odre vazio, sacudiu-o e suspirou.

— As minhas histórias não são para crianças — respondeu Raistlin em tom rancoroso, levantando-se das folhas como uma cobra. — E tu farias bem em prestar atenção às minhas palavras, anão!

— Olhem! O veado! — disse Sturm de repente, com os olhos fixos numa grande pedra. Ou assim pareceu aos companheiros. — São horas de partirmos.

O cavaleiro começou a andar. Os outros guardaram apressadamente as suas coisas e correram atrás dele. Enquanto caminhavam mais para cima no caminho que parecia materializar-se diante deles à medida que avançavam, o vento mudou de direção e começou a soprar de sul. Era uma brisa cálida que trazia consigo a fragrância das flores silvestres do outono. O

vento afastou as nuvens de tempestade e, no momento em que chegaram à fenda entre as duas metades do pico, o Sol apareceu.

Já passava muito do meio-dia quando pararam para descansar mais um pouco, antes de tentarem escalar a estreita fenda entre as paredes do Pico do Olho do Orador, por onde Sturm dissera que teriam de passar. O veado indicara esse caminho, segundo insistia.

— Não tarda serão horas de jantar — disse Caramon. Soltou um ruidoso suspiro, olhando para os pés. — Estava capaz de comer as minhas botas!

— Sim, até a mim me começam a fazer crescer água na boca — resmungou Flint. — Bem gostava que esse veado fosse de carne e osso. Sempre seria útil para alguma coisa, além de nos fazer perdermo-nos!

— Cala essa boca! — Sturm virou-se para o anão, subitamente furioso, com os punhos cerrados. Tanis levantou-se rapidamente e colocou uma mão no ombro do cavaleiro, segurando-o.

Sturm estava de pé, a olhar para o anão, com o bigode a tremer, e depois sacudiu-se de Tanis.

— Vamos andando — murmurou.

À medida que iam entrando na estreita ravina, os companheiros podiam ver um céu azul e limpo do outro lado. O vento de sul assobiava entre as paredes íngremes e brancas do pico, que se erguiam acima deles. Avançavam com cuidado, e pequenas pedras faziam com que eles escorregassem por vezes. Felizmente, a passagem era tão estreita que conseguiam equilibrar-se com facilidade, apoiando-se contra as íngremes paredes de rocha.

Ao fim de uns trinta minutos de caminhada, saíram do outro lado do Pico do Olho do Orador. Pararam e olharam para o vale. A vegetação abundante e frondosa descia em ondas de verdura para baixo deles, até chegar à orla de uma floresta de olmos verdes-claros, mais para sul. As nuvens carregadas estavam agora para trás deles, e o Sol brilhava intensamente num céu azul-violeta.

Pela primeira vez, sentiram que as capas eram grossas de mais, com exceção de Raistlin, que se manteve enrolado na sua capa vermelha com capuz. Flint tinha passado a manhã toda a reclamar da chuva, e agora começava a reclamar do Sol; era muito forte e estava a ofuscar-lhe os olhos. Era quente de mais e estava a aquecer-lhe o elmo.

— Acho que devíamos atirar o anão montanha abaixo — resmungou Caramon para Tanis.

Tanis riu-se.

— Faria um barulho como um chocalho até chegar lá abaixo e revelaria o nosso esconderijo.

— E quem está lá em baixo para o ouvir? — perguntou Caramon, apontando na direção do vale com a mão larga. — Aposto que somos os primeiros seres vivos a pôr os olhos neste vale.

— Os primeiros seres vivos — disse Raistlin aspirando o ar. — Tens razão, meu irmão. Porque estás a olhar para a Floresta Escura.

Ninguém disse nada. Vento do Rio mudou de posição, irrequieto; Lua Dourada arrastou-se até ficar ao lado dele, olhando para baixo, para as árvores verdes, com os olhos muito abertos. Flint pigarreou e ficou em silêncio, cofiando o longo bigode. Sturm observava a floresta calmamente. Tasslehoff fazia o mesmo.

— Não me parece nada mal — disse o kender, satisfeito.

Sentado no chão, de pernas cruzadas, com uma imensa quantidade de pergaminhos espalhados nos joelhos, desenhava um mapa com um pedaço de carvão, tentando indicar o caminho que tinham seguido até ao Pico do Olho do Orador.

— As aparências enganam tanto como os kender «de mão ligeira» — sussurrou Raistlin com aspereza.

Tasslehoff franziu o sobrolho e ia responder, quando viu o olhar de Tanis; voltou a desenhar. Tanis foi até junto de Sturm. O cavaleiro estava de pé na plataforma, o vento sul soprava-lhe os longos cabelos para trás e fazia a velha capa ondular em volta dele.

— Sturm, onde está o veado? Estás a vê-lo, agora?

— Sim — respondeu Sturm. E apontou para baixo. — Atravessou a planície; consigo ver o rasto dele na folhagem mais alta. Entrou para a floresta.

— Foi então para a Floresta Escura... — murmurou Tanis.

— Quem te disse que aquilo é a Floresta Escura? — Sturm virou-se e encarou Tanis.

— Raistlin.

— Conversa fiada!

— Ele é mago — argumentou Tanis.

— Ele é louco, isso sim — contestou Sturm. Depois, encolheu os ombros. — Mas podes ficar aqui plantado na face do pico, se quiseres, Tanis. Eu seguirei o veado, tal como Huma fez, nem que isso me leve para dentro da Floresta Escura. — Enrolando a capa à sua volta, Sturm desceu da plataforma e começou a avançar por um caminho sinuoso que descia pela face da montanha.

Tanis voltou para junto dos outros.

— O veado está a levar Sturm para a floresta — disse. — Tens a certeza que esta floresta é mesmo a Floresta Escura, Raistlin?

— Que certeza pode alguém aqui ter de alguma coisa, meio elfo? — respondeu o mago. — Nem sequer tenho a certeza que respirarei mais

uma vez. Mas vamos em frente. Vamos para a floresta de onde homem nenhum jamais voltou. A morte é a única certeza que se tem nesta vida, Tanis.

O meio elfo sentiu um súbito desejo de lançar Raistlin pela montanha abaixo. Olhou para Sturm, que estava quase a meio caminho do vale.

— Eu vou com Sturm — disse repentinamente. — Mas não serei responsável por mais ninguém nesta decisão. Quanto a vocês, podem fazer o que bem entenderem.

— Eu vou! — Tasslehoff enrolou o mapa e guardou-o na caixa dos pergaminhos. Pôs-se em pé, escorregando nas pedras soltas.

— Fantasmas? — Flint lançou um olhar mal-humorado a Raistlin e estalou os dedos, trocista. Depois, deu uma breve corrida até ficar ao lado do meio elfo.

Lua Dourada seguiu-o sem hesitar, embora estivesse pálida. Vento do Rio juntou-se ao grupo mais lentamente, com ar pensativo. Tanis ficou aliviado: os bárbaros tinham muitas lendas assustadoras sobre a Floresta Escura, e ele sabia disso. Por fim, Raistlin avançou tão depressa que apanhou o irmão completamente de surpresa.

Tanis observou o mago com um breve sorriso.

— Porque vens tu? — não conseguiu impedir-se de perguntar.

— Porque vais precisar de mim, Meio Elfo — sibilou o mago. — Além disso, para onde querias que fôssemos? Deixaste que fôssemos guiados até aqui, e agora já não dá para voltar atrás. O que nos propões é a Escolha do Ogre: «Morrer depressa ou morrer devagar.» — Começou a caminhar. — Não vens, meu irmão?

Os outros olharam, pouco à vontade, enquanto Tanis e os irmãos passavam. O meio elfo sentiu-se como um tolo. Raistlin tinha razão, evidentemente. Tinha permitido que aquilo fosse muito além do seu controlo, e depois fizera parecer que era uma decisão deles, e não dele, permitindo-se com isso continuar de consciência tranquila. Irritadamente, pegou numa pedra e lançou-a para longe na colina. Porque seria responsabilidade dele, para começar? Porque se tinha envolvido, quando tudo o que queria era apenas encontrar Kitiara e dizer-lhe que se tinha decidido; que a amava e que a queria. Era capaz de aceitar as fraquezas humanas dela, e tinha aprendido a aceitar as suas próprias fraquezas.

Mas Kit não voltara para ele. Tinha um «novo senhor». Talvez fosse por isso que ele...

— Vamos, Tanis! — A voz do kender flutuou até ele.

— Estou a ir — murmurou.

...

O Sol estava a começar a pôr-se a oeste quando os companheiros chegaram à orla da floresta. Tanis calculou que ainda tivessem pelo menos três ou quatro horas de luz do dia. Se o veado continuasse a guiá-los por caminhos abertos e planos, havia uma possibilidade de conseguirem atravessar a floresta antes que a escuridão chegasse.

Sturm esperou por eles sob os olmos, descansando confortavelmente à sombra verde da folhagem. Os companheiros saíram da colina lentamente, porque nenhum tinha pressa de entrar na floresta.

— O veado entrou por aqui — disse Sturm, pondo-se de pé e apontando para a vegetação alta.

Tanis não viu pegadas. Bebeu um pouco de água do cantil quase seco e olhou para o interior da floresta. Tal como Tasslehoff tinha dito, a floresta não parecia ser sinistra. Na verdade, parecia até refrescante e convidativa, depois do desagradável brilho do Sol do outono.

— Talvez haja por aqui caça — disse Caramon, balouçando o corpo sobre os calcanhares. — Nada de veados, claro... — acrescentou apressadamente. — Mas talvez uns coelhos.

— Não disparem sobre nada. Não comam nada. Não bebam nada na Floresta Escura — sussurrou Raistlin.

Tanis olhou para o mago, que tinha os olhos de ampulheta dilatados. A pele metálica brilhava com uma cor fantasmagórica sob a luz crua do Sol. Raistlin apoiou-se no cajado, tremendo como se estivesse com frio.

— Histórias para crianças — resmungou Flint, embora sem convicção na voz.

Apesar de saber que Raistlin tinha uma certa queda para o dramatismo, Tanis nunca antes vira o mago afetado daquela maneira.

— Que estás tu a sentir, Raistlin? — perguntou serenamente.

— Há uma magia grande e poderosa nesta floresta — sussurrou Raistlin.

— Maligna? — perguntou Tanis.

— Apenas para os que trazem o mal dentro de si — declarou o mago.

— Então, és o único que precisa de ter medo desta floresta — disse Sturm ao mago com frieza.

A cara de Caramon ficou vermelha-arroxeadas; a mão procurou a espada. A mão de Sturm procurou também a sua. Tanis segurou o braço de Sturm, enquanto Raistlin fazia o mesmo ao do irmão. O mago encarou o cavaleiro, e os olhos dourados piscavam suavemente.

— Veremos — disse Raistlin. As palavras não eram mais do que sons sibilantes saindo-lhe por entre os dentes. — Veremos. — Depois, apoiando-se sobre o cajado, Raistlin virou-se para o irmão. — Vens?

Caramon olhou irritadamente para Sturm, e depois entrou na floresta,

caminhando ao lado do irmão gémeo. Os outros seguiram atrás deles, deixando apenas Tanis e Flint no meio da vegetação alta e ondulante.

— Estou a ficar demasiado velho para isto, Tanis — disse o anão subitamente.

— Tolice — respondeu o meio elfo, sorrindo. — Lutaste como um...

— Não, não estou a falar de ossos, nem dos músculos — o anão olhou para as mãos deformadas —, ainda que esses já sejam bastante velhos. Estou a falar do espírito. Há anos, antes de todos os outros terem nascido, tu e eu teríamos atravessado uma floresta mágica sem pensarmos duas vezes. Agora...

— Anima-te — disse Tanis. Tentou soar tranquilo, embora estivesse profundamente perturbado pela invulgar seriedade do anão. Observou Flint de perto pela primeira vez desde que se encontravam fora de Solace. O anão parecia velho, mas Flint sempre lhe parecera velho. O rosto do anão, na parte que se conseguia ver por entre a barba grisalha, os bigodes e as sobranceiras brancas, estava bronzeado, com rugas e estalado como couro velho. O anão resmungava e queixava-se. E essa mudança estava nos olhos. O brilho de fogo desaparecera.

— Não te deixes alterar por Raistlin — disse Tanis. — Vamos sentar-nos em volta da fogueira esta noite e rir das histórias de fantasmas dele.

— Imagino que sim. — Flint suspirou. Ficou em silêncio por um momento, e depois disse:

— Um dia serei um empecilho, Tanis. Não quero que alguma vez penses: «Porque aturo eu este anão velho e rabugento?»

— Porque preciso de ti, meu anão velho e rabugento — disse Tanis, pousando as mãos nos ombros do anão. Fez um gesto para indicar que entraria na floresta depois dos outros. — Preciso de ti, Flint. Os outros são todos tão... jovens. Tu és como uma rocha sólida onde posso apoiar as minhas costas quando empunho a espada.

O rosto de Flint ficou vermelho de alegria. Deu um puxão nas barbas, e depois pigarreou.

— Sim, pois... Sempre foste um sentimental. Vamos. Estamos aqui a perder tempo. Quero atravessar esta floresta o mais depressa possível. — Depois murmurou:

— Fico satisfeito que ainda seja dia.